UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DOS TRILHOS DO TREM AO JORNAL "CORREIO DA PEDRA": UMA VIAGEM AO INÍCIO DO PROCESSO EDUCATIVO NO PERCURSO DA ESTRADA DE FERRO PAULO AFONSO – PIRANHAS (AL) A JATOBÁ (PE) - (1879-1930)

ALESSANDRA FIGUERÊDO MOREIRA

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DOS TRILHOS DO TREM AO JORNAL "CORREIO DA PEDRA": UMA VIAGEM AO INÍCIO DO PROCESSO EDUCATIVO NO PERCURSO DA ESTRADA DE FERRO PAULO AFONSO – PIRANHAS (AL) A JATOBÁ (PE) - (1879-1930)

ALESSANDRA FIGUERÊDO MOREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Sergipe, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação

Orientador(a): Profa. Dra. Josefa Eliana Souza

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2023

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Moreira, Alessandra Figuerêdo.
M838d Dos trilhos do trem ao jornal “Correio da Pedra”: uma viagem ao início do processo educativo no percurso da estrada de ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) - (1879-1930) / Alessandra Figuerêdo Moreira; orientadora Josefa Eliana Souza. – São Cristóvão, SE, 2023.
134 f.: il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Educação - História. 2. Pedagogia crítica. 3. História - Fontes. 4. Ensino – Metodologia. 5. 1’Desenvolvimento social. I. Jornal Correio da Pedra. II. Souza, Josefa Eliana, orient. III. Título.

CDU 37.014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ALESSANDRA FIGUERÊDO MOREIRA

"DOS TRILHOS DO TREM AO JORNAL CORREIO DA PEDRA: UMA VIAGEM AO INÍCIO DO PROCESSO EDUCATIVO NO PERCURSO DA ESTRADA DE FERRO PAULO AFONSO - PIRANHAS (AL) A JATOBÁ (PE) – (1879-1930)"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 03.07.2023.

Profª Drª Josefa Eliana Souza (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Profº Dr. Joaquim Tavares da Conceição
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Profª Drª Silvânia Santana Costa
Universidade Tiradentes / UNIT

Prof. Dr. Edvaldo Francisco do Nascimento
Secretaria de Educação de Alagoas / SEDUC

Profª Drª Wênia Mendonça Silva
Secretaria de Educação de Barra dos Coqueiros /SE

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2023

AGRADECIMENTOS

Com muita determinação, concluo mais uma empreitada importante de minha vida e sei que nunca estive sozinha. Nessa jornada, muitas foram as pessoas que me foram caras, a quem devo, direta ou indiretamente, a realização desta pesquisa. Por isso, cabe agradecer.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me permitir SER. Muitas vezes, quando precisei trabalhar e estudar ao mesmo tempo, e sentia que não daria conta de tudo, Ele, de alguma maneira, permitia que um "pensamento" chegasse à minha mente. Geralmente, era: "você vai conseguir". E, naqueles momentos de desespero, enquanto chorava escondida em meu quarto, sentia uma FORÇA preenchendo meu coração de coragem. Sabia que eram meus irmãos de luz, meus guias, meus anjos guardiões - ou qualquer outra nomenclatura - enviados por Deus para me ajudar. Gratidão, Universo!

Agradeço, muitíssimo, à minha orientadora, a Profa. Dra. Josefa Eliana Souza, pela postura profissional exemplar e pela paciência que teve perante minhas dificuldades, que não foram poucas. A senhora é GRANDE! Ao Prof. Dr. Edvaldo Francisco do Nascimento, que além de um grande amigo, foi meu maior incentivador na realização deste curso, e instrumento de Deus para que eu pudesse me dedicar, com exclusividade, aos meus estudos. Sei que não mediu esforços. Muito obrigada, Prof. Edvaldo!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação, pelo profissionalismo com que conduziram suas disciplinas. Aos professores da Banca do exame de Qualificação: Profa. Dra. Ane Rose Maciel, Prof. Dr. Edvaldo Francisco do Nascimento, Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição e Profa. Dra. Silvânia Santana Costa, por terem feito importantes críticas a este trabalho. Estas me instigaram e contribuíram muito no desenvolvimento do meu ofício como pesquisadora.

Aos meus queridos amigos do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior – GREPHES -, em especial ao Danilo Mota de Jesus e a Wênia Mendonça Silva, porque nunca me disseram não quando solicitei ajuda. Pessoas que guardarei no coração com imenso carinho. Aos colegas do Mestrado que, de maneiras e em tempos diferentes, me ajudaram a suportar a pressão de um mundo que eu ainda não estava adaptada, e numa época tão difícil para todos (a pandemia do novo coronavírus).

Ao meu filho, Víctor Figueredo, por ter sido meu "porto seguro" nos cuidados com o irmão, ao longo desses dois anos repletos de dias que "não foram nada fáceis". Muitíssimo obrigada, filho! Repito aqui o que falei para você no dia da defesa do seu TCC: "Conseguimos!". Ao meu filho, Breno Figueredo, por compreender minha ausência em tantos

momentos de sua “vidinha” e por sempre me receber com sorrisos e abraços cheios do amor mais puro, sempre me dizendo: “Você é a mãe mais linda” ou “Eu sei que você precisa fazer isso para comprar nossas coisas”. Te amo, filho!

Ao João Bastos, meu companheiro, por ter me escutado, me acolhido e me encorajado a seguir pela árdua caminhada acadêmica, me fazendo acreditar que o melhor sempre estava por vir. Por ter feito tudo que foi possível para deixar minha jornada mais leve. Gratidão, João! Sem você, tudo teria sido muito mais difícil!

Ao meu pai (in memoriam), pelo grande exemplo de perseverança e de amor que foi em minha vida. Aproveito para dizer que estou com muita saudade. Gratidão por sempre ter acreditado em mim! À minha mãe, que por tantas vezes cuidou dos meus filhos enquanto eu viajava e, também, porque sei que em todos os momentos estive em suas orações. Às minhas irmãs, ao meu irmão, às minhas sobrinhas, aos meus sobrinhos e aos meus cunhados, pelo imenso carinho que me deixavam com seus bons abraços.

À Elizabeth da Rocha Ribeiro, vizinha e amiga querida, por ter cuidado tão bem do meu Breno, me passando a tranquilidade que eu precisava para viajar, ou estudar, em paz. Às minhas amigas e aos meus amigos, porque sei que sempre torceram pelo meu sucesso.

À Secretaria de Educação do Estado de Alagoas e à Secretaria de Educação do Município de Delmiro Gouveia (AL), pela liberação para realização deste curso.

À cidade de Aracaju, por ter me acolhido. Tudo lá foi descoberta: a localização dos bairros, os melhores lugares para comer (os mais baratos, de preferência), o forró no “Cariri” às sextas-feiras à noite, quando dava tempo (me diverti muito) e as pessoas maravilhosas que conheci. Aprendi a amar e já é meu lugar escolhido para morar.

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se analisar práticas pedagógicas e culturais das escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. O recorte temporal adotado, entre os anos de 1879 e 1930, corresponde ao período de indícios das primeiras escolas do percurso pesquisado e da última edição publicada pelo jornal "Correio da Pedra", principal fonte documental utilizada na pesquisa. O estudo tem por finalidade evidenciar o trabalho realizado, sobretudo, por Reinaldo von Krüger, além de Delmiro Gouveia e Dr. Brandão Cavalcanti como homens que transformaram a vida dos habitantes daquela região, destacando as transformações no âmbito da educação. Este estudo insere-se no campo da História da Educação e constitui-se em uma pesquisa qualitativa, de cunhos histórico, documental e bibliográfico que comunga princípios defendidos pela História Cultural. Os fundamentos teórico-metodológicos que cimentam este trabalho atendem aos conceitos de "civilização", defendido por Norbert Elias, articulado ao conceito de "modernidade", utilizado por Justino Magalhães, e aos conceitos de "representação", "apropriação" e "materialidade", de Roger Chartier, os quais subsidiaram o processo de análise dos dados coletados. Dentre as fontes documentais apresentam-se: jornais, leis, decretos, ofícios e fotografias. As fontes documentais que direcionam nossa pesquisa encontram-se no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGAL, e no Arquivo Público de Alagoas – APA. Nesse sentido, entende-se que a chegada da ferrovia e as iniciativas desses homens contribuíram para modificar a fisionomia local e ajudaram na constituição de uma nova dinâmica na sociedade da época.

Palavras-Chave: escolas na Estrada de Ferro Paulo Afonso; educação no sertão; instrução pública.

ABSTRACT

This research proposes to analyze the pedagogical and cultural practices of the schools that bordered the Estrada de Ferro Paulo Afonso (Paulo Afonso Railroad), published in the newspaper Correio da Pedra, between 1922 and 1930. The chronological cut refers to 1922 as the year of the first edition that it was possible to locate and 1930 as the year in which the weekly had its last publication. This study is part of the field of History of Education and constitutes a qualitative examination of the historical, documentary, and bibliographic knowledge that shares principles defended by Cultural History. The theoretical-methodological foundations that support this work meet the concepts of "civilization", upheld by Norbert Elias, articulated to the visions of "modernity", used by Justino Magalhães, and to the ideas of "representation", "appropriation", and "materiality", by Roger Chartier, which contributed to the analysis process of the collected data. Among the proposed documentary sources are the weekly newspaper Correio da Pedra, as a primary source, and also laws, decrees, official letters, and photographs. The documentary sources that guide our research are in the collection of the Historical and Geographical Institute of Alagoas – IHGAL and the Public Archive of Alagoas – APA. In this sense, it is understood that the arrival of the railroad and the initiatives of these men contributed to modify the local physiognomy and helped in the constitution of a new dynamic in the society of the time.

Keywords: schools in the Paulo Afonso Railway; education in the Sertão; public instruction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imperador D. Pedro II 23
Figura 2 - Cachoeira de Paulo Afonso 24
Figura 3- Mapa do percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso - Piranhas (AL) a Jatobá (PE) 26
Figura 4 - Criança representante da seca do Ceará 29
Figura 5- Cidade de Piranhas (AL) na época da construção de EFPA 31
Figura 6 - Início da construção da EFPA 33
Figura 7 - Pontilhão sobre riacho da EFPA 34
Figura 8 – Terraplanagem da EFPA 35
Figura 9 - Construção da primeira ponte ferroviária, em Piranhas 36
Figura 10 - Mapa detalhado do percurso da EFPA 38
Figura 11- Locomotiva Sinimbu da EFPA 39
Figura 12 - Estação Inicial – Piranhas (AL) 40
Figura 13 - Estação Inicial de Piranhas (AL) e a torre do relógio 41
Figura 14- Estação Pedra - km 54 42
Figura 15 - Usina Hidrelétrica de Angiquinho na Cachoeira de Paulo Afonso 44
Figura 16- Companhia Agro Fabril Mercantil 45
Figura 17- Rua da vila operária da Pedra 46
Figura 18- Estação Final – Jatobá (PE) 48
Figura 19 - Cais D. Pedro II, na cidade de Jatobá (PE) 48
Figura 20 – Planta da futura cidade de Jatobá (PE) 49
Figura 21- Primeira edição localizada do jornal Correio da Pedra 57
Figura 22 - Volumes da coletânea do jornal Correio da Pedra 58
Figura 23 - Volume I dos exemplares originais do jornal Correio da Pedra 60
Figura 24 - Última edição do jornal “Correio da Pedra” 62
Figura 25 - A cidade de Piranhas 68
Figura 26 - Engenheiro Reinaldo von Krüger 69
Figura 27 - Casa do Cipó 70
Figura 28 - O industrial Delmiro Gouveia 74
Figura 29 - Grupo Escolar Delmiro Gouveia 78
Figura 30 - Methodo Hudson 96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplares originais do jornal Correio da Pedra.....18
Quadro 2 - Exemplares da Coletânea Correio da Pedra (1922-1930).....19
Quadro 3- Matérias relacionadas à educação no jornal Correio da Pedra.....20
Quadro 4 - Descrição do traçado da EFPA.....27
Quadro 5 – Tarifas.....39
Quadro 6 - Estrutura do jornal Correio da Pedra.....59
Quadro 7 - Levantamento das matérias relacionadas às escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso.....64
Quadro 8 - Escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso.....65
Quadro 9 - Lista de nomes de alunos de uma escola no Sítio Juazeiro – Jatobá (PE).....83
Quadro 10 - Levantamento das matérias sobre prática pedagógica, livro e alfabetização.....90

LISTA DE SIGLAS

AI – Ato Institucional

AL – Alagoas

APA – Arquivo Público de Alagoas

CHESF – Companhia Hidro Elétrica do São Francisco

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CODEVA – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco

EFPA – Estrada de Ferro Paulo Afonso

EMFA – Estado Maior das Forças Armadas

ESG – Escola Superior de Guerra

FEB – Força Expedicionária Brasileira

GREPHES - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior

IHGAL - Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

PE – Pernambuco

PPGED - Programa de Pós-graduação em Educação

SNI – Serviço Nacional de Informação

SUVALE – Superintendência do Vale do São Francisco

UFS - Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

2. A ESTRADA DE FERRO PAULO AFONSO E O JORNAL "CORREIO DA PEDRA": COMUNICANDO O SERTÃO 22

2.1 O Funcionamento da Estrada de Ferro Paulo Afonso - Piranhas (AL) a Jatobá (PE): o sertão nos trilhos das oportunidades 37

2.1.1 A Estação Inicial 40

2.1.2 A Estação Pedra 42

2.1.3 A Estação Final 47

2.2 Desativação da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) 53

2.3 O jornal Correio da Pedra e as notas sobre educação 55

3. NOS CAMINHOS DO SABER: A EDUCAÇÃO SERTANEJA NA ROTA FERROVIÁRIA 64

3.1 Estação Inicial: Piranhas e as escolas de Reinaldo von Krüger 68

3.2 Estação Pedra: Delmiro Gouveia e o modelo de educação para o Brasil 73

3.3 Estação Final: Jatobá e as escolas idealizadas por Dr. Brandão Cavalcanti 79

4. A PRÁTICA PEDAGÓGICA NOS CAMINHOS DO TREM 86

4.1 A prática escolar 90

4.2 Os Métodos Pedagógicos 93

4.3 Livros didáticos 97

4.4 As comemorações 99

4.5 A higiene escolar 100

REFERÊNCIAS 108

APÊNDICE 112

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa as práticas pedagógicas e culturais das escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL)[1] a Jatobá (PE)[2], no período de 1879 a 1930, com a finalidade de evidenciar o início do processo educativo nos municípios que fizeram parte do percurso da ferrovia em destaque. Por isso, buscou-se a análise de fontes documentais, como jornais do período estudado - o "Correio da Pedra" como fonte primordial -, leis, decretos, ofícios e fotografias.

Nesse sentido, Le Goff (2003) entende que os documentos escritos são importantes fontes na busca pela informação. No entanto, para o autor,

> nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é "falso", avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estarem sujeitos a tratamentos destinados a transformar sua função de mentira em confissão de verdade (LE GOFF, 2003, p. 110).

Percebe-se, por esta citação, que cabe ao historiador problematizar o documento e a sua produção a partir de um olhar crítico e atento, pois ele resulta da história de uma sociedade, em uma determinada época. Ainda, segundo o autor, o historiador deve observar os fatos em um documento "como o químico encontra os seus, em experiências minuciosamente conduzidas" (LE GOFF, 2003, p. 106). Em virtude disso, nada deve ser acrescentado além do que neles contém.

Desse modo, o tema deste trabalho mostra-se relevante e vincula-se à linha "História da Educação" do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, da Universidade Federal de Sergipe – UFS, pois apresenta uma perspectiva de investigação historiográfica sobre educação, modalidades de ensino, instituições, processos de ensino e materiais impressos, tendo seus pressupostos teóricos embasados na História da Educação e na História Cultural.

Para esta análise, algumas questões se formularam: quais escolas situavam-se às margens da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE)? Foi estabelecido um

---

[1] Piranhas pertencia ao município de Pão de Açúcar (AL), último ponto do trecho navegável do Baixo São Francisco. Disponível em: https://www.historiadealagoas.com.br/theodoro-sampaio-no-baixo-sao-francisco.html. Acesso em: 26 de abr. 2023. Doravante, quando for utilizada a sigla EFPA estamos nos referindo à Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE).

[2] Jatobá, na época de Delmiro Gouveia, era uma vila do município de Tacaratu/PE, onde ficava a última estação do ramal do Trem Paulo Afonso. Hoje, município emancipado de Tacaratu (NASCIMENTO, 2018, p. 22).

modelo educacional nas práticas pedagógicas? As instituições de ensino tinham um calendário de eventos a ser comemorado? É possível caracterizar o impacto da ação dessa educação nas transformações da região onde as escolas estavam localizadas?

Como objetivos específicos, buscamos identificar a localização das escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE); revelar as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas; analisar como aconteceu o processo educativo na região do percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso - Piranhas (AL) a Jatobá (PE) e investigar as transformações ocorridas na região que abeirava a Estrada de Ferro Paulo Afonso - Piranhas (AL) a Jatobá (PE) - com a chegada das escolas.

A definição do recorte temporal (1879-1930) justifica-se pelo fato de 1879 ser o ano em que foram encontrados indícios das primeiras escolas do percurso pesquisado, um ano após o início da construção da ferrovia. E 1930 como o ano da última edição publicada pelo jornal Correio da Pedra, principal fonte documental utilizada na pesquisa.

Entende-se que esta pesquisa possibilita a compreensão dos objetivos da construção da EFPA e da fundação do jornal Correio da Pedra, periódico não especializado na área da educação, mas que por ter tido sua origem no núcleo fabril da Vila da Pedra, possuía um forte vínculo pedagógico. Destaca-se que esses empreendimentos tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento da civilização e do progresso da sociedade sertaneja da época.

O interesse pelo objeto deste estudo surgiu quando li o livro "Delmiro Gouveia e a educação na Pedra", do Prof. Dr. Edvaldo Francisco do Nascimento[3]. Após a leitura desse estudo, nasceu o desejo de investigar se além das escolas que faziam parte do núcleo fabril, outras também existiam no percurso da linha férrea. Consequentemente, também nasceu a vontade de saber onde essas escolas, se existiram, estavam localizadas e quais práticas pedagógicas desenvolviam.

Posto isso, importa lembrar que na segunda metade do século XIX, com a chegada das ferrovias às regiões mais desenvolvidas do Brasil, desponta o desejo de expansão da malha ferroviária para as regiões afastadas dos centros urbanos, como as dos sertões do Nordeste. Essa

[3]"Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, com estágio de Doutoramento intercalar no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, financiado pela CAPES. Possui Mestrado em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas (2012), Especialização em Psicopedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (2003), graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (2002). Como pesquisador tem atuado nos seguintes temas: Educação, História da Educação, Desenvolvimentismo e Educação, Educação e Cultura no Sertão. Também pesquisa a trajetória do industrial Delmiro Augusto da Cruz Gouveia. Organizou a publicação da Coleção do Jornal Correio da Pedra (2017)".
Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/7867123/edvaldo-francisco-do-nascimento. Acesso em: 20 de jan. 2023.

iniciativa tinha por finalidade interligar as áreas produtoras de matérias-primas àquelas onde estavam localizados os portos e, com isso, facilitar o escoamento desses produtos.

Partindo deste propósito e para amenizar o flagelo fomentado pela seca de 1877, por ordem do Imperador D. Pedro II, em 1878, a Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) - começou a ser construída para atender a população da parte não navegável do rio São Francisco, aparecendo no cenário sertanejo como a força precursora de esperança e de modernidade, modificando, para todo o sempre, a vida dos sertanejos que assentavam aquela região (SILVA, 2012). Cumpre destacar que a ferrovia utilizou mão de obra sertaneja em sua construção.

Esta estrada de ferro foi essencial, também, para que Delmiro Gouveia[4] construísse a primeira Usina Hidrelétrica do Nordeste, Angiquinho[5], na região do povoamento chamado Pedra, município de Água Branca (AL), que posteriormente teve seu nome mudado para Delmiro Gouveia, em 30 de dezembro de 1943, em homenagem ao seu fundador.

Além da usina, Delmiro Gouveia construiu uma fábrica de linhas e uma vila operária repleta de características peculiares, dentre as quais, a circulação de um jornal, o Correio da Pedra, que trazia informações sobre aspectos da vida daquela comunidade, inclusive sobre o cenário educacional da época, e da proposta educativa de modernidade e civilização desenvolvida no núcleo fabril (NASCIMENTO, 2018). O jornal circulou na Vila da Pedra e região sertaneja dos estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco, de 1918 a 1930. Em seus escritos, levava notícias sobre a ferrovia, sobre os ideais e atividades desenvolvidas pela fábrica, assim como o modelo de ensino e regras higiênicas que precisavam ser adotados, num esforço para transformar as vidas dos cidadãos sertanejos daquela localidade.

O referencial teórico da pesquisa fundamenta-se nos conceitos de: “representação”, “apropriação” e “materialidade”, de Roger Chartier. Para este pesquisador, “a apropriação tal como a entendemos visa a uma história social dos usos e das interpretações, relacionada às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem” (CHARTIER, 2002, p. 68). Desta forma, o processo de apropriação nada mais é do que a maneira como cada leitor se apropria da leitura de um impresso, projetando nela as suas ideias e a sua interpretação. Com relação à representação, para Chartier, “é a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa” (CHARTIER, 2002, p.74).

[4] Delmiro Augusto da Cruz Gouveia (1863-1917) foi um importante industrial brasileiro que ficou conhecido como o “rei das peles”. Fundou um núcleo fabril que serviu de modelo para o Brasil e o mundo (NASCIMENTO, 2018).
[5] Inaugurada em 26 de janeiro de 1913, “antes que a cidade do Recife, metrópole do Nordeste, começasse a possuir serviços públicos de iluminação e transporte elétricos” (ROCHA, 2012, p.138).

Quando o leitor se apropria de alguma informação veiculada em um impresso, ele constrói uma representação daquela realidade, formula uma imagem para si mesmo ou para os outros. É através do processo de apropriação que o leitor constrói as representações.

Quanto à materialidade, para Chartier, são os suportes e veículos dos textos. Segundo esse pesquisador, "deve-se lembrar que as formas que os dão a ler, a ouvir, ou a ver participam elas também da construção de sua significação" (CHARTIER, 2002, p. 256). Ou seja, a compreensão de um texto depende das formas pelas quais ele chega ao leitor. Por isso, para o autor, ao se estudar um impresso deve-se estar atendo às particularidades de seus suportes.

Na teoria do processo civilizador, segundo Norbert Elias (1994), as transformações dos costumes relacionados às regras de comportamento social, à moral, à ética e aos valores revelam-se nas relações com os outros. E esses foram aspectos necessários e condizentes para a modificação e o desenvolvimento dos indivíduos da região dos sertões quando a Instrução Pública passou a ser aclamada como princípio fundamental para o desenvolvimento do país.

Ao que se refere à "modernidade", conforme assevera Magalhães (2010), a escola emerge, no século XX, consolidada enquanto instituição de cunho pedagógico, no plano interno e na sua evolução com a sociedade. Nesse contexto, estrutura-se numa percepção maior de organização e burocratização, além de reconfigurar o sentido do escolar e do educacional escolar, elementos basilares da modernidade, como meio de ordenação e progresso da sociedade.

Sobre a História Cultural, Burke (2005) traz a proposta de uma historiografia mais dinâmica no seu aprofundamento, fazendo uma abordagem mais interessante, e necessária ao empreendimento coletivo. Para o autor, é muito mais significativo dar atenção aos métodos e às interpretações dos símbolos, do que aos objetos. Nessa perspectiva, a História Cultural propõe-se a analisar uma determinada sociedade, historicamente localizada, em sua dimensão cultural.

No ano de 2019, por incentivo do Prof. Dr. Edvaldo Francisco do Nascimento, busquei a Universidade Federal de Sergipe – UFS, com o intuito de cursar Mestrado em Educação. Na ocasião, tive a grata oportunidade de conhecer a Profa. Dra. Josefa Eliana Souza[6], minha

[6]Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006), Mestrado em Educação obtido na Universidade Federal de Sergipe - UFS (1998), Bacharela em História pela Universidade Federal de Sergipe (1984) e Graduada em História, também pela Universidade Federal de Sergipe (1979). Professora Associada II do Departamento de Educação e membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS. Membro da Comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Membro do Conselho Editorial/Científico Nacional da Interespaço - Revista de Geografia e Interdisciplinaridade. Membro da Sociedade Brasileira de História da Educação/SBHE. Detentora do Diploma e Medalha Deputada Quintina Diniz concedido

orientadora. Posteriormente, passei a integrar o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior – GREPHES[7]/UFS/CNPq -, que tem como foco principal a história da Universidade Federal de Sergipe – UFS -, além de desenvolver estudos sobre biografia e trajetória de vida de intelectuais ligados à história da UFS, âmbito em que a Profa. Josefa Eliana tem um projeto sobre impressos. Portanto, é nesta dimensão que se inclui esta pesquisa.

No GREPHES, tive a oportunidade de acompanhar como acontece a produção de conhecimento no campo da História da Educação. Convém salientar que esta foi uma etapa muito importante no processo de organização do meu projeto de pesquisa porque, como sou da área de Letras, não estava habituada a pensar como historiadora. Aspecto que, sem dúvidas, foi de extrema relevância em minha preparação para participar da seleção de mestrado no segundo semestre deste mesmo ano que, por questões de logísticas, ou mesmo por medo de ainda não ter um bom projeto de pesquisa, não aconteceu, ficando para 2020.

Em 2020, com muita tristeza, entramos na pandemia do Novo Coronavírus e, mais uma vez, não tive condições de participar da seleção de mestrado. No entanto, continuei no GREPHES e, por intermédio deste grupo de pesquisa, participei de eventos que me deram subsídios para direcionar meus estudos e leituras com foco no que seria fundamental na definição do meu objeto de pesquisa e na estruturação do meu projeto. Desse modo, dediquei-me a garimpar no Correio da Pedra matérias sobre educação, escolas e quaisquer outras discussões que indicassem as mudanças ocorridas na vida dos sertanejos daquela região que eu pretendia estudar.

---

pela Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe. Atua no campo da História da Educação e os seus interesses estão voltados para discussões que dizem respeito ao Ensino Superior no Brasil (Instituições, Intelectuais, Representações, Memória e Materiais Impressos), tendo como foco principal a história da Universidade Federal de Sergipe / UFS). Lidera o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior GREPHES/UFS/CNPq. (Texto informado pelo autor no Currículo Lattes). Disponível em: http://lattes.cnpq.br/0698585902048453. Acesso em: 15 ago. 2022.

[7]"O Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior (GREPHES), liderado pela professora Dra. Josefa Eliana Souza, foi criado em outubro de 2011. O GREPHES iniciou suas atividades em março de 2010. O objetivo era desenvolver estudos associados à linha de pesquisa "História da Universidade" por meio do Projeto intitulado **Universidade Federal de Sergipe de Escola Superior a Universidade Multicampi**. A produção acadêmica decorrente dos estudos iniciais resultou em variados artigos, monografias, dissertações e teses em andamento, além do livro "História e Memória – Universidade Federal de Sergipe (1968-2012)" financiado pela UFS. As ações do GREPHES têm por objetivo investigar as transformações históricas que resultaram na implantação e funcionamento da UFS. Além da História da instituição, interessam estudos sobre a construção de trajetórias de intelectuais da educação; práticas pedagógicas; criação, circulação e difusão de impressos; assim como, articular o ensino superior com a educação patrimonial e a história da expansão da UFS, em Sergipe. A produção acadêmica decorrente de estudos iniciais voltados para a realização do projeto (supracitado) vem se tornando, cada vez mais, um campo de pesquisa necessário para compreensão das modificações e permanências no âmbito da única instituição pública de ensino superior no Estado de Sergipe". Informações coletadas em: https://cech.ufs.br/pagina/20772-grupos-de-pesquisa. Acesso em: 15 ago. 2022.

Guiando-me pelos estudos de Nascimento (2018), percebi a importância de Delmiro Gouveia no desenvolvimento da educação escolar para o grande número de sertanejos analfabetos existentes na Vila da Pedra. Nesta obra, que também tem o jornal Correio da Pedra como fonte, o autor organiza informações importantes a respeito de como aconteceu todo esse processo, trazendo-nos o recorte das publicações. Dentre as informações, destacam-se: a quantidade de escolas existentes na vila, como era veiculado o resultado dos exames realizados pelos alunos, sobretudo, a maneira como era realizado o acompanhamento destes, sob o olhar do inspetor Adolpho Santos, e sobre quais eram as recompensas ofertadas a estes e a formação de um grupo escolar.

Analisar este contexto com o olhar focado nas matérias publicadas pelo semanário sertanejo sobre o processo educacional, especificamente, contribuiu para a sistematização de uma possível releitura de aspectos que evidenciaram as práticas pedagógicas desenvolvidas. Destaca-se que esta pesquisa não se limita à análise apenas dos processos desenvolvidos pelas escolas do núcleo fabril. Do mesmo modo, estende-se àquelas comunidades cuja população vivenciou o impacto civilizatório provocado por uma tríade que tem como representação a força da chegada de uma ferrovia, a capacidade empreendedora de um homem e a circulação de um jornal.

Cabe observar que, embora eu seja natural do município de Delmiro Gouveia (AL), e resida na referida cidade, não conhecia o periódico. Convém ressaltar, também, que o manuseio que tive com os exemplares do Correio da Pedra não aconteceu com os originais, que fazem parte do acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGAL -, mas com a coleção organizada pelos professores Edvaldo Francisco do Nascimento e Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros[8]. Após a consulta, percebi a grandeza da fonte histórica que tinha em mãos e o quanto esta seria fundamental para o entendimento dos processos histórico-educativos

[8]"Antropóloga - com Doutorado e Mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997 e 1980); Pós-doutorado em Ciência da Literatura pela UFRJ (2008); Pós-doutorado em Antropologia pela UNICAMP (1999); Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio de Janeiro (1968); graduação em Fisioterapia - Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro (1966). Atualmente é Líder do Grupo de Pesquisa "Pensamento Social: Memória, Espaço Urbano e Cultura" CNPQ/UERJ. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase nos temas: pensamento social brasileiro; catolicismo popular; antropologia da violência; antropologia da literatura; memória e história oral; movimentos sociais - antropologia política. Autora dos livros: "Pelos Sertões do Nordeste"; Juazeiro do Padre Cícero A Terra da Mãe de Deus; Arthur Ramos e as Dinâmicas Sociais de Seu Tempo; A Derradeira Gesta: Lampião e Nazarenos Guerreando no Sertão e Nelson Werneck Sodré: um perfil intelectual. Organizadora e co-organizadora de livros sobre Octávio Brandão, Nise da Silveira, Guerra-Peixe, memória e história oral dos bairros portuários do Rio de Janeiro; Arthur Ramos; Padre Cícero e Nelson Werneck Sodré. Escreveu mais de uma centena de capítulos de livros e artigos em periódicos e jornais, no Brasil e no exterior". Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/1322364/luitgarde-oliveira-cavalcanti-barros. Acesso em: 16 de set. 2022.

desenvolvidos na região a qual pertenço. Com isso, meu desejo de fazer um curso de mestrado reacendeu.

As informações obtidas por meio das matérias do periódico levaram-me a buscar novas informações acerca de outros trabalhos que tiveram o jornal Correio da Pedra como fonte de pesquisa e/ou utilizaram as escolas que margearam a linha férrea como objeto. Dessa forma, comecei a organizar meu projeto com a busca de trabalhos que estivessem relacionados ao meu objeto de pesquisa: as escolas que margearam a Estrada de Ferro Paulo Afonso.

No tocante às produções acadêmicas, o número de trabalhos relativos ao objeto de estudo desta pesquisa é bastante reduzido. Ao fazer uma busca no Google Acadêmico, usando as palavras-chave: "escolas na estrada de ferro Paulo Afonso" e "educação no jornal correio da pedra", encontrei dois trabalhos.

O primeiro, cujo objeto se refere a um ensaio: "Correio e Vila Operária da Pedra: o patronato e a ideologia do trabalho com uma experiência comunitária". No estudo, o autor, Eduardo Bezerra Cavalcante (1998), faz referência ao jornal como parte complementar do projeto industrial de Delmiro Gouveia, na vila operária da Pedra, abeirada a uma estação ferroviária, a poucos quilômetros da cachoeira de Paulo Afonso, na fronteira dos estados de Alagoas e Bahia. Segundo Cavalcante, o semanário tinha como organizador o gerente da Fábrica de Linhas Estrela, da Companhia Agro Fabril Mercantil, e trazia uma série de iniciativas de caráter civilizatório, com intenções ligadas à função política e social da fábrica. Dessa maneira, tornou-se mensageiro de propagação de normas, ideais, atividades e instituições envolvidas em um modo de viver como integração comunitária.

O segundo estudo, a tese de doutoramento "O Senhor da Pedra: os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940-1980)", escrito por Dilton Cândido Santos Maynard (2008), analisa como as produções sobre o industrial serviram para a construção de um mito modernizador do sertão.

Na Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe, fazendo-se a busca com as mesmas palavras-chave: "escolas na estrada de ferro Paulo Afonso" e "educação no jornal correio da pedra", encontrei um estudo resultante da dissertação "O Patrão, o contador e o empregado: Delmiro Gouveia nas biografias de Adolpho Santos e Lauro Góes (1940-1970)", na qual a autora, Karla Karine de Jesus Silva (2014), apresenta uma análise biográfica, como referência para produção de conhecimento, da vida de Delmiro Gouveia a partir do estudo de duas biografias escritas sobre este: uma por Adolpho Santos e outra por Lauro Góes.

Ao prosseguir na busca de fontes para este projeto, ainda com as referidas palavras-chave, convém mencionar que também investigamos na biblioteca da Universidade Federal de

Alagoas, no Banco de Dados da Capes, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no site do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas - visto que o órgão não dispõe de revista de acesso por via eletrônica -, e na Revista da Sociedade Brasileira de História da Educação, e não encontramos nenhum trabalho relativo ao objeto de estudo desta pesquisa.

Em posse dessas informações, constatei que das produções acadêmicas que utilizaram a Estrada de Ferro Paulo Afonso ou o jornal Correio da Pedra como fonte de pesquisa, poucas tiveram o olhar voltado para o processo educacional. Foi quando atentei para a possibilidade de pesquisar sobre o processo educativo desenvolvido naqueles lugares cuja população vivenciou o impacto civilizatório com a chegada de uma ferrovia e da circulação de um jornal, que este objeto de estudo abrange. Convém cintilar que a Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, o núcleo fabril da Vila da Pedra e o jornal Correio da Pedra, embora não tenham sido planejados concomitantemente, foram fundamentais para a implementação e o desenvolvimento da civilidade, na região.

Dessa forma, entendi que este estudo tem grande relevância e contribui para a sociedade e para a educação, auxiliando nas futuras pesquisas e estudos sobre a trajetória educacional de uma região que teve a Estrada de Ferro Paulo Afonso e o jornal Correio da Pedra como modelos de civilização e de modernidade. Ressalto, também, a importância do estudo de impressos históricos para a compreensão do passado humano e seu relacionamento com o presente.

Com o projeto pronto, em 2021, no primeiro semestre, participei da seleção de mestrado deste Edital, no formato remoto, sendo selecionada para cursar o Mestrado em Educação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação - PPGED[9] com a certeza de dar continuidade à pesquisa iniciada, intitulada “Civilização e modernidade no jornal Correio da Pedra (1922-1930)”, na qual tinha como fonte de pesquisa o jornal Correio da Pedra. Naquele momento, eu ainda confundia objeto de estudo e fonte de pesquisa, porém foi dessa dualidade que partiram os primeiros olhares para as matérias relativas à educação ofertada nas escolas que margeavam o trajeto da Linha Férrea Paulo Afonso. Isto posto, declaro ser este o início da minha jornada rumo à descoberta no campo da pesquisa em História da Educação.

Sabe-se que vários estudiosos têm se voltado para a análise das contribuições de determinados jornais e revistas para a sociedade. A Nova História Cultural vem possibilitando

[9]O Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) visa ser um programa de referência para o Brasil na formação do pesquisador em Educação, considerando os aspectos históricos, comunicacionais, pedagógicos da diferença e das práticas docentes, reconhecido na comunidade científica nacional e inserido na comunidade científica internacional em virtude da qualidade das suas pesquisas. Disponível em: https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/apresentacao.jsf?lc=pt_BR&id=136. Acesso em: 16 de set. 2022.

ao pesquisador dessa área um referencial teórico para as pesquisas em História da Educação, bem como para o estudo dos impressos. Isso tem levado muitos historiadores a enveredar por este caminho, em busca de ampliar as fontes tradicionais de pesquisa.

O jornal Correio da Pedra circulou na Vila da Pedra e região sertaneja dos estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco, entre outros. Esse impresso abordou vários assuntos das diferentes áreas do conhecimento, com destaque para a educação, e apresentou como objetivo a formação de homens novos. Por isso, contempla, em suas edições, o modelo de como o ensino deveria ser organizado, os ideais e atividades desenvolvidas pela fábrica e as regras higiênicas que precisavam ser adotadas, num esforço para transformar as vidas dos cidadãos sertanejos daquela localidade. É nesse sentido que se delineia esta investigação.

Com a preocupação de direcionar cada vez mais as nossas pesquisas para o âmbito da História da Educação, foi realizado um levantamento de artigos publicados sobre educação no jornal citado, no referido marco temporal, analisando seu conteúdo, historicidade, dimensão social, mudanças de percepção, envolvimento com a realidade educacional brasileira e outros aspectos.

Na busca de estabelecer um recorte temporal, observou-se que há interrupção nos exemplares originais da coleção acervo do IHGAL, em consequência de alguns desses exemplares terem se deteriorados pela ação do tempo e por falta de conservação. A coleção está organizada em dois volumes (BARROS; NASCIMENTO, 2017), como apresentado no quadro 1.

Quadro 1 - Exemplares originais do jornal Correio da Pedra

ACERVO TEXTUAL DO IHGAL 1919 – 1930		
VOLUMES	**ANOS**	**OBSERVAÇÕES**
VOLUME I	1919 a 1926	1 exemplar do ano 1919.
VOLUME II	1927 a 1930	Os anos de 1918, 1920 e 1921: publicações inexistentes.

Fonte: BARROS; NASCIMENTO, 2017.

Por conta desta incompletude e pelo fato de em 2017, numa iniciativa do Governo do Estado de Alagoas e IHGAL, conseguiu-se restaurar os impressos do período de 1922 a 1930 (fac-símile), dando vida à Coleção do jornal Correio da Pedra. A Coleção (1922-1930) está organizada em quatro volumes, como pode ser acompanhado no quadro 2, a seguir.

Quadro 2 - Exemplares da Coletânea Correio da Pedra (1922-1930)

JORNAL CORREIO DA PEDRA	
VOLUMES	**ANOS**
VOLUME I	1922, 1923 e 1924
VOLUME II	1925 e 1926
VOLUME III	1927 e 1928
VOLUME IV	1929 e 1930

Fonte: BARROS; NASCIMENTO, 2017.

O jornal circulou contendo reportagens e artigos que trazem informações diversas sobre estrada de ferro, educação pública, seca, dentre outras questões que despertam o interesse de pesquisadores. Os acontecimentos ficaram registrados em suas folhas, dando-nos informações detalhadas do que aconteceu naquela época. Destaca-se que este trabalho analisa um jornal que surgiu em uma vila operária, com uma conotação fabril, mas que com o passar do tempo adquiriu uma abertura para os diversos campos do conhecimento. Assim, esta análise se configura com o olhar para as publicações com relação aos textos das matérias que enfatizam o processo educativo na região da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE), localizadas nos impressos.

Sabe-se que o estudo das práticas educativas, através dos impressos, é significativo para a área de História da Educação. Por isso, ler os estudos de Nascimento (2018) atiçou-me o interesse pelo tema em virtude das possibilidades facultadas a uma investigação no tocante à estrutura e à forma como as práticas pedagógicas eram desenvolvidas nas escolas da Vila da Pedra e demais escolas que faziam parte do trajeto da Estrada de Ferro Paulo Afonso, que corresponde ao percurso Piranhas (AL) a Jatobá (PE). Dá-se, em razão disso, o valor desta pesquisa para a História dos impressos destes estados. E, certamente, também para o campo da História da Educação de nosso país.

Através da leitura, fichamento e análise das matérias publicadas no jornal, procuramos identificar os aspectos apresentados pelo impresso, tendo em vista a perspectiva educacional. Um outro ponto a ser observado é a materialidade do periódico, bem como seu período de circulação. Através do estudo e observação das edições foi possível verificar o seu processo de evolução material ao longo do tempo.

A análise da materialidade do Correio da Pedra, no referido marco temporal (1922-1930), busca acompanhar as transformações do periódico diante do contexto histórico, e

educacional do Brasil, como também com relação às demais transformações sociais, abordando a postura do impresso frente aos fatos.

Para estudo das matérias, inicialmente, construímos quadros para análise temática que fizessem referências à Estrada de Ferro Paulo Afonso e à educação no jornal Correio da Pedra, como consta no modelo aqui apresentado, resumidamente, no quadro 3.

Quadro 3- Matérias relacionadas à educação no jornal Correio da Pedra

EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	SÍNTESE
VOLUME I Ano IV, nº 174, 5 de fevereiro de 1922. p.14.	Não consta	Externato Spencer, em Água Branca.	A instituição oferece ensino moderno por métodos intuitivos e modestas mensalidades. Direção de J. Edgard Ramos.
VOLUME I Ano IV, nº 177, 26 de fevereiro de 1922. p.18.	H. de Menezes	Commentando (sic)	Texto sobre o fechamento de uma única escola do sexo masculino.
VOLUME I Ano IV, nº 182, 2 de abril de 1922, p. 30.	Não consta	Nem todos	Comenta sobre a evolução do alfabeto.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora a partir de consultas ao jornal Correio da Pedra.

Esses quadros subdividiram-se de acordo com as temáticas necessárias para o desenvolvimento desta pesquisa, como: “informações sobre a Estrada de Ferro Paulo Afonso”, sobre “as escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso”, sobre “professores e funcionários das escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso”, sobre “ matrícula e alunos das escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso” e sobre “prática pedagógica das escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso”. Nestes quadros, constam número do volume da coleção, ano, número da edição, data, nome do autor (quando consta), título do artigo e uma pequena síntese.

Para melhor compreensão e sistematização da escrita desse trabalho, compõe a estrutura quatro seções. Na introdução, apresentamos o objetivo principal e específicos, as questões norteadoras e justificamos a motivação pelo objeto de pesquisa. Fizemos a revisão de literatura e elencamos os referenciais teóricos e metodológicos que embasam a pesquisa. Dentro dessa análise histórica, a segunda seção, intitulada “A Estrada de Ferro Paulo Afonso e o jornal Correio da Pedra: a chegada do progresso ao sertão”, volta-se para a compreensão acerca dos motivos que contribuíram para a implantação da Estrada de Ferro Paulo Afonso e as expectativas de modernização da região, as primeiras manifestações do processo educativo,

além do estudo da materialidade do jornal Correio da Pedra, enfatizando o seu surgimento, vinculação, divulgação, colaboradores e sede editorial. Na terceira seção, intitulada “Nos caminhos do saber: a educação sertaneja na rota ferroviária”, apresentamos, por meio das fontes, em especial o jornal Correio da Pedra, as comunidades onde surgiram as primeiras escolas, a materialidade destas e como era realizada a contratação e a qualificação dos professores, evidenciando o trabalho realizado por Reinaldo von Krüger, Delmiro Gouveia e Dr. Brandão Cavalcanti como homens que transformaram a vida dos habitantes daquela região. Na quarta seção, intitulada “A prática pedagógica nos caminhos do trem”, o foco é a análise das matérias jornalísticas e dos documentos que apontem sobre as práticas educacionais desenvolvidas nas escolas no percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE). Nas “Considerações Finais” fizemos algumas reflexões a respeito do que foi abordado no decorrer desta pesquisa. E, por fim, apresentamos alguns apêndices e anexos.

Esperamos que este trabalho seja útil a todos aqueles que desejam conhecer mais sobre o processo educativo desenvolvido no sertão nordestino, no percurso da linha férrea de Piranhas (AL) a Jatobá (PE), referente ao período de 1879 a 1930, tendo o jornal Correio da Pedra como principal fonte documental na construção do estudo. Destacamos que as informações foram cruzadas com outros documentos como: jornais, leis, decretos, ofícios e fotografias.

2. A ESTRADA DE FERRO PAULO AFONSO E O JORNAL "CORREIO DA PEDRA": COMUNICANDO O SERTÃO

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a Estrada de Ferro Paulo Afonso - Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, tornou-se um dos elementos preponderantes da chegada da comunicação e da educação aos sertões dos estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco, considerada uma região de difícil acesso e desprovida de qualquer recurso necessário ao seu desenvolvimento. O empreendimento, interligando Baixo e Médio São Francisco, margeava o rio e começou a ser construído no povoamento de Piranhas, estado de Alagoas, aproveitando mão de obra sertaneja. Por onde passou, esta estrada de ferro criou oportunidades de vida melhor para a população local, que sofria com os flagelos da seca.

Antes da construção da via férrea, por ordem do Império, estudos técnicos foram realizados pelo engenheiro civil Carlos Krauss[10] na parte específica do rio São Francisco por onde a estrada passaria, ao longo do ano de 1868. Observa-se que estes estudos resultaram em um relatório apresentado ao Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão, então Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, contendo 122 folhas e mais 10 plantas em 34 folhas[11] que traziam detalhes do reconhecimento do terreno e estudo preliminar para o projeto da via terrestre.

Desse modo, o novo estudo deu continuidade à exploração do São Francisco realizada anteriormente pelo engenheiro alemão Henrique Halfeld[12] - também a pedido do Imperador -, entre os anos de 1852 e 1854. Na ocasião, o engenheiro constatou as potencialidades do rio para a navegação, entretanto, detectou a inviabilidade de um projeto de desobstrução do canal, na parte encachoeirada. Decerto, a riqueza nos detalhes das características da região no inventário de Halfeld motivou D. Pedro II a organizar uma longa viagem ao Norte do Brasil[13], em 1859, em busca de apoio político para sustentar seu reinado.

---

[10]Carlos Francisco João Krauss foi encarregado pelo Ministério da Agricultura, em 1868, para comandar novos estudos sobre o rio São Francisco. Estudou a parte do rio localizada entre o porto de Piranhas (AL) e a cachoeira de Sobradinho (BA). Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8913561 Acesso em 14 dez. 2021.

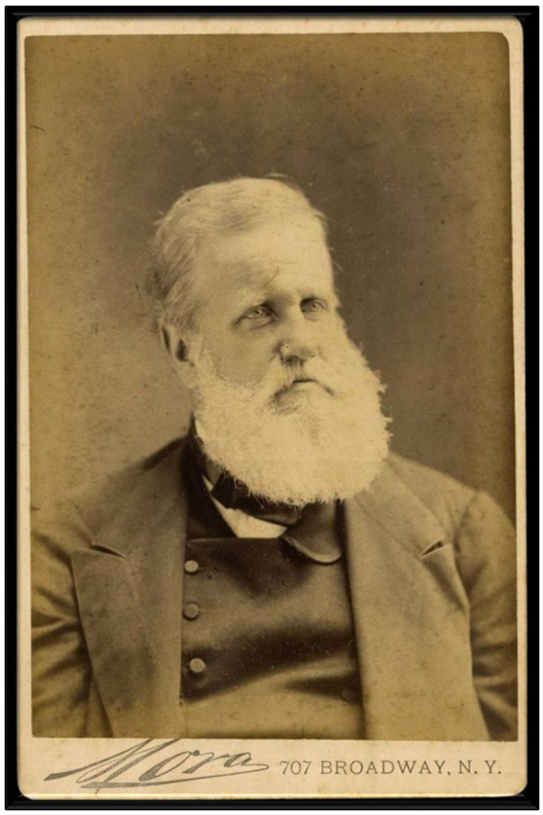
[11] Krauss apud BONFIM, 2007, p. 17.

[12] Henrique Guilherme Fernando Halfeld (1797-1873). As informações constam no Atlas e Relatório concernente à exploração do rio São Francisco desde a cachoeira de Pirapora até o Oceano Atlântico. Informações disponíveis em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/185636. Acesso em 14 dez. 2021.

[13] Naquela época ainda não existia a expressão Nordeste, por isso é encontrado nas fontes como Norte do Brasil. Disponível em: file:///C:/Users/aless/Downloads/255-Texto%20do%20artigo-789-1-10-20150404.pdf. Acesso em: 26 de abr. 2023.

Acompanhado pela “imperatriz Teresa Cristina e numerosos acompanhantes - de escravos a ministros” (LACOMBE, 2003. p. 07), partiu de navio rumo à Província da Bahia, de onde foi para Sergipe, Alagoas e depois para Pernambuco. Em Alagoas, iniciou uma expedição pelo sertão, a cavalo, em direção à Cachoeira de Paulo Afonso, que localiza-se na divisa dos estados de Alagoas e Bahia. Vale destacar que o Monarca registrou em um diário[14] suas impressões sobre os aspectos da vida econômica, social, política e cultural dos sertanejos (LACOMBE, 2003). Ao regressar da viagem, nutriu a ideia de unir o baixo e o médio São Francisco.

Figura 1 - Imperador D. Pedro II



Fonte: https://www.gov.br/bn/pt-br/assuntos/noticias/viagem-de-d-pedro-ii-aos-estados-unidos-em-1876-2013-nova-iorque

Observador e aventureiro, D. Pedro II, conforme figura 1, era um estadista e “em suas idiossincrasias, como rei filósofo e cientista” (LACOMBE. 2003, p. 08), aproveitava os momentos de contato com as pessoas para expor seu vasto conhecimento.

[14]As anotações estão em um conjunto de cadernetas no Museu Imperial, em Petrópolis, no Rio de Janeiro (LACOMBE, 2003).

Devido à distância, ao calor insuportável e à escassez de água, o jovem monarca enfrentou muita dificuldade durante o trajeto até a Cachoeira de Paulo Afonso, apresentada na figura 2.

Figura 2 - Cachoeira de Paulo Afonso

Fonte: Foto de Ignácio F. Mendo, 1880.
https://canoadetolda.org.br/artigos/2021/04/02/uma-excursao-do-recife-as-cachoeiras-de-paulo-afonso/

No dia 20 de outubro de 1859, o Imperador chega ao local, e registra o fato em seu diário, como descrito no fragmento a seguir:

> Na distância de menos de légua é que se ouviu o ruído da cachoeira. Logo que me apeei comecei a vê-la [...] [...] é belíssimo o ponto de que se descobrem sete cachoeiras que se reúnem na grande, que não se pode descobrir daí, e algumas grandes fervendo a água em caixão de encontro à montanha que parece querer subir por ela acima; o arco-íris produzido pela poeira de água completava esta cena majestosa" (LACOMBE, 2003, p. 135).

No diário, além dos registro escritos, D. Pedro também fez desenhos representando a cachoeira. As anotações integram um conjunto de 43 cadernetas guardadas no Museu Imperial, em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

Pode-se dizer que o relatório de Krauss, por ser mais específico porque baseava-se "em mapas da região" (BONFIM, 2007, p. 07), atestou que seria mais apropriado a construção de uma via terrestre, entre Alagoas e Pernambuco, pela viabilidade e pelos custos. Nesse aspecto, poderia ser "uma estrada para carros de quatro rodas, ou mesmo de ferro" (SILVA, 2012, p. 16), que margearia o rio, partindo de Jatobá (PE) até o porto de Piranhas (AL) e as obras

poderiam "ser executadas em dois anos" (BONFIM, 2007, p. 66). Consequentemente, a iniciativa daria vazão ao movimento de mercadorias, favorecendo saída livre ao mar e, da mesma maneira, ao estado de Sergipe, localizado na margem oposta a Alagoas.

No que se refere à construção da ferrovia, o relatório de Carlos Krauss estava condizente à fala do Deputado Provincial Melo Franco[15], que antecipadamente, em 1851, já havia apresentado um projeto ao Parlamento objetivando explorar a navegação do rio São Francisco. Na oportunidade, sugeriu a criação de uma estrada no sertão, que margeasse o rio, e afirmou que a realização do empreendimento interessaria "[...] principalmente às províncias de Sergipe, Alagoas, Bahia e Pernambuco" (MELLO FRANCO, 1851 apud SILVA, 2012, p. 15). Vale ressaltar que cada província defendia seus interesses políticos e econômicos quando debatiam as possibilidades de se utilizar os rios, sobretudo o São Francisco[16], em projetos que promovessem a desobstrução geológica de terrenos, a fim de que melhorassem as condições de navegabilidade.

Isto posto, com a decisão do Imperador D. Pedro II pela não desobstrução do rio exatamente na localização das Cachoeiras de Paulo Afonso[17] - importante destacar que a desobstrução do rio provocaria o desparecimento do monumento natural da cachoeira[18] -, em decorrência do alto custo na execução da empreitada, nascia o projeto que levou o progresso ao cenário das caatingas: a Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE)[19].

---

[15] "Manuel de Melo Franco (1812-1871) nasceu em Paracatu, Minas Gerais. Foi médico, advogado, Deputado Provincial e Geral do Império". Disponível em: https://www.geni.com/people/Manuel-de-Melo-Franco/6000000028996798561. Acesso em: 26 de out. 2022.

[16] Por ser um rio perene e possuir grande valor econômico, social e cultural para nosso país. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/brasil/rio-sao-francisco.htm. Acesso em: 26 de out. 2022.

[17] "Paulo de Viveiros Afonso ocupou realmente as suas terras, inclusive as ilhas fronteiras, de que a maior tomou este nome sintomático: ilha da Tapera de Paulo Afonso (ROCHA, 2012, p. 113). "E ambas as margens do rio, ali comprimido entre enormes blocos de rochas antiquíssimas, pode-se agora apreciar a beleza imponente de Paulo Afonso e ver de perto a precipitação final das suas grandes águas. Mas o visitante corajoso, que não teme a descida ao inferno do "canhão", há de ser também prudente para seguir o conselho do mestre Teodoro Sampaio: "Paulo Afonso vê-se, sente-se, não se descreve" (ROCHA, 2012, p. 87).

[18] Segundo Rocha (2012), "Em outras palavras, a natureza dotou o S. Francisco de uma nova cachoeira, há somente milhares de anos. E como convém aos seres femininos, ela é jovem e bela. E por ser tão feminina, guarda o nome do seu primeiro possuidor" (ROCHA, 2012, p. 85).

[19] Os primeiros documentos oficiais sobre a ferrovia eram escritos da seguinte forma: **Estrada de Ferro de Paulo Affonso** (BONFIM, 2001, p. 2).

Figura 3- Mapa do percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso - Piranhas (AL) a Jatobá (PE)

Fonte: https://www.historiadealagoas.com.br/historia-das-estradas-de-ferro-em-alagoas-iv-de-piranhas-a-jatoba.html.

De acordo com o projeto, conforme apresentado na figura 3, a via férrea percorreria a margem esquerda do baixo rio São Francisco, por caatingas planas ou pouco onduladas. A ponte mais importante foi construída sobre o rio Moxotó, e media 140 metros de comprimento. O material rodante era composto por oito locomotivas, nove carros de passageiros, vinte e quatro vagões de mercadorias, um carro de correio e bagagem, quinze carros de combustível e lastro, um carro de animais, quatro tanques e dezenove troles (BONFIM, 2001). A linha telegráfica era simples, e ligava as estações. Consta que em 1895, entre a Estação Inicial e a Estação Pedra, foi permitido ao Telégrafo Nacional utilizar-se dos postes da via férrea, ficando a linha dupla nessa extensão. No quadro 4, a seguir, é possível ver a descrição do traçado da EFPA, composto por quatro estações e quatro paradas.

Quadro 4 - Descrição do traçado da EFPA

DESCRIÇÃO DO TRAÇADO DA EFPA			
ESTAÇÃO	**MUNICÍPIO**	**LOCALIZAÇÃO**	**DESCRIÇÃO**
Estação[20] Inicial	Piranhas (AL)	Quilômetro 0	Margem esquerda do rio São Francisco, oposta ao estado de Sergipe.
Parada[21]	Olhos D'água (AL)	Quilômetro 28	Com altitude de 250 metros.
Parada	Talhado (AL)	Quilômetro 41	Com altitude de 350 metros.
Estação	Pedra (AL)	Quilômetro 54	Distante 16 Km de Água Branca.
Parada	Sinimbu (AL)	Quilômetro 68	Distante 14 km da Cachoeira de Paulo Afonso.
Estação	Moxotó (PE)	Quilômetro 84	Neste ponto, a linha entra no Estado de Pernambuco.
Parada	Quixaba (PE)	Quilômetro 94	Em frente à povoação de Currais dos Bois, na margem oposta do Estado da Bahia.
Estação Final	Jatobá (PE)	Quilômetro 116	Ponto objetivo da linha, a 5km da Cachoeira de Itaparica.

Fonte: BONFIM, 2007.

Entre a Estação Inicial, em Piranhas (AL) e o Ponto Final, em Jatobá (PE), o trem percorreria 116km. Deve-se ressaltar que a construção da referida estrada de ferro, que teve como idealizador o engenheiro André Rebouças (1838-1898)[22], não foi uma tarefa fácil, visto

[20] Ponto da linha em que os trens param para tomar ou deixar passageiros, cargas, animais etc., e onde são vendidas passagens, efetuados despachos, arrecadados os fretes etc. Estão sempre próximas às estradas de rodagem (PICANÇO, 1891, p. 334).

[21] Local da linha para embarque e desembarque, mas sem funcionários para atendimento ao público. Disponível em: https://www.gov.br/infraestrutura/pt-br/centrais-de-conteudo/glossariotermosferroviarios.pdf. Acesso em: 22 de abr. 2023.

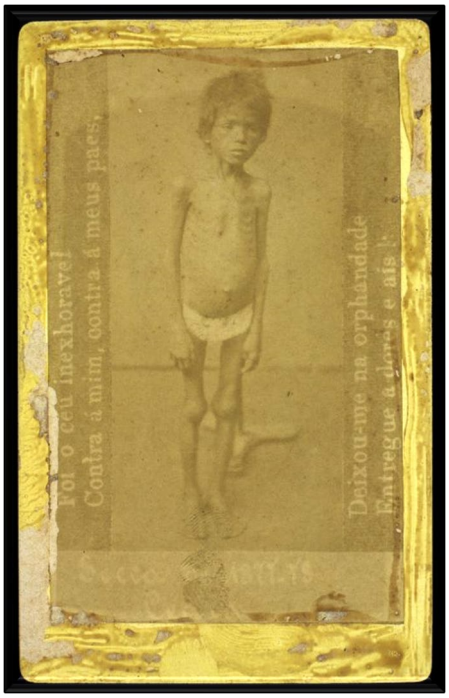
[22]"André Pinto Rebouças nasceu na cidade de Cachoeira, região do Recôncavo Baiano, no dia 3 de janeiro de 1838. Apesar do preconceito racial, seu pai, um mulato, foi um homem importante e de prestígio na época. Autodidata, obteve o direito de advogar em todo o País; representou a Bahia na Câmara de Deputados por diversas legislaturas; foi secretário do Governo da Província de Sergipe; conselheiro do Império, tendo recebido o título de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, em 1823. Em fevereiro de 1846, sua família mudou-se da Bahia para o Rio de Janeiro, onde André frequentou alguns colégios, sempre com ótimo rendimento escolar, até ingressar, em 1854, na Escola Militar, concluindo o curso preparatório em 1857, e sendo promovido a 2º tenente do Corpo de Engenheiros. Bacharelou-se em Ciências Físicas e Matemáticas, em abril de 1859, na Escola de Aplicação da Praia

que a falta de recursos e a situação econômica do país dificultavam a realização de obras desta natureza, pois exigiam demanda muito grande de capital. Deve-se, também, destacar que nessa iniciativa de transformação de uma região que se encontrava afastada das capitais de seus estados, principalmente pela falta de comunicação e transporte, a influência política foi fundamental.

Dentro os motivos para a construção da ferrovia, a grande seca de 1877 foi o mais relevante. Para melhor entender esse momento, as fontes apontam que em novembro do mesmo ano, a estiagem ainda não havia atingido o território alagoano. Por isso, chegavam à província grandes números de retirantes que procuravam por socorro, principalmente nas cidades, vilas e povoações das margens do São Francisco. A despeito dos efeitos desse terrível fenômeno climático, o pesquisador Eloy de Souza, na obra "O calvário das secas", afirmou que "a seca de 1877 matou, talvez, quinhentas mil pessoas nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará e sertões de Pernambuco, Sergipe e Alagoas" (SOUZA, apud SILVA, 2012, p. 30). Esses retirantes ficavam espalhados por toda província, aglomerando-se principalmente na povoação de Piranhas, contando unicamente com a caridade pública, entregando-se à ociosidade. E aquele cenário de calamidade, que se agravava a cada dia, fizera com que os representantes públicos decidissem que era necessário dar trabalho a essa gente, na abertura de estradas vicinais, na localidade.

Vermelha, obtendo o grau de engenheiro militar, em dezembro de 1860. André ganhou fama no Rio de Janeiro, então capital do império, ao solucionar o problema de abastecimento de água, trazendo-a de mananciais fora da cidade. Ao servir como engenheiro militar na guerra do Paraguai, André Rebouças desenvolveu um torpedo, utilizado com sucesso. Em 1871, André e seu irmão Antônio, também engenheiro, apresentaram ao Imperador D. Pedro II o projeto da estrada de ferro ligando a cidade de Curitiba ao litoral do Paraná, na cidade de Antonina. Quando da execução do projeto, o trajeto foi alterado para o porto de Paranaguá. Até hoje, essa obra ferroviária se destaca pela ousadia de sua concepção. Ao lado de Machado de Assis, Cruz e Souza e José do Patrocínio, André Rebouças foi um dos representantes da pequena classe média negra em ascensão no Segundo Reinado e uma das vozes mais importantes em prol da abolição da escravatura. Ajudou a criar a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, ao lado de Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e outros. Participou também da Confederação Abolicionista e redigiu os estatutos da Associação Central Emancipadora. Participou da Sociedade Central de Imigração, juntamente com o Visconde de Taunay". Disponível em: https://unifei.edu.br/personalidades-do-muro/extensao/andre-reboucas/. Acesso em: 1º de jan. 2022.

Figura 4 - Criança representante da seca do Ceará



Fonte: Foto J. A Corrêa, Secca de 1877 – 1888.
https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/browse?value=Secas+-+Cear%C3%A1&type=subject.

A grande seca de 1877 a 1879 provocou a morte de uma parcela expressiva da população cearense, deixando horríveis recordações. Diante do quadro calamitoso que se agravava a cada dia, tornou-se necessário que os representantes públicos desenvolvessem medidas vigorosas, com imediatas providências, na prestação de socorro aos desolados e aflitos da estiagem que chegavam à Piranhas (SILVA, 2012), consoante figura 4. Desse modo, a instalação ferroviária passou a ser o elemento central.

Percebe-se que a busca pelos meios de reunir capital, junto ao Governo, para promover a abertura e a livre navegação dos rios e investir na construção de estradas de ferro, considerados os meios mais adequados ao avanço do país, não resultavam em sucesso. Decerto, porque representantes de Estados do Sul do país divulgavam no Parlamento que as ferrovias do Nordeste causavam prejuízo às finanças do Império, e apontavam erros técnicos de traçado nos projetos apresentados. Em face disso, como revelou Silva (2012), os processos amontoavam-se na mesa do Chefe da Província.

À vista disso, para que o projeto da Estrada de Ferro Paulo Afonso saísse do papel, era necessário superar as rivalidades políticas. Mediante pressão por parte do Imperador, que recebia sérias críticas pela inoperância no combate à seca, e afim de resolver essa situação, o

Ministro Sinimbu[23], não medindo esforços, aproveitou o recesso da Câmara e abriu o crédito extraordinário de 9.000:000$000 contos, por meio do decreto de nº 6.918, de 1º de janeiro de 1878, autorizando não somente a construção da Estrada de Ferro Paulo Afonso, mas também a de Sobral, bem como a recuperação da ferrovia de Baturité, ambas na província do Ceará (SILVA, 2012). Para a Estrada de Ferro Paulo Afonso o recurso destinado foi de 5.077:206$576 (cinco contos de réis, aproximadamente).

Enquanto isso, com a finalidade de dispersar a grande quantidade de retirantes que aumentava a cada dia – ocasionando doenças, desenvolvimento do banditismo, roubos frequentes e mortes -, uma estratégia utilizada pelo governo foi promover o retorno desses indivíduos às suas províncias de origem, oferecendo-lhes transporte fluvial ou instalação numa colônia agrícola, a Colônia São Francisco[24]. Nessa colônia, considerada um marco avançado para o abrigo dessas pessoas, e que localizava-se em um lugar próximo ao rio São Francisco, foi feita a demarcação de lotes de terras para dar preferência àqueles que oferecessem garantias de permanência, na perspectiva de empregá-los no empreendimento ferroviário.

No início da construção da EFPA, Piranhas "era apenas um lugar apertado entre as serras de granito e pouquíssimos pescadores" (OLIVEIRA, 2003, p. 266), situado à margem esquerda do rio São Francisco, porto onde a navegação Penedo-Piranhas terminava. Na época, chamava-se Tapera e pertencia ao município de Pão de Açúcar[25]. Devido a sua geografia, constituída de rochedos e de penhascos, não crescia em relação a sua importância mercantil.

---

[23] "João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu (1810-1906)**,** foi Presidente das Províncias de Alagoas, de Sergipe, da Bahia e do Rio Grande do Sul, Senador do Império, Conselheiro Extraordinário, Presidente do Conselho de Ministros, Presidente da Câmara Vitalícia e Primeiro-Ministro do Brasil. Era filho do capitão de ordenanças Manuel Vieira Dantas e Ana Maria José Lins, nascido no engenho Sinimbu, em São Miguel dos Campos, Alagoas. Bacharel em direito pela Academia Jurídica de Olinda, foi para a Europa aperfeiçoar seus estudos. Em Paris, estudou medicina legal e química. Depois, viajou para a Alemanha, em 1835, e obteve um doutoramento na Universidade de Jena. Ocupou diversos cargos públicos e teve intensa vida política, iniciando pela magistratura e atingindo a diplomacia (Juiz de Direito em Cantagalo; Chefe de Polícia da Corte; Presidente do Conselho de Mineração). Foi também Ministro-residente do Brasil, no Uruguai. Ocupou ainda o Ministério da Agricultura, Comércio, e Obras Públicas". Disponível em: https://www.historiadealagoas.com.br/visconde-de-sinimbu-joao-lins-vieira-cansancao-do-sinimbu.html. Acesso em: 22 de abr. 2023.

[24] Localizava-se nas terras do extinto aldeamento Colégio do Porto Real, às margens do São Francisco (SILVA, 2012).

[25] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/piranhas/historico. Acesso em 22 de abr. 2023.

Figura 5- Cidade de Piranhas (AL) na época da construção de EFPA

Fonte: Foto Ignácio Mendo, 1880.
https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/39545.

O grande número de retirantes e trabalhadores que lá chegaram morava em habitações precárias, em situação de miséria, sem nenhuma condição de higiene, o que ocasionava muitas doenças: um ambiente propício para motins, conforme figura 5. Percebe-se que o pensamento era transformar as vítimas da seca em operários da ferrovia, pois o Decreto nº 641, de 26 de junho de 1852[26], proibia o uso de mão de obra escrava na construção ou manutenção de estradas de ferro no Brasil.

Com a autorização para o início da construção de importante via férrea, legitimada através do decreto nº 6.941, de 19 de junho de 1878, os trabalhos de exploração foram iniciados em 7 de agosto do mesmo ano por uma comissão dirigida pelo engenheiro Clemens Anton Reinhard Louis Heinrich von Krüger, tendo o nome alternativo de Reinaldo von Krüger[27], que plantou os trilhos que trouxeram o futuro para o sertão.

---

[26] Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-641-26-junho-1852-558790-publicacaooriginal-80365pl.html#:~:text=Autorisa%20o%20Governo%20para%20conceder,Paulo%2C%20que%20mais%20convenientes%20forem. Acesso em 15 de mai.2023.

[27]Nasceu em Rügenwalde, Darłowo, na Polônia, em 27 de fevereiro de 1836. Era Engenheiro de Ferrovias. Faleceu em Uberaba, Minas Gerais, em 25 de julho de 1919, aos 83 anos. Disponível em: https://www.geni.com/people/Clemens-Anton-Reinhard-Louis-Heinrich-von-Kr%C3%BCger/6000000034562338321. Acesso em: 23 de out. 2022.

Como afirmou Silva (2012),

> a ferrovia Paulo Afonso, além de motivo de integração nacional, foi uma auspiciosa contribuição cultural e social para o sertão nordestino. Sua construção foi não somente determinada por questões políticas e econômicas, vinculadas à expansão das atividades comerciais do rio São Francisco, mas também desenhada na imaginação de deslumbrar visionariamente a formação de uma rota integrante das embarcações a vapor com o alcance da imensa rede de caminhos de ferro, o que incentivaria o nascimento de povoações. E nesse movimento de amplos interesses, formou-se uma massa de trabalhadores igualmente heterogênea, constituída de sertanejos tangidos da seca e de técnicos estrangeiros, que encenaram uma espécie de diáspora modernizadora num imenso canteiro de obras, em pleno semiárido nordestino, na segunda metade do século XIX. Exerceu, pois, a ferrovia um importante papel na formação da identidade desse povo (SILVA, 2012, p. 38).

Entretanto, a formação dessa comunidade heterogênea, sem ligações coletivas, onde cada elemento agia individualmente em face de costumes de diferentes procedências e de crenças religiosas, as mais diversas, trouxe muitos problemas para a administração da estrada de ferro. Todavia, as adversidades não pararam o engenheiro Reinaldo von Krüger, que estava à frente da comissão e este mesclava o trabalho técnico ao social, pois a inevitável falta de recursos castigava intensamente os trabalhadores.

O ato inaugural aconteceu em 23 de outubro de 1878, com a presença de ilustres autoridades da Província, por se tratar de um evento importante para a história das ferrovias nordestinas, “construída nas caatingas adversas com o auxílio da mão de obra sertaneja, constituída em sua maioria por retirantes da seca, porém sem trabalho escravo” (SILVA, 2012, p. 13). Percebe-se que o uso de capitais estrangeiros na construção possibilitou a eliminação do trabalho escravo, estimulando o aproveitamento dos trabalhadores sertanejos livres, ocasionando, com isso, benefícios para a província. Porém, todo processo de modernização apresenta como base a exploração das classes menos favorecidas.

Figura 6 - Início da construção da EFPA

Fonte: Foto de Ignácio Mendo, 1880.
https://www.historiadealagoas.com.br/historia-das-estradas-de-ferro-em-alagoas-iv-de-piranhas-a-jatoba.html.

Observa-se que a região do trajeto da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) –, como apresentada na figura 6, caracterizava-se como desértica, longínqua, miserável e atrasada. Segundo Ab'saber (1999), essas regiões estão "sujeitas a climas quentes e relativamente secos" (AB'SABER, 1999, p. 10). Com efeito, as temperaturas muito elevadas proporcionaram uma melhor definição da palavra sertão, entendida como um interior extenso, quente e bastante afastado dos centros mais desenvolvidos, marcado por paisagem diversificada, no qual "domina uma vegetação adaptada ao clima semi-árido denominada de caatinga" (ANDRADE, 1973, p. 52). Constitui-se em uma área distinta, com "revestimento baixo de vegetação arbustivo-arbórea, ou arbórea-arbustiva, e, muito raramente, arbórea, comportando folhas miúdas e hastes espinhentas, adaptadas para conter os efeitos de uma evapotranspiração muito intensa" (AB'SABER, 1999, p. 10), que em época de estiagem fica com aspecto de "morta". Percebe-se que os longos períodos de seca transformaram-se em um grande desafio para quem viveu na região, naquela época.

Aqui no Brasil, a concepção de sertão foi construída em oposição a de litoral e definida como "aqueles espaços desconhecidos, inacessíveis, isolados, perigosos, dominados pela natureza bruta, e habitados por bárbaros, hereges, infiéis, onde não havia chegado as benesses da religião, da civilização e da cultura" (AMADO, 1995, p. 149), e os habitantes enfrentavam "a falta de chuva durante a maior parte do ano" (ABREU, 1998, p. 134). Percebe-se que a região

não oferecia qualidade de vida para seus moradores, havendo muito sofrimento e fome entre a população.

Segundo Silva (2012), enquanto as obras da ferrovia continuavam, ainda existia outro agravante: “além dessa triste situação, em Piranhas não havia lugar específico para sepultar os mortos” (SILVA, 2012, p. 50), sendo ordenado pelo engenheiro Von Krüger que uma área fosse cercada para enterros. Outros acontecimentos que agitaram o local, naquele momento, foram os danos físicos causados aos trabalhadores pelas explosões promovidas na desobstrução do percurso e acidentes ocasionados por problemas técnicos.

Figura 7 - Pontilhão sobre riacho da EFPA

Fonte: https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/39545.

Por ter sido construída numa zona completamente acidentada, esta estrada de ferro atravessou diferentes riachos e profundas grotas, provenientes da geografia da região, sendo necessária a construção de bueiros, pontilhões e pontes, como visto na figura 7. Cumpre destacar que os primeiros quilômetros consistiram na parte mais difícil na construção da via férrea.

Em 1879, em consequência do grande número de trabalhadores não qualificados nos serviços da construção da ferrovia, o engenheiro Reinaldo von Krüger resolveu contratar, no Rio de Janeiro, mão de obra disposta a enfrentar a caatinga, em sua maioria de nacionalidade

portuguesa, garantindo-lhes as passagens e o pagamento de salários, de acordo com os esforços de cada um. No entanto, esses operários receberam os salários antecipadamente, mas se esvaíram dos serviços, deixando de cumprir a obrigação por eles contratada de trabalhar na via férrea. Sabe-se que o engenheiro enviou um ofício com os nomes dos fugitivos ao delegado de Penedo AL), porém, eles partiram de canoa com destino desconhecido.

Figura 8 – Terraplanagem da EFPA

Fonte: Foto Ignacio Mendo
https://www.historiadealagoas.com.br/theodoro-sampaio-no-baixo-sao-francisco.html

Um fato que merece destaque é o do engenheiro renomado, Theodoro Sampaio, ter integrado a comissão técnica incumbida da construção da referida estrada de ferro. De acordo com Silva (2012), o engenheiro chegou em Piranhas no dia 18 de agosto de 1879. Segundo esse autor, a construção da via férrea fez com que os engenheiros e os trabalhadores enfrentassem muitas adversidades como: a caatinga bruta, aninais perigosos – principalmente cobras -, doenças, sede, calor intenso e acidentes

Figura 9 - Construção da primeira ponte ferroviária, em Piranhas (1880)

Fonte: https://www.historiadealagoas.com.br/historia-das-estradas-de-ferro-em-alagoas-iv-de-piranhas-a-jatoba.html.

Apesar dos contratempos, as obras continuavam e, aos poucos, era possível notar a alteração fisionômica do lugar, como visto na figura 9, em que aparece a construção da primeira ponte de três vãos, em Piranhas (SILVA, 2012). Tudo, aliás, sempre associado à ideia de progresso e civilização.

Considerando a necessidade de instrução da população, Reinaldo von Krüger organizou em lugares adaptados, nos pontos diversos da primeira seção da ferrovia, quatro escolas noturnas, onde pudessem aprender a ler e a escrever os trabalhadores da estrada e seus filhos, bem como qualquer cidadão analfabeto que quisesse frequentá-las e aprender as primeiras noções. Nas escolas, os professores atuantes eram alguns empregados instruídos da estrada (SILVA, 2012, p. 48) e as aulas aconteciam em ranchos que serviam para a realização de vários serviços da ferrovia. Assim sendo, a iniciativa da instalação das escolas na estrada de ferro marca os primeiros registros do processo educativo desenvolvido na história da região do percurso da EFPA.

Identificou-se, alguns anos depois, na matéria de 26 de fevereiro de 1922, do jornal Correio da Pedra, reforçando o que Silva (2012) citou, uma nota com a constatação de que alguns espaços da ferrovia eram usados como sala de aula, numa demonstração de incentivo à instrução por parte da Estrada de Ferro Paulo Afonso:

> COMMENTANDO 1ª página – É sem dúvida muitíssimo triste, muitíssimo deplorável o estado marasmo intelectual, em que se debate a população jatobaense; os

> factos que agitam o Paiz, o Estado, ou mesmo que se relacionem simplesmente com os interesses de Jatobá, deixam mudos, quedos, indiferentes à semelhança de fakirs fatalistas, e sem noção das próprias coisas que o rodeiam. Suspende o Estado por mais dois annos o funccionamento da única escola do sexo masculino que aqui existiu? Ordena a administração da Paulo Affonso a demolição de grande parte dos antigos prédios das ex-officinas da referida via-ferrea, as quaes pertencem actualmente ao Estado constituem uma esperança de progresso para Jatobá? Extingue a Prefeitura quase todas as escolas que mantinha? [...] (CORREIO DA PEDRA, 1922, p.18).

Percebe-se, pela notícia, que as oficinas da Estação Terminal, em Jatobá (PE), assim como as da Estação Inicial, em Piranhas (AL), também eram utilizadas como escola. Dessa forma, constata-se a existência de escolas em três municípios - incluindo a Vila da Pedra, em Água Branca (AL) – do percurso da EFPA no período estudado.

Pode-se dizer que a ferrovia contribuiu, de fato, para amenizar a destruição causada pela seca. Partilhando do que as fontes apresentam, de 1º de março a 31 de dezembro de 1879, 66.255 indivíduos foram alimentados pela Estrada[28]. Das pessoas assistidas, 19.717 trabalhavam na via férrea, 45.577 integravam as famílias dos empregados e 961 eram inválidos, viúvas, órfãos e cegos etc.

O desempenho dos sertanejos na construção da via férrea e, assim também, o bom relacionamento com os trabalhadores estrangeiros que, distantes de suas pátrias, adquiriam novos costumes, foram fundamentais para que a ferrovia se transformasse em realidade. Sabe-se que apesar do trabalho árduo, a disciplina, a obediência e a pontualidade garantiram que em 2 de agosto de 1883, fosse inaugurada a Estação Terminal, em Jatobá (PE), no quilômetro 116. Dessa forma, elege-se a Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) - um marco do desenvolvimento econômico e social do sertão.

2.1 O Funcionamento da Estrada de Ferro Paulo Afonso - Piranhas (AL) a Jatobá (PE): o sertão nos trilhos das oportunidades

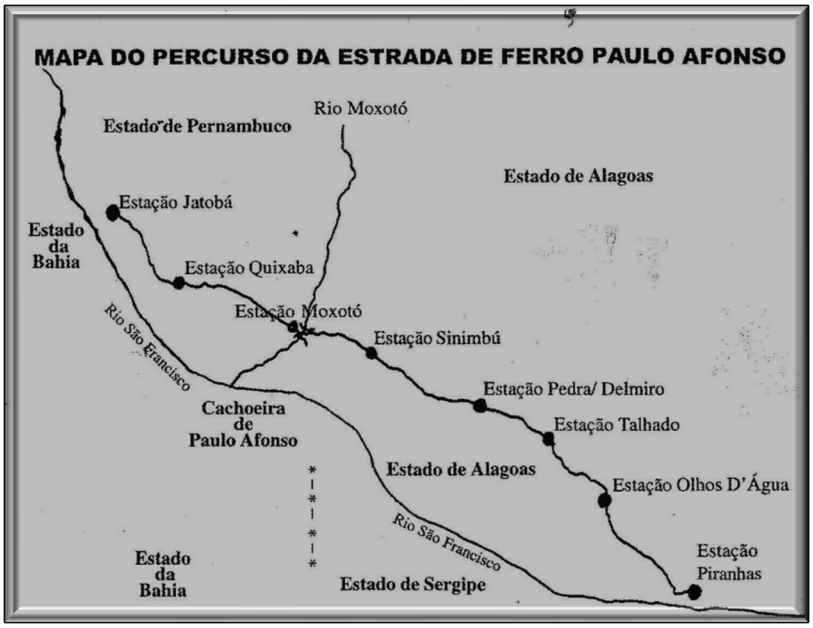
Com a conclusão da construção da via férrea, marcada por pomposa solenidade, novas possibilidades de desenvolvimento emergiram no sertão, transformando-o “numa categoria essencial para o entendimento de “nação” (AMADO, 1995, p. 150). E aquele território longínquo, resistente ao moderno e “de paisagens bastante diversificadas” (ANDRADE, 1973,

[28] Informação contida no Relatório do Presidente da Província das Alagoas à Assembleia Legislativa Provincial, 1880, p.60. Disponível em: http://ddsnext.crl.edu/titles/163#?m=84&c=4&s=0&cv=28&r=0&xywh=-949%2C-1%2C3624%2C2557. Acesso em: 09 de fev. 2023.

p. 52), passou a ser apresentado como local que dispunha de potencial para o progresso, transformando-se em um lugar de novas oportunidades.

E foi nesse sertão de oportunidades, com expansão para o desenvolvimento de grandes projetos, que Reinaldo von Krüger, Delmiro Gouveia e Dr. Brandão Cavalcanti enxergaram as condições necessárias para colocarem seus planos em execução, contribuindo, assim, com o progresso da região.

Figura 10 - Mapa detalhado do percurso da EFPA



Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/alagoas/rfn.htm

Construída na margem esquerda do rio São Francisco, numa região de difícil acesso, a Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, conforme figura 10, promoveu o desenvolvimento econômico para a população sertaneja e aperfeiçoou o fluxo de transporte e possuía oito estações, sendo elas: Estação Inicial (Piranhas), Estação Olhos D'água, Estação Talhado, Estação Pedra, Estação Sinimbu, Estação Moxotó, Estação Quixaba e Estação Final (Jatobá). Consequentemente, proporcionou diversidade nos serviços de comunicação, interligando os espaços rurais e urbanos. Cumpre destacar que a finalidade da ferrovia era oferecer transporte fácil e barato aos sertanejos dos Estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco.

Segundo Oliveira (2003), o trem partia de Piranhas "às terças, quartas e sábados, num comboio até Delmiro e outro até Jatobá, composto de até 8 vagões: 1 de primeira classe, 1 ou 2 de segunda, 1 ou 2 de grade para animais e de 1 a 3 para transporte de outras mercadorias"

(OLIVEIRA, 2003, p. 270). Para isso, cobrava-se uma tarifa, como apresentado no quadro 5, a seguir.

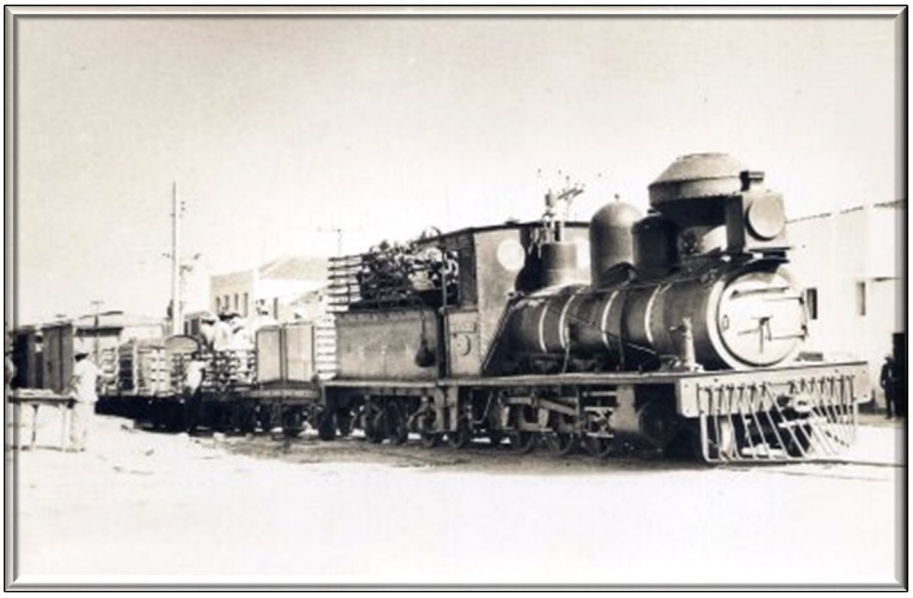
Quadro 5 – Tarifas

TARIFAS	
Por passageiro quilômetro de 1ª classe:	
Até 54 quilômetros	50 réis
De 54 em diante	40 réis
Por passageiro quilômetro de 2ª classe:	
Até 54 quilômetros	40 réis
De 54 em diante	30 réis
Ida e volta para passageiros quilômetros de ambas as classes:	
Abatimento de 25%	
Por tonelada quilômetro de bagagem e encomenda:	
Até 54 quilômetros	600 réis
De 54 em diante	500 réis
Por tonelada quilômetro de mercadoria:	
Até 54 quilômetros	600 réis a 40 réis
De 54 em diante	400 réis e 20 réis

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora (BONFIM, 2001).

Para os gêneros de condução perigosa e gêneros de cuidado, ou gêneros de grande volume e pouco peso, as taxas cobradas eram mais elevadas. Para os materiais de construção, não contemplados em outras tarifas de taxas mais elevadas, a taxa cobrada era reduzida.

Figura 11- Locomotiva Sinimbu da EFPA



Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/alagoas/delmiro.htm

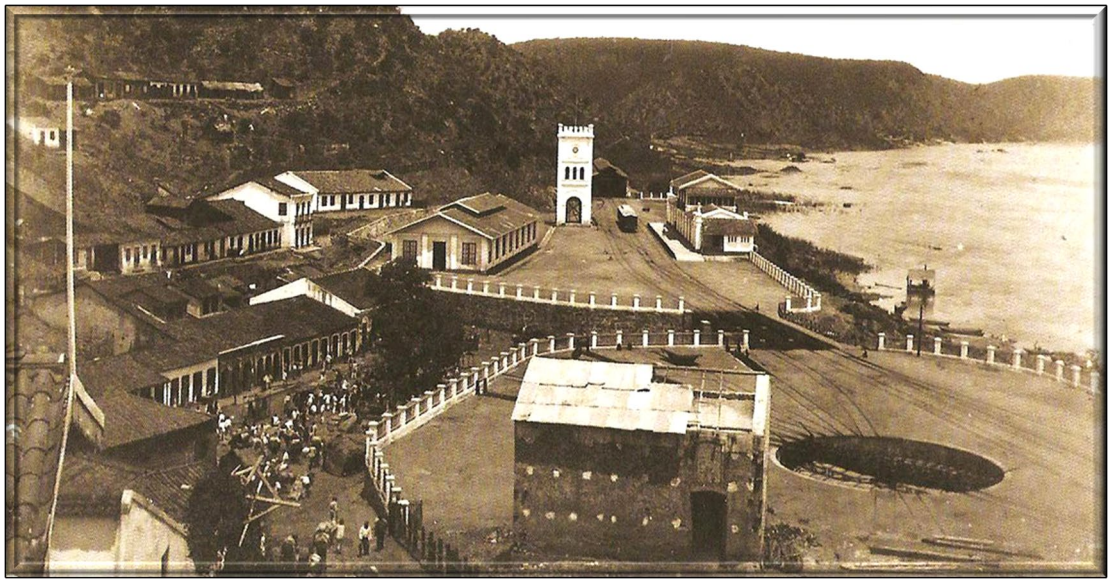
A ferrovia possuía sete locomotivas, assim denominadas: Maceió, Penedo, Jatobá, Piranhas, Alagoas, Sinimbu - apresentada na figura 11 -, e Paulo Affonso. De acordo com os estudos de Silva (2012), duas delas, a Piranhas e a Paulo Affonso, provocaram desastres: um ocorrido a 17 de julho de 1880, e o outro, no dia 20 de janeiro de 1891. As fontes apontam que ambos foram provocados por imprudência dos maquinistas e marcaram negativamente a história da via férrea. Cumpre destacar que o acidente ocorrido em 1880 aconteceu em um teste experimental, em viagens iniciais.

Durante o período de funcionamento da via férrea, em função da localização, três estações se destacaram, conforme apresentadas na sequência: Estação Inicial, Estação Pedra e Estação Final.

2.1.1 A Estação Inicial

A Estação Inicial, em Piranhas, localizada no quilômetro 0, semelhante à Estação Final, em Jatobá, tinha piso superior. Construída na encosta da serra, destacava-se na paisagem, assim como a torre do relógio, abençoados pelo majestoso São Francisco. À medida que a construção da linha férrea avançava, o povoamento ganhava aspectos de cidade, como é possível observar na figura 12.

Figura 12 - Estação Inicial – Piranhas (AL)



Fonte: https://canoadetolda.org.br/artigos/2021/04/02/uma-excursao-do-recife-as-cachoeiras-de-paulo-afonso/

Aos poucos, era possível notar a alteração da fisionomia local, corroborando com o pensamento de Elias (1994), de que “o novo padrão não surge da noite para o dia” (ELIAS, 1994, p. 134). À vista disso, aproveitando que a ferrovia conectava-se “a um cais, de porte internacional, localizado em Penedo” (SANTOS, 2019, p. 179), as pessoas começaram a negociar seus produtos, utilizando o trem como “o principal meio de transporte” (OLIVEIRA, 2003, p. 271) das mercadorias. Pela imagem, percebe-se que na cidade havia uma feira livre.

De acordo com Correia (2015), em Piranhas também

> havia lojas de fazenda, miudezas, armazéns de secos e molhados que abasteciam o consumo local e de outros municípios mais centrais de Alagoas, Pernambuco e Bahia. A indústria se restringia a curtumes de couros e peles, ao fabrico de cigarros, uma loja de telhas e tijolos, uma padaria e pequenas oficinas de ferreiro, funileiro, marcenaria, alfaiates, e sapateiros (CORREIA, 2015, p. 47).

Pela citação, percebe-se que a cidade, pela localização estratégica, movimentava-se economicamente envolvendo um número cada vez maior de pessoas e de produtos.

Figura 13 - Estação Inicial de Piranhas (AL) e a torre do relógio

Fonte:https://www.historiadealagoas.com.br/historia-das-estradas-de-ferro-em-alagoas-iv-de-piranhas-a-jatoba.html

Nessa proposta, Thompson (1987) relata que “ao acompanharmos a mudança, descobrimos como chegamos ao que somos hoje. Compreendemos mais claramente o que foi perdido, o que se conservou “subterraneamente” e o que ainda resta por resolver” (THOMPSON, 1987, p. 344). Logo, percebe-se que a chegada da ferrovia, vagarosamente, foi configurando aspectos urbanos à cidade de Piranhas, que transformou-se em um importante centro comercial, conforme figura 13.

2.1.2 A Estação Pedra

A Estação Pedra, no quilômetro 54 – quase na metade do percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (A) a Jatobá (PE) -, distanciava-se 16km da cidade de Água Branca (AL), que na época era uma vila, sede do município. Segundo Correia (2015), o nome originou-se "de uma fonte de água puríssima de cor esbranquiçada, situada numa serra de mesmo nome, com cerca de 4 a 5 léguas de extensão, e coberta de verdejante mata" (CORREIA, 2015, p. 47). Nessa época, esta vila era um dos pontos econômicos e comerciais mais importantes do sertão alagoano.

Figura 14- Estação Pedra - km 54

Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/alagoas/delmiro.htm

Conforme os estudos de Bonfim (2001), a locomotiva que está estacionada na Estação Pedra, consoante figura 14, é a Paulo Affonso, nº 7, veículo que sofreu o acidente ferroviário descrito anteriormente.

Nesse cenário, em 1902, o industrial Delmiro Gouveia, que já era muito conhecido como o "Rei das peles"[29] chegou à Água Branca, vindo de Recife (PE), sendo acolhido por duas famílias poderosas: Torres e Luna. De acordo com Menezes (1991), até aquele momento, "o sertão contava, como obra de benefício do governo, apenas com a via férrea da Paulo Afonso,

[29] "Como Delmiro é denominado por muitos de seus biógrafos" (MAYNARD, 2008, p. 44).

construída no tempo do Império" (MENEZES, 1991, p. 76). Notadamente, a mesma ferrovia que proporcionou a Delmiro as facilidades para o desenvolvimento do modelo industrial que seria conhecido por todo o país.

Pouco tempo depois, Gouveia comprou uma fazenda nas proximidades da Estação Pedra, que nomeou Rio Branco, facilitando, desse modo, o transporte das peles que ele negociava até o Porto de Piranhas. Sobre essa informação, Menezes (1991), assevera que

> o nome do lugar condizia perfeitamente com a composição do solo. Em todo êle, o arenito é encontradiço no subsolo, criando dificuldades a qualquer construção. Só raízes fortes, com a da baraúna, conseguiram penetrar as frunchas do arenito e alcançar a camada permeável" (MENEZES, 1991, p. 71).

Percebe-se que a região apresentava todas as características típicas e dificuldades de uma região localizada no semiárido. Entretanto, o industrial enxergou as potencialidades do lugar, considerado perfeito para a realização de seus projetos.

Estabelecido, buscou recursos para dar início ao projeto de uma hidrelétrica, a partir da queda da cachoeira de Paulo Afonso, e de uma fábrica de linhas "para implantação de uma nova civilização num ambiente em que o progresso industrial não penetrara ainda" (MENEZES, 1991, p. 70). Segundo Maynard (2008), "foi a missão civilizatória que arrastou Gouveia aos sertões alagoanos. Se fosse para ganhar dinheiro apenas, diriam os biógrafos, bastaria viver em Maceió" (MAYNARD, 2008, p. 159). Para Menezes (1991), o projeto do industrial era "o primeiro grito de esperança de uma nova era" (MENEZES, 1991, p. 76). Cumpre lembrar que Delmiro passou a ser reconhecido por sua audácia e habilidade comercial, fatores de grande relevância para o desenvolvimento de seus empreendimentos.

Conforme Menezes (1991),

> concomitantemente com o início das obras da cachoeira eram preparados na Pedra os terrenos em que se deviam erguer o edifício da fábrica de linhas e a vila operária. O trecho escolhido, pontilhado de cactos e coberto de catingueiras, pereiros e outras plantas baixas da região, era crivado, no entanto, em pontos diversos, de vistosas baraúnas. Foi atacado por algumas centenas de homens, para efeito de limpeza, de abertura de alicerces e de fabricação de tijolos" (MENEZES, 1991, p. 71).

Para a construção de seus empreendimentos, contratou mão de obra sertaneja, vinda de vários lugares, e era quem "orientava pessoalmente todas as obras" (CORREIA, 1998, p. 205). Por esse motivo, afastava dos serviços todos os trabalhadores que se mostrassem vagarosos ou indisciplinados.

Assim, 11 anos após sua chegada à Pedra, o coronel Delmiro Gouveia[30], em 1913, inaugura a Usina Hidrelétrica de Angiquinho, a primeira usina hidrelétrica do Nordeste. Um ano depois, em 1914, é a vez da Fábrica de Linhas da Pedra, - indústria que produzia linha de costura da marca "Estrela"[31],- e do núcleo fabril, denominado Vila da Pedra, modificando, assim, as caatingas do sertão de Alagoas e região. Menezes (1991) relatou que na inauguração "a sirene despertou a população como um arauto de boas notícias" (MENEZES, 1991, p. 76). De acordo com Correia (2015), a fábrica de Linhas da Pedra chegou a empregar 1.500 operários, entre mulheres, homens e crianças.

A Usina Hidrelétrica de Angiquinho, localizada no meio do penhasco, conforme figura 15, possuía uma turbina e uma bomba de 150 HP. Com a força da Cachoeira de Paulo Afonso, a pequena usina produzia energia elétrica e água encanada que abasteciam a Fábrica de Linhas e toda a Vila da Pedra.

Figura 15 - Usina Hidrelétrica de Angiquinho na Cachoeira de Paulo Afonso

Fonte: http://memoriasdosertao.com.br/artigo.php?id=2

Como Angiquinho ficava a 24 km da Vila da Pedra (NASCIMENTO, 2018), Delmiro mandou abrir uma estrada, interligando as localidades. Segundo Menezes (1991), em pouco tempo o complexo Vila da Pedra e Cachoeira de Paulo Afonso "começava, então, a ser um

[30] Delmiro chegou ao coronelato devido ao poder econômico que possuía (NASCIMENTO, 2018).
[31] IBIDEM, p. 75.

movimentado centro de turismo" (MENEZES, 1991, p. 81). Isso possibilitou que aquele sertão tido como seco e sem vida fosse visto sob uma nova perspectiva.

Ainda, de acordo com Menezes (1991),

> na cachoeira o turista admirava a paisagem magnífica que as obras realizadas haviam deixado intacta, com as quedas em toda sua majestade e o horizonte estreito restringido pelos paredões de granito que comprimem e pulverizam as águas, borbulhantes e ruidosas, mas igualmente fascinantes" (MENEZES, 1991, p. 81).

Com essa iniciativa, o coronel Delmiro Gouveia passou a receber "governadores, deputados, ministros, jornalistas, industriais e líderes religiosos" (NASCIMENTO, 2018, p. 151). Ali, podiam admirar as belezas das quedas da cachoeira e o funcionamento da fábrica de linhas, pertencente à Companhia Agro Fabril Mercantil, figura 16, que "era aberta a todos, que a percorriam admirando a ordem e o asseio reinantes e o funcionamento das máquinas, principalmente as de encarretelar, que davam a impressão, pela perfeição de trabalho, de inteligências humanas em atividade" (MENEZES, 1991, p. 81). Ao final do passeio, os visitantes deixavam suas impressões em "um livro" (MENEZES, 1991, p. 82), posto à disposição pelo próprio Delmiro.

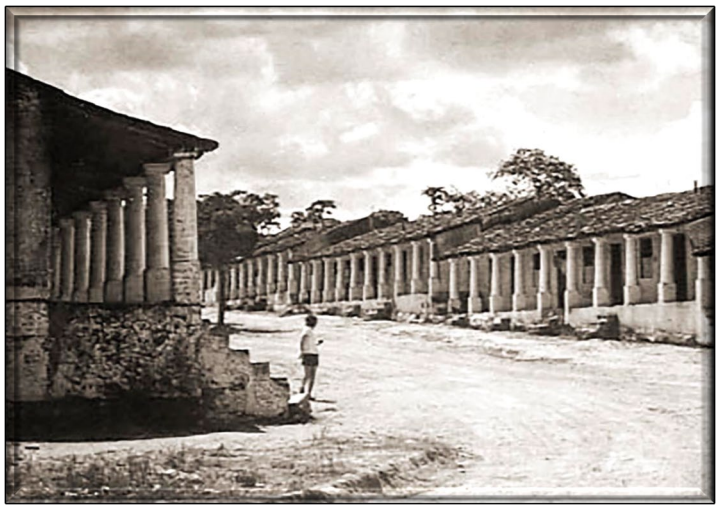
Figura 16- Companhia Agro Fabril Mercantil

Fonte: https://www.historiadealagoas.com.br/delmiro-gouveia-a-antiga-vila-da-pedra.html

A seleção para contratação dos operários para trabalhar na fábrica era feita pelo próprio Delmiro, que também acompanhava a entrada e a saída dos trabalhadores, em todos os turnos.

Com a finalidade de formar operários imbuídos de responsabilidade, mandou afixar quadros em todos os salões da fábrica com algumas frases. Entre elas: “por mais minuciosa e bem cuidada, nunca a fiscalização é suficiente e completa” (MENEZES, 1991, p. 80). Pela pobreza da região, não faltavam pedidos de emprego, que eram atendidos, na medida do possível. E ali, pela primeira vez no Brasil, uma indústria produzia linhas de costura” (MAYNARD, 2008, p. 23), em pleno sertão alagoano.

Figura 17- Rua da vila operária da Pedra



Fonte: Acervo Museu Delmiro Gouveia.
https://www.historiadealagoas.com.br/delmiro-gouveia-a-antiga-vila-da-pedra.html.

No início do projeto industrial, a Vila da Pedra tinha sete ruas, assim denominadas: Rua Rio Branco, Rua José de Alencar, Rua Floriano Peixoto, Rua Ruy Barbosa, Rua 15 de Novembro, Rua 13 de Maio – figura 17 -, e Rua 7 de Setembro. Em 1917, ano da morte de Delmiro Gouveia, “havia em Pedra cerca de 250 casas, chafarizes, lavanderias e banheiros coletivos, loja, padaria, farmácia e feira semanal, escolas, médico e dentista, cinema, pista de patinação, banda de música, Posto de Correio e Telégrafo” (CORREIA, 1998, p. 205). Nessa vila, o coronel Delmiro desenvolveu seu “processo civilizador” e educacional por meio de novos hábitos de vida, de trabalho e pela frequência à escola.

De acordo com Correia (1998), em Pedra, “entre os moradores e contemporâneos, o núcleo fabril era referido como Fazenda Rio Branco, Fazenda da Pedra, Vila Operária da Fazenda Rio Branco ou simplesmente como “Pedra”, ao passo que a povoação preexistente era chamada Pedra Velha ou “cidade livre” (CORREIA, 1998, p. 204). Vale destacar que a vila operária era cercada por arame, objetivando delimitá-la das residências particulares que foram sendo construídas em torno do núcleo fabril. Na época, os residentes distinguiam os dois lugares

com as expressões “dentro do arame, e “fora do arame” (CORREIA, 1998). Desse modo, percebe-se que em Pedra existiam duas comunidades antagônicas: uma, “dentro do arame”, constituída de normas rígidas; outra, “fora do arame”, crescendo livre, com hábitos diversos. Ambas, localizadas no entorno da Estação Pedra, e resultantes das modificações ocorridas no sertão a partir da chegada Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE).

2.1.3 A Estação Final

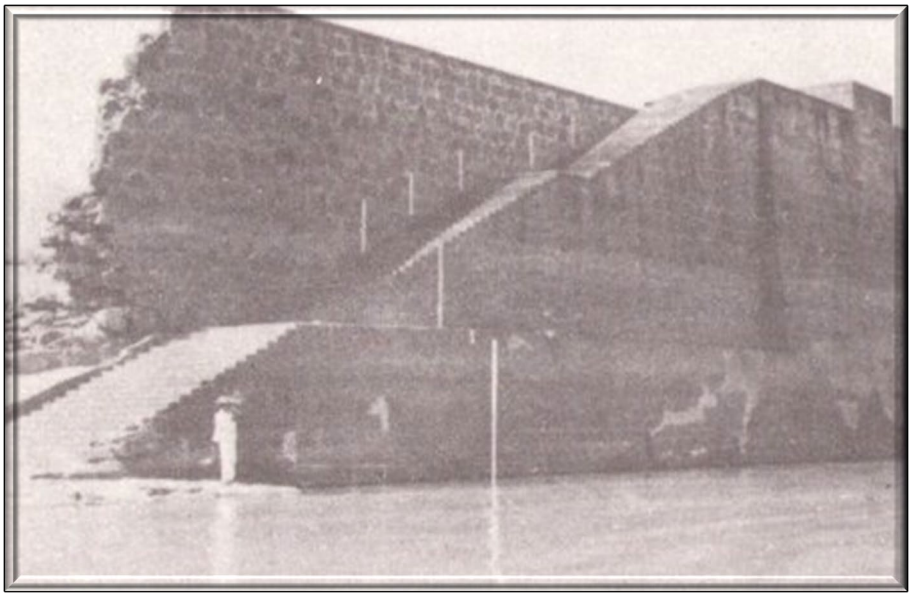
A Estação Final, consoante figura 18, localiza-se em Jatobá (PE), à margem do rio São Francisco, próxima a um pequeno porto. De acordo com Santos (2019), “antes da chegada da EFPA, Jatobá era um pequeno povoado frequentado por vaqueiros que, segundo Halfeld, era constituído, em 1854, por apenas três casas localizadas no Sítio Jatobá (COSTA, 2019, p. 173). Com a chegada da ferrovia, o povoamento expandiu-se e o comércio desenvolveu-se, “tornando-se um dos mais florescentes do Sertão (SANTOS, 2019, p. 173). Sendo assim, com a crescente movimentação de embarcações de pequeno porte, na parte baixa da cidade, transportando mercadorias até o povoado, percebeu-se a necessidade de construção de um porto. Nos planos, os navios, vindos de Juazeiro (BA), descarregariam em Jatobá (PE). Dali, as mercadorias seguiriam de trem até o Porto de Piranhas (AL), de onde seguiriam de navio até Penedo (AL) ou Propriá (SE). Do mesmo modo, no sentido inverso.

Figura 18- Estação Final – Jatobá (PE)

Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/alagoas/petrolandia.htm

Por isso, de acordo com Santos (2019), em 1883, D. Pedro II ordenou que fosse construído um ancoradouro, seguindo o estilo arquitetônico da época, conforme figura 19, mesmo sem ter sido realizada a desobstrução do rio na localização da "cachoeira de São Pedro Dias que, toda ciumenta, não deixava nenhum barco grande chegar" até o cais" (RUBENS, 2016, p. 10). À vista disso, percebe-se que a construção não deveria ter sido realizada naquela localidade.

Figura 19 - Cais D. Pedro II, na cidade de Jatobá (PE)

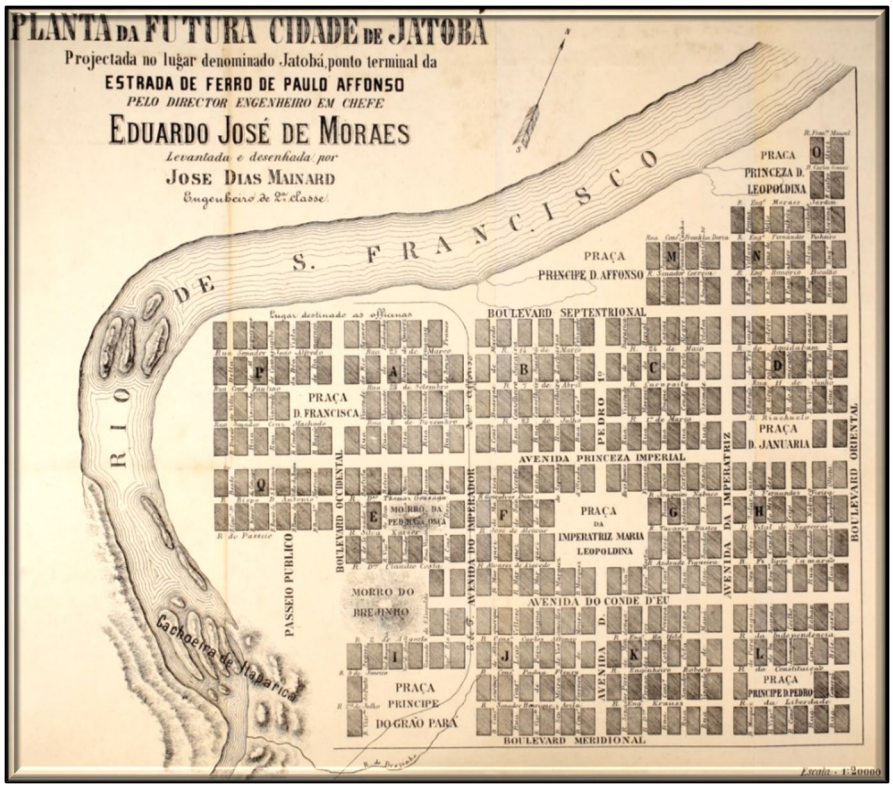


Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/alagoas/petrolandia.htm

O Cais era “todo de pedra, lindo, alto, imponente” (RUBENS, 2016, p. 13), com “seus 72 degraus” (RUBENS, 2016, p. 13) em “três lances de escada ligados a um paredão de 30m de comprimento e a base do guindaste medindo, aproximadamente, 17m de altura do lado do rio (SANTOS, 2019, p. 173). Entretanto, como os barcos grandes só conseguiam chegar ao ancoradouro no período de cheias do rio, a grandiosa construção não cumpriu sua finalidade.

Mediante crescimento da população local, o engenheiro Eduardo José de Moraes, substituto de Reinaldo von Krüger na construção da EFPA, projetou uma nova cidade para Jatobá, conforme planta apresentada na figura 20.

Figura 20 – Planta da futura cidade de Jatobá (PE)



Fonte: https://ighpetrolandia.wordpress.com/2021/07/01/petrolandia-a-capital-que-foi-sem-nunca-ter-sido/

De acordo com Santos (2019), “a cidade ocuparia uma área superior a 14 mil metros quadrados, na parte mais alta, numa planície voltada para a Cachoeira de Itaparica, buscando-se evitar prejuízos causados pelas cheias” (SANTOS, 2019, p. 175), que por várias vezes invadiram a cidade, destruindo casas. De acordo com o projeto, a cidade “teria avenidas (100m) e ruas (50m) largas e arborizadas, ficando uma faixa central destinada a futuras instalações de carris de ferro, rede de esgotos e distribuição de gás. Esta talvez tenha sido a primeira cidade planejada do Sertão” (SANTOS, 2019, p. 175). Percebe-se, pela planta, que as casas seriam padronizadas, não atendendo, possivelmente, as condições econômicas da população sertaneja.

No projeto, avenidas e praças receberam nomes da Família Imperial do Brasil e as ruas ganharam nomes de estadistas, de homens influente, de datas memoráveis da história e de festas nacionais.

A respeito disso, Bonfim (2001), apresenta um documento que informa onde a planta da nova cidade de Jatobá foi impressa, como transcrito, integralmente, a seguir:

> A planta da cidade que projectamos, no lugar "Jatobá", ponto terminal da Estrada de Ferro Paulo Afonso, foi, a expensas nossas, litografada e impressa no arquivo Militar da Côrte, afim de anexada à presente memória.
> Dividimos esta pequena minoria em duas partes distintas, contendo a primeira a indicação das dimensões e arruamento da futura cidade; e a segunda, a correspondência trocada com diversas autoridades a respeito do seu projeto, por julgarmos que o seu conhecimento poderá ser de utilidade no futuro.
>
> Piranhas, Agosto de 1883 (BONFIM, 2001, p. 40).

Como visto, no documento não consta indicação de quem o redigiu. No entanto, nota-se que houve preocupação em deixar esta documentação guardada para posteridade. Importante destacar que a referida planta foi posta de lado pelas autoridades municipais, e que as construções foram realizadas de acordo com os interesses políticos.

Em 1887, o Povoado de Jatobá foi elevado à condição de Vila, em 1º de maio. Após grande desenvolvimento do comércio e rápida expansão populacional, elevou-se à categoria de cidade, em 1º de junho de 1909, mantendo-se assim até 1926, quando foi rebaixada à condição de distrito de Tacaratu (PE).

Sobre esse fato, o jornal Correio da Pedra, em 18 de junho de 1922, publicou a seguinte nota, transcrita na íntegra:

> JATOBÁ – É louvável a pretensão que levou os habitantes de Jatobá a reclamarem um acto de justiça, que é também uma merecida reparação. A antiga cidade de Jatobá, ponto terminal da Estrada de Ferro Paulo Afonso, situada à margem do S. Francisco e ponto de partida da navegação fluvial para o interior da Bahia, Piauhy e Minas, tendo sido, por longos annos, sede de comarca, foi destituída dessa prerrogativa, de modo que a justiça alli tem sobre si o maior dos defeitos: é retardada e cara, pois existe apenas o juiz municipal. Um habeas-corpus precisa ser levado à Floresta numa distância de duas dezenas de léguas. São resultados da economia que suprime os cargos da magistratura para crear, na capital, as sinecuras rendosas para os afilhados felizes.
> Foi encarado o facto que as classes conservadoras enviaram, num momento em que o governo vae reparando os seus actos, o telegrama abaixo, cheio de verdade, de justiça e de necessidade collectiva:
> - Governador do Estado – Recife – Commercio, agricultura, população município, representados elementos destaque abaixo assignados, solicitam respeitosamente V. Exa. Restauração comarca, exemplo Cabrobó, Belmonte e outras. Município trinta léguas extensão, quinze mil habitantes, zona fertilíssima, via-ferrea, dando renda Estado cerca 14 contos annuaes merece ser colocado posição igual aquelles. Satisfeito

> pedido, nossa terra conservará carinhosamente nome V. Exa. Como verdadeiro benemérito. Respeitosas saudações – (Seguem-se numerosas assignaturas) -. Acompanhamos o gesto dos habitantes do Jatobá (CORREIO DA PEDRA, 1922, p. 51).

Percebe-se que a caracterização geográfica sempre foi um problema enfrentado pelo município de Jatobá, acarretando grande insatisfação entre os munícipes. Convém informar que essa questão perdurou por muitos anos.

Em novembro de 1938, o povoamento recebe novamente o foro de cidade, porém, com a denominação de Itaparica. Entretanto, em 31 de dezembro do mesmo ano, uma nova alteração toponímica aconteceu na cidade, por imposição do IBGE, que proibia que duas cidades ou vilas tivessem a mesma nomenclatura. Com isso, considerando a existência da cidade de Itaparica, no Estado da Bahia, a cidade pernambucana de Itaparica, que antes chamava-se Jatobá, passou a ser denominada de Petrolândia, em homenagem ao Imperador D. Pedro II.

Sobre a escolha do nome, de acordo com Rubens (2016), "Pedro, no idioma do povo grego, se diz "Pétros", e terra, os ingleses pronunciam "land". Assim, juntando Petros + land, podemos dar à cidade o nome de Petrolândia, que significa "terra de Pedro" (RUBENS, 2016, p. 28).

Devido a tantos conflitos políticos, o comércio de Jatobá entrou em declínio visto que a cidade, apesar de ter se expandido, não ofertava muita diversidade de produtos, obrigando os habitantes viajar para comprar em outro município.

De acordo com Santos (2019), "em 1923, o engenheiro industrial e recifense Francisco Brandão Cavalcanti, que havia fundado a firma Brandão Cavalcanti & Cia. LTDA em Jatobá, propôs explorar a cachoeira de Itaparica" (SANTOS, 2019, p. 180). Em proposta apresentada ao Governador de Pernambuco, Sérgio Loreto, o engenheiro propunha aproveitar a força da Cachoeira de Itaparica para captação de energia, com a finalidade de irrigar o Vale do São Francisco, de Jatobá a Petrolina, para a produção agrícola.

No projeto também constava a fundação de colônias para os agricultores, voltadas para o cultivo de algodão, para fornecer energia elétrica para Recife (SANTOS, 2019). Contudo, os recursos foram indeferidos pelo Governador, por considerar o projeto inviável. No entanto, sem impedimento para a realização, doou ao engenheiro "o prédio das antigas oficinas da EFPA, em troca da construção dos prédios das Escolas Reunidas 10 de Novembro e o da cadeia da cidade" (SANTOS, 2019, p. 180). Com esta informação, confirma-se a existência de escolas, em Jatobá (PE), ponto final da Estrada de Ferro Paulo Afonso.

O Dr. Brandão Cavalcanti, como era conhecido regionalmente, utilizando recursos próprios, comprou terras no local onde pretendia implantar a primeira colônia de irrigação e um motor de 400 HP para instalar na pequena usina de Itaparica, visto que o terreno na região da Cachoeira de Itaparica onde a usina seria construída já havia recebido, em doação, de um entusiasta proprietário de terras.

Em 1933, sem recursos financeiros suficientes para continuar o projeto, Dr. Brandão Cavalcanti vende "os direitos que tinha sobre os terrenos marginais a Itaparica e demais bens que possuía à Cia. Agrícola Pastoril do São Francisco" (SANTOS, 2019, p. 180). Com a venda, a companhia agrícola assume dar continuidade aos planos da empresa antecessora.

Na época, os trabalhos desenvolvidos pela Cia. Agrícola Pastoril do São Francisco resultaram em grandes avanços para Jatobá, que voltou a ter movimento no comércio. Entre as ações estavam a compra de uma turbina hidrelétrica de 1.000 HP "e construiu a casa de máquinas, os túneis e os canais da pequena usina hidrelétrica a ser instalada em Itaparica (SANTOS, 2019, p. 180). Entretanto, em 1937, sem conseguir recursos financeiros junto ao Governo pernambucano, a Companhia faliu, causando mais um duro golpe no desenvolvimento do município.

Em 1942, o Ministério da Agricultura, sob a direção do agrônomo pernambucano Apolônio Sales, adquire o acervo da Cia. Agrícola Pastoril do São Francisco, faz importantes investimentos na região e conclui as obras da pequena Usina Hidrelétrica de Itaparica, que forneceu energia elétrica para o município, que já era chamado Petrolândia, Tacaratu, Floresta e para o Núcleo. Essa iniciativa dá vida ao Núcleo Colonial Agro Industrial do São Francisco, "o primeiro projeto em larga escala e em caráter industrial, de colonização e irrigação da Região do São Francisco" (SANTOS, 2019, p. 185). Inicialmente, o Núcleo foi administrado pela Superintendência do Vale do São Francisco – SUVALE – e, em seguida, pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco – CODEVASF. As atividades desenvolvidas pelo empreendimento contavam com "uma cerâmica e uma pequena fábrica de doce de goiaba e banana" (SANTOS, 2019, p. 187), uma fábrica de farinha e um frigorífico, que abasteciam Petrolândia e cidades circunvizinhas.

No ano de 1970, a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – CHESF – chega à Petrolândia para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaparica e consequente formação do Lago de Itaparica – o reservatório da usina. No empreendimento, foram construídas duas vilas de casas de madeira para alojar os trabalhadores do canteiro de obras, um canteiro de obras - construído a 14 km da antiga Petrolândia -, um Acampamento Chesf, um alojamento para os funcionários e um "povoado satélite, também conhecido como "Cidade Livre" (SANTOS,

2019, p. 191). Naquela localidade, além de funcionários da obra, qualquer pessoa ou comerciantes, atraídos pela construção da usina, podia morar ou construir.

Foi elaborado um Plano de Desapropriação e um Plano de Reassentamento, garantindo condições às comunidades de retomarem suas atividades econômicas e vida em sociedade. Nessa negociação, houve convocação e participação popular, que foi essencial para que todas as etapas do processo fossem concluídas. Com isso, a nova sede, moderna, que teve a localização pensada para integrar os município vizinhos, foi entregue em 1987. Vale destacar que esse período foi marcado por um clima que gerou tensão para as famílias.

De acordo com Santos (2019),

> [...]em 27 de fevereiro de 1988, finalmente as comportas da barragem da UHE Itaparica foram efetivamente fechadas para o enchimento do reservatório. Ao longo de pouco mais de três meses, em maio do mesmo ano, as águas do Lago de Itaparica inundaram uma área de 143,1 km² do município de Petrolândia, encobrindo propriedades rurais e a antiga sede municipal (SANTOS, 2019, p. 205).

Com o enchimento do reservatório de Itaparica, a antiga cidade e boa parte do seu espaço rural ficaram submersos. Fato que despertou, na população, expectativas e incertezas, frente a uma região que sobreviveu ao passo de constantes mudanças.

2.2 Desativação da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE)

A Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE), durante seu período de funcionamento, de 1883 a 1964, foi o principal meio de transporte e comunicação entre as cidades da região sertaneja dos Estados de Alagoas, Pernambuco e Bahia. Desse modo, durante os oitenta e um anos de existência, cumpriu um importante papel na promoção do desenvolvimento do sertão nordestino, tendo levado emprego e melhoria de vida aos sertanejos judiados pelos prejuízos da seca.

Como apresentado, a seca e a integração entre Baixo e Médio São Francisco foram os motivos para a construção desta via férrea que tanto contribuiu para o crescimento do comércio regional e com o tráfego dos viajantes. Todavia, de acordo com Bonfim (2007), o fluxo de pessoas e de mercadorias que circulavam na região sertaneja não era o suficiente para sustentar a ferrovia.

De acordo com Silva (2012), em 1964, a Resolução de nº 29/64, de 19 de maio, assinada pelo Presidente Humberto de Alencar Castello Branco[32] e seu Ministro de Viação e Transportes, Juarez Távora[33], durante o regime militar, determinou a desativação da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE). Isto posto, em 8 de junho deste mesmo ano, o tráfego foi cessado (BONFIM, 2007), e o trem, nesta data, fez sua última viagem.

Cumpre destacar que a decisão presidencial não ficou isenta de protestos. Tomados de grande insatisfação, funcionários da ferrovia, sertanejos, políticos e jornalistas fizeram diversos apelos, na imprensa e na tribuna, para que a ferrovia não fosse fechada. Vale ressaltar que a Assembleia Legislativa de Alagoas também aderiu às manifestações. Em Jatobá (PE), de acordo com Rubens (2016), "foi um desânimo total na cidade" (RUBENS, 2016, p. 30). Decerto, o fechamento da via férrea foi um grande golpe para a população sertaneja que acompanhou as grandes transformações que o empreendimento trouxe para a região.

Segundo Silva (2012), o deputado Oséas Cardoso, que foi prefeito de Piranhas no início da década de 1940, solicitou

> ao Poder Executivo, através do Ministério dos Transportes, informações sobre a extinção da ferrovia e fez outras indagações. Em oito questões pontuais o deputado alagoano inquiriu, no mencionado documento, em busca da defesa do permanente funcionamento da estrada de ferro, numa das quais desejava saber "que estudo, relatório ou sugestão recomendou o fechamento da Estrada de Ferro Paulo Afonso, indicando-se o ato governamental que determinou a concretização da medida" (SILVA, 2012, p. 98).

---

[32]"Humberto de Alencar Castelo Branco nasceu no dia 20 de setembro de 1987, na cidade de Fortaleza (CE). Filho do General Cândido Borges Castelo Branco e de Antonieta Alencar Castelo Branco. Por parte de mãe, é descendente do romancista José de Alencar. Estudou no Colégio Militar de Porto Alegre e, em 1918, entrou para a Escola Militar do Realengo, onde entrou para a infantaria tendo grande destaque. Estudou também na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Armada, Escola de Estado-Maior e Escola de Aviação Militar.

Durante a campanha militar do Brasil na Itália, durante a primeira guerra mundial, Castelo Branco fez parte da Seção de Planejamento da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Conseguiu o cargo de subchefe do EMFA (Estado Maior das Forças Armadas), depois se tornou comandante da Escola do Estado-Maior e diretor do departamento de estudos da Escola Superior de Guerra (ESG). Com grande prestígio no meio militar, Castelo Branco foi promovido a general do Exército (1962); nomeado comandante do 4º Exército em Recife (1962-1963); e designado chefe do Estado-Maior do Exército (1963-1964).

Foi um dos articuladores do golpe militar de 1964, sendo nomeado por tempo provisório como presidente. Em 9 de Abril de 1964, o Supremo Comando do Exército decreta o Ato Institucional N°1 (AI-1), que suspendia todos os cargos políticos do governo anterior, e o presidente passou a ter o poder de cassar mandatos e suspender direitos políticos de qualquer cidadão por 10 anos; de propor emendas à Constituição; de declarar Estado de Sítio. Depois do anúncio do AI-1, Castelo Branco assumiu a presidência do país, e o Serviço Nacional de Informação (SNI) foi criado.

O governo de Castelo Branco anunciou que tinha como objetivo combater os comunistas e a corrupção, bem como recuperar a credibilidade internacional do Brasil. Disponível em: https://neamp.pucsp.br/liderancas/humberto-de-alencar-castelo-branco. Acesso em 18 de out. 2022.

[33] Juarez do Nascimento Fernandes Távora nasceu no município de Jaguaribemirim, atual Jaguaribe (CE), no dia 14 de janeiro de 1898. Foi militar e político. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1975. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/54321. Acesso em 18 de out. 2022.

Entretanto, as reivindicações de nada adiantaram e a estrada de ferro que trouxe progresso ao sertão nordestino, que viabilizou o empreendedorismo de Delmiro Gouveia e que testemunhou o nascimento da Usina Hidrelétrica de Itaparica foi desativada. Notadamente, essa decisão causou um sentimento de perda à população dos sertões de Piranhas (AL) a Jatobá (PE), e de todos que guardam em suas memórias os registros de um tempo de grandes transformações.

2.3 O jornal Correio da Pedra e as notas sobre educação

O Correio da Pedra foi um jornal que começou a circular em 12 de outubro de 1918, na Vila da Pedra, sertão do Estado de Alagoas, localizada próximo a uma das estações da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, numa iniciativa de Delmiro Gouveia, "ávido leitor dos jornais da época" (NASCIMENTO, 2018, p. 159). É possível relacionar que o hábito tenha sido adquirido no Recife, em razão de que, nos primeiros anos do século XX, Pernambuco já possuía uma representativa rede de impressos, com grande circulação. E, como declarou Nascimento (2018), Delmiro esteve "na sociedade pernambucana até o início de suas atividades empresariais no sertão de Alagoas, no começo do século XX" (NASCIMENTO, 2018, p. 41). Esse fato é apontado como um dos motivos que levou o industrial a comprar o maquinário para o jornal.

Cumpre destacar que o periódico teve sua primeira publicação um ano após a aquisição do equipamento tipográfico. No entanto, o material "só chegou depois do seu assassinato"[34] (CAVALCANTE, 1998, p. 48). O impresso circulou até 25 de maio de 1930, ano em que a Fábrica de Linhas da Pedra passava por dificuldades financeiras.

No dia 05 de fevereiro de 1922, primeira edição localizada, publicou o Correio da Pedra a nota transcrita na íntegra, a seguir:

> Referindo-se ao nosso jornal, o Correio de Jacobina, da Bahia, inseriu em suas columnas as linhas abaixo:
> CORREIO DA PEDRA
> Honra-nos sobremodo a visita do valente collega cujo nome titula estas linhas.
> A imprensa alagoana, forçoso é dizer-se, está enriquecida com este semanário, propriedade de uma associação e que conta três annos de luta eficiente, lá nos sertões longínquos e áridos de Alagoas, onde veio à luz, numa quente e formosa manhã de outubro de 1918, na prospera Villa da Pedra. Foram seus fundadores, Adolpho Santos e J. Roberto, ambos jornalistas fulgurantes e de nomeada[35] na imprensa de Pernambuco (CORREIO DA PEDRA, 1922, p. 15).

[34] Em 10 de outubro de 1917.
[35] Nomeada: bom conceito resultante de feitos ou talentos invulgares; prestígio, renome, fama. Disponível em: https://www.google.com/search?q=significado+de+nomeada&rlz=. Acesso em: 16 de set. 2022.

Sob a direção de Adolpho Santos, teve à frente, por muitos anos, o Dr. José Lima, um pernambucano, Bacharel em Direito, que escrevia com o pseudônimo de J. Roberto (CAVALCANTE, 1998). Depois de alguns anos, J. Roberto foi substituído por Hildebrando Menezes.

A folha sertaneja alagoana tornou-se muito conhecida, ganhando popularidade na região dos sertões da Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Sergipe, Paraíba e em todas as cidades do interior e da capital de Alagoas. O sucesso deve-se ao belo trabalho em rede, com informações de colaboradores e correspondentes até no Rio de janeiro, numa atividade coordenada entre essas localidades. A redação, que funcionava em salas modestas, localizava-se na rua 13 de maio, nº 74[36], na Vila da Pedra, e a impressão era feita na seção gráfica da Fábrica da Linhas, sob a direção do artista tipógrafo, Cleodon Mendes.

A análise do semanário mostra um serviço de informações de alto nível, que levava ao sertão notícias sobre acontecimentos políticos, religiosos e descobertas científicas veiculados no Brasil e no mundo, embora a maioria da população era analfabeta, principalmente no meio rural[37].

De acordo com Nascimento (2018),

> sem o povo alfabetizado as consequências para o país seriam a ausência de cultura cívica e política, a ignorância dos processos higiênicos, a incapacidade para grande número de profissões, atraso nos processos agrícolas e nos da indústria. Na verdade, a própria existência e circulação do semanário, que se manteve por doze anos, é a prova do valor da leitura já que, em meio a uma população iletrada, o jornal teria perecido nos seus primeiros números (NASCIMENTO, 2018, p. 160).

Para o autor, a circulação do jornal era de grande importância, visto que propagava os ideais republicanos tidos como a garantia para o progresso da nação, que só seria possível eliminando o analfabetismo.

Nos primeiros anos de circulação, por se tratar de um semanário local, o Correio da Pedra possuía uma estrutura simples, organizado em diversas seções e quatro páginas. Circulava aos domingos e trazia as frases "ÓRGÃO DE PUBLICAÇÃO SEMANAL – PROPRIEDADE

[36] Disponível em: https://craal.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2018/10/RESULTADOELEICOESJORNALTRIBUNAINDEPENDENTE.pdf. Acesso em: 10 de mai. 2022.

[37] De acordo com o Mapa do Analfabetismo no Brasil, publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais -Inep, em 2017, a taxa de analfabetismo da população do Brasil, na faixa de 15 anos ou mais, em 1920, era de 65,0%, e que se trata de um problema que possui uma longa história no país. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/mapa_do_analfabetismo_do_brasil.pdf. Acesso em 18 de out. 2022.

DE UMA ASSOCIAÇÃO” em seu prospecto inicial, como visto na primeira edição da coleção organizada pelo Governo do Estado de Alagoas e IHGAL, na figura 21.

Figura 21- Primeira edição localizada do jornal Correio da Pedra

CORREIO DA PEDRA

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

ORGAO DE PUBLICAÇAO SEMANAL

Anno IV Pedra-Alagôas, 5 de Fevereiro de 1922 N. 174

O banditismo

Pela distancia e pelas irregularidades das conducções postaes, muito atrasados nos chegam os jornaes do littoral. Os ultimos recebidos alludem á missão que, junto ao governo de Pernambuco, veiu desempenhar o chefe de policia da Parahyba, dr. Democrito de Almeida—uma fecunda actividade e uma solida energia ao serviço dos magnos interesses da sua terra.

O alto auxiliar do governo parahybano cuida de evitar no territorio de seu Estado a praga corruptora do banditismo, e como nos ultimos tempos, a cangaceirada do sertão pernambucano está tentando o homisio no interior da Parahyba, é do dever policial pôr em pratica medidas que deixem em tranquillidade aquelle solo, onde agora o trabalho bem encaminhado está impellindo para o progresso todas as forças, que reclamam impulso intelligente. E' uma causa nobre, a exigir a maior attenção do poder publico, porque se o banditismo fizer a sua nefasta incursão naquellas paragens, o trabalho entrará em breve e fatal desorganisação, como aconteceu em 1911 e 1912 com a presença alli do bandoleiro Antonio Silvino nos serviços então a cargo da Great Western.

Além disso, outras funestas consequencias advirão, pois que a propriedade sentir-se-ia ameaçada, como succede em Villa Bella e seus arredores, onde as fazendas de criação, os campos de agricultura, o commercio das povoações, desappareceram na contigencia dos assaltos, dos assassinatos, dos incendios espalhados à gandaia pelos malfeitores, ha annos donos da região, sem que para vergonha e menoscabo da policia pernambucana, tenha sequer diminuido a sequencia dos factos criminosos.

E' isso o que, em sua terra, pretende evitar, guiado por benefica orientação, o dr. Democrito, entrando nos possiveis accordos de energica perseguição para sanear uma zona ameaçada.

O facto em lide despertou-nos algumas considerações relativas ao *habitat* alagoano, tambem povoado de bandoleiros, que, só agora, com a gestão do dr. Augusto Galvão na secretaria do interior, acossados efficientemente pela policia, teem abandodo os pousos sombrios das emboscadas, permittindo-nos gosar dias tranquillos.

Mas, uma vez que os governos do Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco, se solidarisam numa acção conjuncta contra os salteadores, parece-nos que se depara occasião opportuna para a administração de Alagoas participar da *entente*, dando braço forte ás deliberações tomadas, tornando-nos livres da calamidade regional, que é o banditismo sertanejo.

E nos abalançamos ao proposito de fazer lembrado tal assumpto, porque temos testemunhado as decisões do governador do Estado em assegurar aos intuitos do dr. Augusto Galvão a força e a acquiescencia, necessarias á debellação do flagello.

E' assim que de Sant'Anna a Agua Branca está feita a limpeza do nocivo elemento, que, na coragem e na indormida tenacidade do tenente Lucena tem tido compressiva resistencia aos seus fins de perversidade.

O assassinato frio, barbaro, caracterisado por todas as aggravantes da hediondez, ia quasi entrando no regimen das normalidades, quando o dr. Fernandes Lima tomou a peito offerecer-lhe uma peleja continua pela caça aos bandoleiros, para o que encontrou no dr. Augusto Galvão, seu illustre secretario, o mais decidido elemento de acção resoluta e efficaz, tendo já conseguido os mais satisfatorios resultados.

O que se nos alvitrou lembrar, pois, lendo a noticia da *entente* entre os governos daquelles Estados foi que a ella deveria Alagoas prestar a sua solidariedade, parecendo-nos todavia que algumas medidas já estão assentadas entre as administrações de Pernambuco e deste Estado, em consequencia das quaes, mezes atraz, na batida de audaciosos cangaceiros, collaboraram reunidas as duas policias, havendo um encontro armado com os bandidos no municipio de Sant'Anna, do qual sahiu ferido o capitão Theophanes, da policia pernambucana.

Com acertadas providencias de repressão entre os Estados e sendo a caça ao bandido ininterrupta e dirigida a qualquer pouso em que se acoitem os scelerados, muito lucraria a collectividade, tendo respeitada a propriedade, proseguidos confiantes os trabalhos agricolas, velada a prosperidade do criatorio, assegurada a garantia da vida da população sertaneja.

Disso, sabemol-o, não descurar-se-á a acção do eminente detentor do executivo alagoano em proveito de seus compatricios.

J. Roberto

EXCENTRICO

Para o Adhemar, só.

A's vezes tenho pensamentos doudos...
E talvez sejam todos elles, todos,
Excentricos, talvez...
Penso agora que dentro ao peito trago
A tristeza monochroma de um lago
De um jardim japonez...

Como é suave a expressão deste recanto
Aonde chega, raramente, um canto
Muito triste, de escol,
De uns labios feitos para os beijos doces...
...Ai, quem me dera, coração, que fosses
Lá do paiz do Sol...

A' tarde, o céu tem apparencia tragica
E o sol parece uma lanterna magica
Muito grande a luzir...
E o lago azul deste jardim tristonho
Tem parecenças proximas de um sonho
Talvez de um Grão Vizir...

E á noite, o luar parece uma cascata
De projecção de luz, como de prata,
Ferindo a calma azul...
E a flôr de lotus, como os malmequeres,
Espera o beijo dôce das mulheres,
Como um principe exul...

Meu coração, em tempos mui remotos,
Foi de certo uma linda flôr do lotus
De um berrillo azul-mar...
E as mãos fidalgas de uma lada havia
Amado tanto, que morreu um dia
Cançado de esperar...

Porisso quando o meu olhar tranquillo
Ponho em teus olhos lindos de beryllo
Eu penso muita vez,
Ter no peito, de tempos já remotos,
A cinza fria de uma flôr do lotus,
De um jardim japonez...

A. RODRIGUES DE MELLO

VELHO CRANEO

Palavras de um craneo, atirado á beira de uma estrada.

—Sinto-me vivo. A carne, que me torturava com a dôr e me fazia experimentar a tristeza da terra, pulverisou-se. Gloria á materia circulante; hoje é incolor, amanhã será verde, depois rosea, e mais tarde regressará ao amorpho periodo da confusão no kosmos.

Encontro-me, afinal, liberto. Esqueleto, que sou, ainda chammeja em mim a inspiração luzerna. E não volvi ao nada: vejo a natureza, sinto o contacto de tudo e, interiormente julgo os demais com o sereno criterio dos justos vencedores. Já fui homem. Nasci com o sarcasmo do destino e despedi-me do convivio dos outros, com a ironia do sorriso mechanico do rictus.

A alma, que ainda me constitue, é sempre nova como as madrugadas, alacre como os passaros e scismativa como as incognitas. Feliz no amor, soffri a illusão dos espelhos; a belleza sempre me fascinou e, devo dizer, nunca me horrorisei com a feiura, que tambem suscita a grande esthetica dos paradoxos.

Hoje, como tudo é ephemero sobre este planeta, ninguem pensa no que perderá; baixa um cadaver á lousa e termina, para muitos, o que começa para todos—a verdade do absoluto. Fui artista. Das mãos fugiu-me o buril, embora o marmore houvesse de mim tornado um Deus, porque nelle corporisei as creaturas do meu idealismo e dei-lhes o «fiat» do meu pensamento.

Quantas vezes, plasmando um busto de mulher, sonhei occultar no marmore um coração ardente!

Quantas vezes, modelando o cerebro de um genio da musica, imaginei conter o rithmo da poesia universal na palavra-melodia!

E tantas outras, esculpindo faces de creanças, tentei dar fórma á sureza perfeita da innocencia?

Pelo talento, consegui materialisar as ideas que subjectivava, só evocando recordações que me faziam chorar, só confranger um rosto inane, como se a arte accendesse nas moleculas a vitalidade de outro ser.

Crear! sublime expressão da natureza que nos afasta do chãos, une as cellulas e lhes dá movimento, no perenne symbolo da vida.

Quem dera ter ainda em mão o escopro que talhava a pedra, fazendo saltar a magica scentelha que brilhava, illuminando-me a noção da forma excelsa! E estas vividas faculas escapavam-se com as minhas energias, quando a arte era o seio da minha alegria ou o regaço, em que deixava as minhas lagrimas de fôgo.

Vou calar-me. Para mim, tudo se converteu em nada. O que era pompa, extinguiu-se; o que era graça, esvaeceu-se, deixando-me o talvo da saudade que me retira da imaginação os espectros dos sonhos, agora redivivos, como velhas estatuas, que apenas consolidam na vaidade personalidades mortas, entre mortas esperanças de outras éras.

C. Moreira Seabra

Depois de uma permanencia de mais de dous annos nesta villa, chefiando o serviço sanitario da Fabrica de Linhas retira-se hoje, ás primeiras horas da manhã, com destino a Pernambuco, via Garanhuns, em automovel o nosso dedicado amigo e intelligente collaborador dr. Francisco Figueiredo.

Não quiz o distincto profissional renovar o seu contracto, visando um meio mais largo, onde a sua competencia medica podesse encontrar vasto horisonte ao surto de seu talento.

A estadia do dr. Figueiredo na Pedra deixou, em quantos se cercaram de sua individualidade um sulco profundo de arraigadas sympathias, porque o joven clinico, ás suas maneiras delicadas de trato, reune a dedicação peculiar ao seu sacerdocio, concorrendo ainda em seu favor a *allure* de sua palestra insinuante, attrahente, abrindo a cada phrase o cultivo de que é portador o illustre medico.

Com o nosso apertado abraço de despedidas, o *Correio da Pedra*, com sinceridade amiga, deseja ao dr. Figueiredo, em sua carreira publica, onde quer que o destino o conduza, um porvir de muita ventura, de franca prosperidade, e que tem direito a sua victoriosa mocidade.

Bento XV era o 271 dos chefes que tem tido a igreja de Roma.

A sua morte vae dar logar a reunião do conclave, de que sairá o novo papa, sendo o mais cotado para tão elevada dignidade, o cardeal Gasparri, que era o secretario do pontifice extincto.

O Sacro Collegio conta actualmente 61 cardeaes, sendo 31 italianos, 6 hespanhóes, 5 francezes, 3 allemães, 3 inglezes, 2 austriacos, 2 polacos, 2 norte—americanos, 1 belga, 1 hungaro, 1 slovaco, 1 hollandez, 1 portuguez, 1 canadense e 1 brasileiro. Estão no Vaticano todos os cardeaes italianos, sendo possivel que, no maximo se reunem 50 para a eleição.

Desde 1523 que os pontifices teem sido italianos.

—Bento XV em seu testamento constituiu herdeiro universal o seu irmão marquez Giuseppe de la Chiesa.

EXTERNATO SPENCER, em Agua Branca. Ensino moderno por methodos intuitivos e modicas mensalidades. Direcção de J. Edgard Ramos.

Acinematographia commette verdadeiro arrojo para obter tanto quanto possivel a verdade nas suas realizações scenicas. Na pellicula da Vitagraph: „Os mortos não falam", em que ha a explosão de um navio, foi a impressionante scena tomada a um só tempo por dez operadores.

O navio destruido chamava-se "Hazzard" e em sua destruição foram empregadas 80 libras de dynamite e varios litros de kerozene e naphte.

—Só esta scena do film custou varios milhares de dollars, effectuando-se em aguas do rio Hudson e na presença de varios representantes do prefeito de Nova York, para que não fossem violadas certas leis do Estado.

LAVATORIOS e camas de ferro para casal e para solteiro, artigo bom, na casa José Correia—Pedra.

Fonte: Foto tirada pela pesquisadora a partir de consultas à coletânea do jornal Correio da Pedra.

Nesse exemplar, datado de 5 de fevereiro de 1922, tendo J. Roberto como Editor Chefe, constam as seguintes informações: Anno IV, Pedra-Alagoas, N. 174. Esta publicação, a exemplo das demais, é composta por notícias que ilustram “a existência de uma sociedade civil local, formada por pequenas instituições que promovem uma programação de atividades cívicas, culturais e educacionais, recreativas, religiosas, comerciais, além de eventuais serviços

médicos e de assistência social" (CAVALCANTE, 1998, p. 48) Percebe-se que o Correio da Pedra publicava, em suas páginas, os acontecimentos que marcaram a vida dos sertanejos, assim como os mantinha informados sobre os acontecimentos do país e do mundo.

Figura 22 - Volumes da coletânea do jornal Correio da Pedra

Fonte: Foto dos quatro volumes da coletânea do jornal Correio da Pedra tirada pela pesquisadora.

A coleção Correio da Pedra, consoante figura 22, é constituída de quatro volumes, e traz na capa a imagem do industrial Delmiro Gouveia sentado em uma poltrona, lendo jornal. De acordo com Nascimento e Barros (2017), a iniciativa para a organização da coleção foi motivada pela dificuldade de pesquisa relacionada à memória da imprensa alagoana. Desse modo, em 2017, o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGAL – e o Governo de Alagoas, em comemoração ao Bicentenário da Emancipação Política de Alagoas[38] e ao centenário da morte de Delmiro Gouveia[39], viabilizaram o projeto.

No quadro 6, a seguir, é possível conferir como o jornal se estruturava.

[38] 16 de setembro de 1817.
[39] 10 de outubro de 1917.

Quadro 6 - Estrutura do jornal Correio da Pedra

Seções	O que continha
Principal	Editorial; artigos; notícias da Estrada de Ferro Paulo Afonso.
Literatura	Poemas.
Registro Social	Notícias de nascimentos, falecimentos, casamentos, festas, de acontecimentos, de visitantes à vila e à cachoeira de Paulo Afonso.
Tratos à Bola	Decifrações.
Telegramas	Notícias do país e internacionais.
Aqui, alli, acolá	Notícias das cidades da região sertaneja; informações sobre escolas; notícias da Estrada de Ferro Paulo Afonso.
Cantares	Poemas curtíssimos.
Casino	Programação do cinema.
Sport Club Pedra	Convocação dos jogadores para os treinos do time.
Tiro 636	Informações sobre a associação militar da Pedra.
Anúncios	Venda de remédios; comércio; serviços médicos; gêneros alimentícios.
Correio da Pedra - expediente	Informações sobre assinaturas.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora a partir de consultas ao jornal Correio da Pedra.

Oportuno destacar que não houve dificuldade no trabalho com os exemplares, visto que encontram-se preservados na Coleção Correio da Pedra, organizada pelos professores Edvaldo Nascimento e Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros[40]. Contudo, devido à falta de conservação e degradação do tempo, apenas as edições publicadas entre os anos de1922 e 1930 foram recuperadas.

Deduz-se que as implicações ideológicas do periódico estão diretamente ligadas à função política e social de um jornal que tinha à frente o próprio gerente da fábrica, fazendo-o servir como veículo de propagação de normas, ideais, atividades e instituições envolvidas num modo de viver, que era o modelo geral de que fábricas com vila operária propunham.

No estudo foram encontrados artigos que relatavam acontecimentos locais e de outros municípios, eventos, e datas comemorativas que possibilitam uma reconstituição histórica. Barros (2006) relata que o nascimento da História Regional deu-se como possibilidade de oferecer uma iluminação detalhada das grandes questões econômicas, políticas, sociais e culturais que só haviam sido examinadas no âmbito das dimensões nacionais.

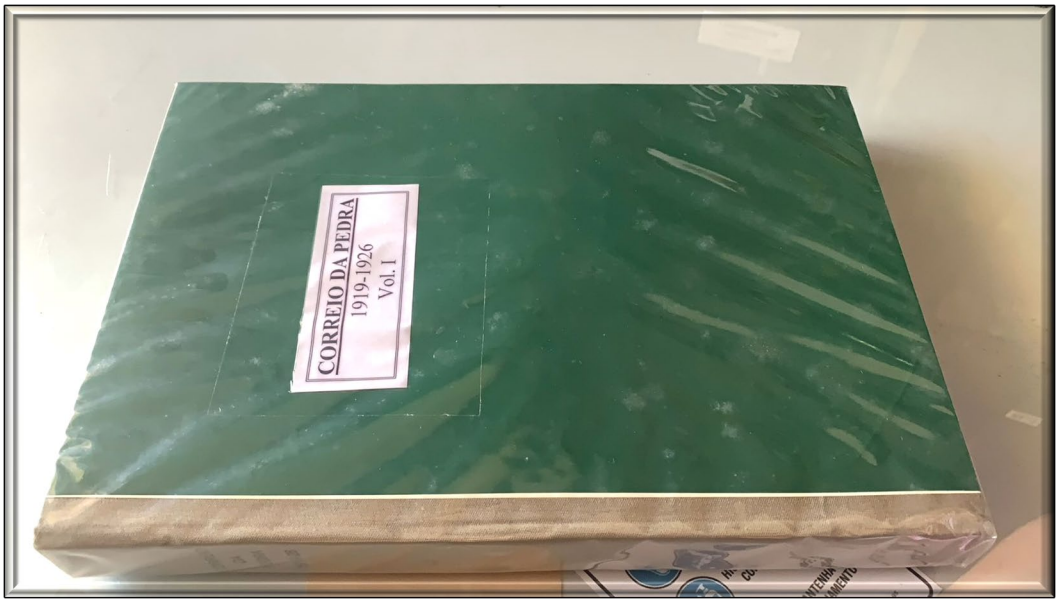
A partir dessa demonstração do que era veiculado no periódico, é possível concordar com o que Cavalcante (1998) acentua:

[40] NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do; BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Orgs.). **Correio da Pedra**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.

> O jornal, hoje tomado como fonte documental de uma pesquisa possível, foi o veículo de comunicação que cristalizou discursos e conteúdos a influírem no delinear de um modo de viver a que se adapta, com seus limites palpáveis, uma população de ex-camponeses, na maioria, e indivíduos provenientes de camadas de baixa renda geral. De acordo com sua cronologia, o jornal vem a cobrir a fase de implantação do projeto propriamente dito, da fase de vigência de sua maior unidade sob a forma de uma organização dirigida, atenta à implementação, quando não incorporação de todas as ações e iniciativas que possam consubstanciar na prática os seus objetivos (CAVALCANTE, 1998, p. 69).

Na concepção de J. Roberto, editor do semanário, o periódico deveria ser algo onde todos pudessem ter informações: operários, trabalhadores, homens, mulheres e leigos. No entanto, percebe-se que para manter o Correio da Pedra circulando, precisava da colaboração de assinantes e, principalmente, da divulgação de produtos, visto que a terceira e a quarta páginas foram dedicadas, quase que em sua totalidade, para anúncios e classificados. Estes, em sua maioria, eram destinados à divulgação de remédios, tendo como exemplo: remédios para tosse, para catarro, para bronquite, para tuberculose, para moléstias na pele, para sífilis, para reumatismo e para sezão.

Figura 23 - Volume I dos exemplares originais do jornal Correio da Pedra



Fonte: Registro fotográfico feito pela pesquisadora quando esteve no HIGAL.

Os volumes contendo os exemplares originais do Correio da Pedra, que encontram-se no IHGAL, não estão disponíveis para manuseio, visto que foram definidos como obras raras. De acordo com a coletânea, edição reproduzida em tamanho natural, o semanário media 24cm

x 39cm e era impresso em preto e branco. Verificou-se que o tamanho do periódico original confere ao que traz à edição fac-símile, como mostrado na figura 23.

Nos anos de 1922 e 1923, o periódico teve todas as publicações aos domingos, trazendo a indicação do dia na margem superior, exceto na edição especial de Nº 205, do dia 7 de setembro de 1922, cuja publicação aconteceu numa quinta-feira, e prestou homenagem ao centenário da Independência do Brasil. Na primeira página dessa edição, foi publicado um poema, intitulado "7 de Setembro", o Hino da Independência do Brasil, e uma nota pequena fazendo referência a José Bonifácio[41], o "Patriarca da Independência". Na segunda página, em grande destaque, traz o cronograma de como seriam as atividades em comemoração ao "Centenário da Independência na Villa Industrial da Pedra", como consta.

Na organização da coleção (2017), observou-se que há interrupções na sequência das publicações. Em termos de conteúdo, as edições eram formadas basicamente por: editorial, coluna social, telegramas, diversões, anúncios e informações sobre assinaturas. Merece destaque a edição Nº189, de 21 de maio de 1922, em que foi acrescentado ao impresso, no lado direito do cabeçalho, a "chamada"[42], dando início a um novo estilo tipográfico na estética do jornal, sendo a novidade implantada em definitivo.

Apesar de diversas edições que faltam, como já foi destacado, é possível traçar algumas considerações sobre a linha editorial do periódico. De fato, a publicidade no Correio da Pedra era grande, presumindo que a receita básica adivinha das assinaturas e subsídios da Companhia Agro Fabril Mercantil. Conquanto seu raio de alcance tenha atingido os estados de Alagoas, Pernambuco e Bahia, não é possível saber, até o momento, quem eram seus assinantes.

Pressupondo, como o Porto de Piranhas já era um importante entreposto comercial e havia uma intensa troca de mercadorias e fluxo de pessoas, suas páginas, certamente, eram de interesse dos homens do comércio das cidades do Baixo São Francisco e daquelas que eram beneficiadas pelo percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE). Por conseguinte, podemos afirmar que não houve interrupção das publicações do semanário ao

---

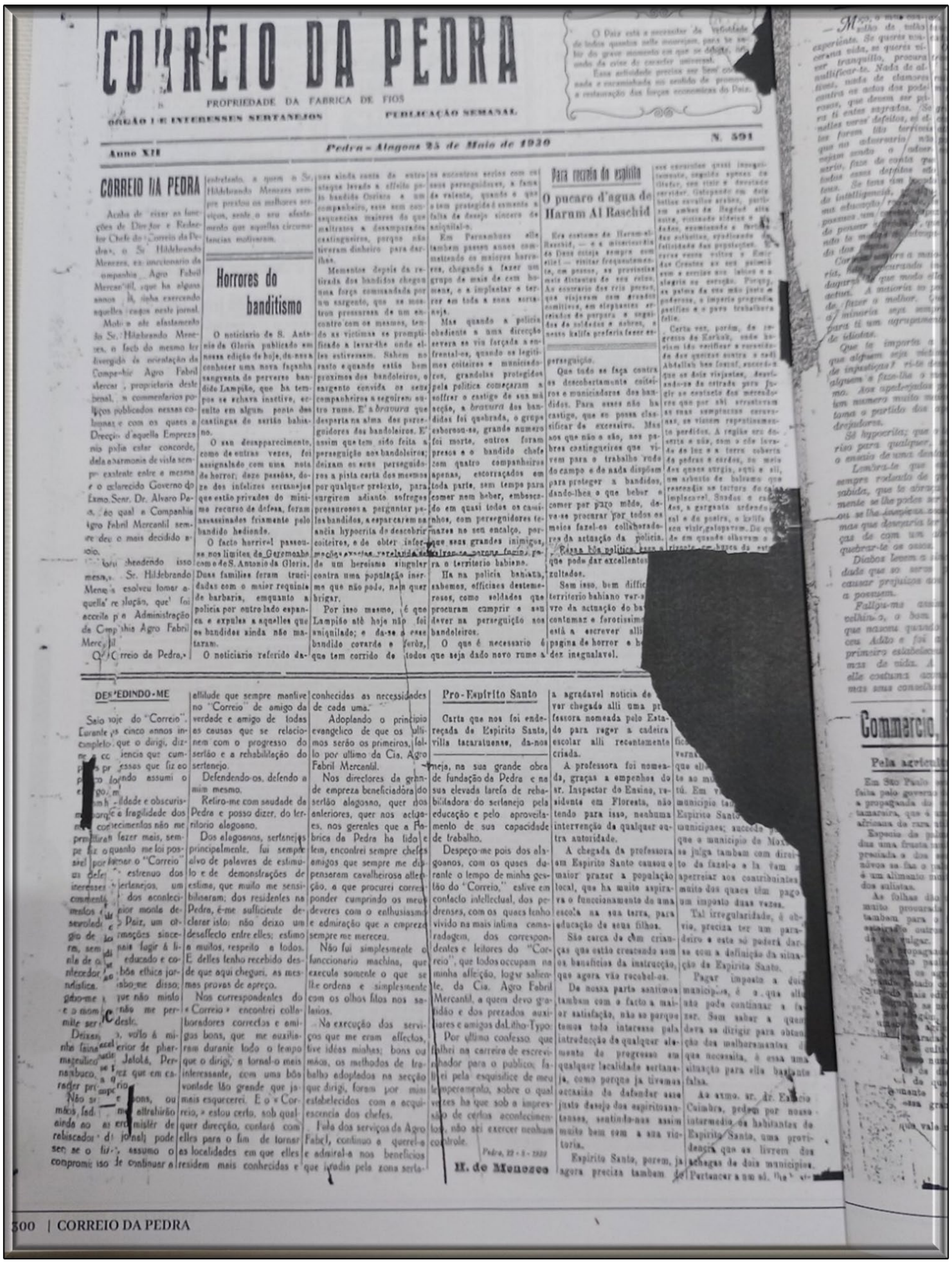
[41] José Bonifácio de Andrada e Silva, estadista brasileiro, ficou conhecido como o "Patriarca da Independência". Nascido em Santos, em 1763, estudou filosofia, leis, filosofia natural e matemática na Universidade de Coimbra, em Portugal. Voltou ao Brasil em 1819. Três anos depois, foi eleito vice-presidente da Junta Governativa de São Paulo. Próximo de Dom Pedro, teve papel decisivo ao aconselhar o futuro imperador a não voltar para Portugal e a proclamar a independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822. Tornou-se ministro do Império, mas divergências com D. Pedro I o levaram a deixar o governo e assumir papel de oposição na Assembleia Constituinte. Quando D. Pedro I dissolveu a Assembleia, Andrada foi preso e deportado. Exilado na França, retornou em 1831. Nomeado tutor de D. Pedro II, então com cinco anos, foi afastado do cargo pelo Senado e preso como subversivo, em 1833. Absolvido, morreu em Niterói (RJ), em 1838. Disponível em: https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/especial/jose-bonifacio-de-andrada-e-silva-1935/. Acesso em: 18 de out. 2022.

[42] Texto que resume a reportagem apresentada no interior do jornal. Disponível em: https://fluxodeinformacao.com/biblioteca/artigo/read/2154-o-que-e-a-chamada-de-um-jornal. Acesso em: 29 de set. 2022.

longo dos anos em que circulou, visto que, conforme asseverou Menezes (1991), o jornal, que era administrado pelos continuadores das ideias de Delmiro, divulgava a obra admirável do industrial.

Motivado por divergências da orientação da Companhia Agro Fabril Mercantil, proprietária do periódico, Hildebrando Menezes deixa as funções de Diretor e Redator-chefe do Correio da Pedra. Com o fato, deu-se encerrado a publicação do referido jornal, como consta na edição de Nº 591, datada de 25 de maio de 1930, demonstrada seguir, na figura 24.

Figura 24 - Última edição do jornal "Correio da Pedra"



CORREIO DA PEDRA

PROPRIEDADE DA FABRICA DE FIOS

ORGÃO DE INTERESSES SERTANEJOS — PUBLICAÇÃO SEMANAL

Anno XII — Pedra – Alagoas 25 de Maio de 1930 — N. 591

CORREIO DA PEDRA

Horrores do banditismo

Para recreio do espirito

O pucaro d'agua de Harum Al Raschid

DESPEDINDO-ME

Pro-Espirito Santo

H. de Menezes

300 | CORREIO DA PEDRA

Fonte: Foto tirada pela pesquisadora a partir de consultas ao jornal Correio da Pedra.

A folha manteve um constante interesse nas informações vindas do Brasil, especialmente àquelas referentes aos ideais republicanos, e de outros países, e era composta por artigos de diversos colaboradores. Corroborando com Camargo (1971), que apontou a utilização do jornal para consolidar predominâncias e para ilustrar tendências. À vista disso, o periódico veiculava aspirações ao progresso, ao desenvolvimento e ao orgulho pela terra, denotados nas comparações do espírito do homem sertanejo, ao que não teme as adversidades para realizar suas ambições.

Constatou-se, diante do levantamento de todos esses dados, que as publicações existentes para pesquisa são completas, e abordam eventos do cotidiano das cidades e do campo, da vida social da Vila da Pedra, assim como dos municípios alcançados pela folha. Dessa forma, cabe ao historiador apropriar-se deles, trazendo à cena “histórias” que encontram nos impressos espaço privilegiado para sua construção.

3. NOS CAMINHOS DO SABER: A EDUCAÇÃO SERTANEJA NA ROTA FERROVIÁRIA

O desenvolvimento da Instrução Pública[43] no entorno da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, considerada uma herança simbólica no contexto do progresso no sertão, foi um marco na educação sertaneja. Nesse processo, destaca-se o trabalho do engenheiro Reinaldo von Krüger, do industrial Delmiro Gouveia e do também engenheiro, Dr. Brandão Cavalcanti, como responsáveis pela fundação das primeiras escolas naquela região, e relevantes para o cenário educacional atual.

A respeito dessa assertiva, este estudo fornece não apenas informações sobre a materialidade, mas também sobre a memória das escolas da região sertaneja delimitada pelos estados de Alagoas e Pernambuco, enquanto colabora com pesquisadores e interessados na história do lugar, especificamente dos municípios de Piranhas (AL), Delmiro Gouveia (AL) – anteriormente, Pedra – e Jatobá (PE) – posteriormente, Petrolândia (PE).

Considerando que estávamos diante de um quebra-cabeça, com apenas uma peça posicionada no lugar correto – as escolas da Vila da Pedra -, começamos a procurar, nas páginas do jornal Correio da Pedra, outras peças que completariam o mapa com a localização das escolas no percurso da ferrovia, no período estudado. Para isso, organizamos e analisamos as matérias do semanário que apresentavam informações sobre a temática, como ocorre no modelo resumido, no quadro 7.

Quadro 7 - Levantamento das matérias relacionadas às escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso

EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	SÍNTESE
VOLUME I Anno IV, nº 177, 26 de fevereiro de 1922, p.18. Domingo	H. de Menezes	Commentando (sic) – 1ª página	Sobre o fechamento de uma única escola do sexo masculino, em Jatobá, Pernambuco.
VOLUME I Anno VI, nº 267, 11 de novembro de 1923, p. 182.	Não consta	Guerra ao Analfabetismo – 3ª página	Sobre a turma com 38 alunos formada pelo professor Manoel Camillo.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora a partir de consultas à Coletânea do jornal Correio da Pedra.

[43] Movimento social com propósito de "instruir a massa bruta de analfabetos, cuja linguagem, dizia-se, recordava à infância das primeiras sociedades e os costumes de uma humanidade vivente no subsolo da história" (MONARCHA, 2016, p. 09).

No processo de localização das fontes, observamos que a região sertaneja tornou-se bastante conhecida em função da construção da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) e, posteriormente, da Vila da Pedra[44], construída por Delmiro Gouveia, situada nos arredores da Estação Pedra[45] - uma das estações da via ferrovia. Nessa vila, havia um modelo de educação divulgado para o país inteiro (NASCIMENTO, 2018).

Sobre isso, Elias (1994) assevera que

> o fato de uma dada classe em uma fase ou outra de desenvolvimento social formar o centro de um processo e, desta forma, fornecer modelos para outras classes, e de que estes modelos sejam difundidos e aceitos por elas já pressupõe uma situação social e uma estrutura especial de sociedade como um todo, em virtude da qual a um círculo é cometida a função de criar modelos e a outro as de difundi-lo e assimilá-los" (ELIAS, 1994, p. 124).

O modelo educacional da Vila da Pedra foi um marco importante no início do processo educativo da região. Entretanto, deve-se ressaltar a figura de Reinaldo von Krüger, que antes da chegada de Delmiro Gouveia, vindo do Recife (PE), à região, organizou escolas em alguns pontos da via férrea (SILVA, 2012). Desse modo, assegura-se o início do processo educativo da região pesquisada ser anterior à construção da Vila da Pedra.

No processo investigativo, algumas matérias traziam informações muito importantes, que permitiram descobrir em quais município as escolas estavam localizadas, como apresentado no quadro 8.

Quadro 8 - Escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso

Escola ou cadeira (Feminina/masculina/ mista)	Turno de funciona-mento	Professores	Município	Estado
Quatro escolas	Noturno	Funcionários da EFPA	Piranhas	Alagoas
Cadeira / Turma não informada	Não informado	Argentina Vieira Ramos		
Cadeira / Turma não informada	Não informado	Alice Soares Bandeira	Olho D'água (Piranhas)	Alagoas
Escola Ruy Barbosa Escola 15 de Novembro Escola José de Alencar Escola 7 de Setembro Escola 13 de Maio Escola Rio Branco	Não informado	Maria da Conceição Lima Francisca Costa Júlia Bandeira M. Adélia Brandão de Carvalho Leopoldina Luz Theodoro Coelho	Pedra (Água Branca)	Alagoas

[44] Vila da Pedra – fazia parte do projeto da vila operária da Companhia Agro Fabril Mercantil.
[45] Foi transformada no Museu Regional Delmiro Gouveia, na cidade de Delmiro Gouveia, Alagoas.

Cadeira mista	Não informado	Maria da Purificação Medeiros	Água Branca	Alagoas
Cadeira (Não informado)	Não informado	Argentina Fortes	Paulo Afonso (Mata Grande)	Alagoas
Cadeira do sexo masculino	Não informado	Sílvia Argemira Brekenfeld	Jatobá	Pernambuco
Cadeira do sexo feminino	Não informado	Cacilda Argemira Brekenfeld		
Cadeira mista	Não informado	Manoel Camillo	Sítio Juazeiro (Jatobá)	Pernambuco
Dez escolas (Não informado)	Não informado	Não informado	Moxotó	Pernambuco

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora a partir das fontes ao Correio da Pedra.

De acordo com as informações, constatou-se que havia cadeiras (escolas) em muitos lugares da região. No entanto, na comparação com outras fontes, concluiu-se que apenas as escolas da Vila da Pedra (Água Branca - AL), de Piranhas (AL) e de Jatobá (PE) localizavam-se às margens da ferrovia.

A pesquisa revelou que estas escolas eram subvencionadas[46], "cujos professores eram reconhecidos ou nomeados pelos órgão de governo responsáveis pela instrução" (FARIA FILHO, 2000, p. 144). Salvo as escolas organizadas por von Krüger, que eram mantidas pela estrada de ferro, como noticiado no jornal alagoano, O ORBE, em 26 de novembro de 1879, conforme anexo A, e as escolas da Vila da Pedra, mantidas pela Cia Agro Febril Mercantil, de Delmiro Gouveia.

Observou-se que funcionavam em espaços improvisados, "na maioria das vezes, na casa dos professores ou, sobretudo, nas fazendas, em espaços precários" (FARIA FILHO, 2000, p. 140), cedidos ou organizados pelos pais das crianças e jovens, aos quais os professores deveriam ensinar. Nesses lugares, que muitas vezes acabavam se transformando em "focos de alastramento de epidemias" (NUNES, 2000, p. 377), as crianças ainda conviviam com verminose e desnutrição.

O pagamento do professor, em alguns casos, era de responsabilidade das famílias dos alunos. Vale destacar que alguns docentes "recebiam um pequena ajuda para o pagamento do aluguel" (FARIA FILHO, 2000, p. 144). Decerto, por estarem localizadas na zona rural, em regiões consideradas longínquas, estas escolas recebiam muitas críticas porque possuíam características bem diferentes daquelas localizadas nos centros urbanos.

Segundo Nunes (2000), em alguns desses locais

[46] Que foi alvo de subvenção (incentivo governamental); que recebeu algum tipo de ajuda; auxílio. Disponível em: https://www.dicio.com.br/subvencionado/. Acesso em: 18 de set. 2022.

> não havia mobiliário escolar. Cabia aos alunos levarem para a casa da professora as cadeiras e as mesas, mas a pobreza impedia. O máximo a que se era o improviso em barricas, caixões, pequenos bancos de tábua, tripeças estritas e mal equilibradas, cadeiras encouradas ou tecidas a junco. Comum mesmo era os alunos escreverem no chão, estirados de bruços sobre papéis de jornal, ou então fazerem seus exercícios de joelhos ao redor de bancos ou à volta das cadeiras (NUNES, 2000, p. 377)

Pode-se dizer que nessas escolas existia uma população mantida, praticamente, sem instrução escolar, vivendo num sistema que "apenas sugeria a presença do Estado (NASCIMENTO, 2018, p. 82). No entanto, essas escolas faziam bem às infâncias dos sertões remotos e a população infantil do interior ficaria para sempre analfabeta se não fosse as subvencionadas. Para essas populações, as escolas eram a única condição efetiva da possibilidade de um outro sertão, civilizado e moderno.

Na região sertaneja, a falta de emprego era alarmante, por isso as famílias passavam por muitas dificuldades. Na maioria das vezes, quando os pais não podiam apresentar certidão de nascimento, os alunos eram matriculados pelo exame do dente, ou seja, "a troca dos dentes de leite pela dentição permanente constituía prova suficiente de idade escolar" (NUNES, 2000, p. 377). Vale destacar que muitas dessas crianças deixavam de ir à escola por vários motivos, principalmente, pela necessidade de trabalhar para ajudar nas despesas da casa.

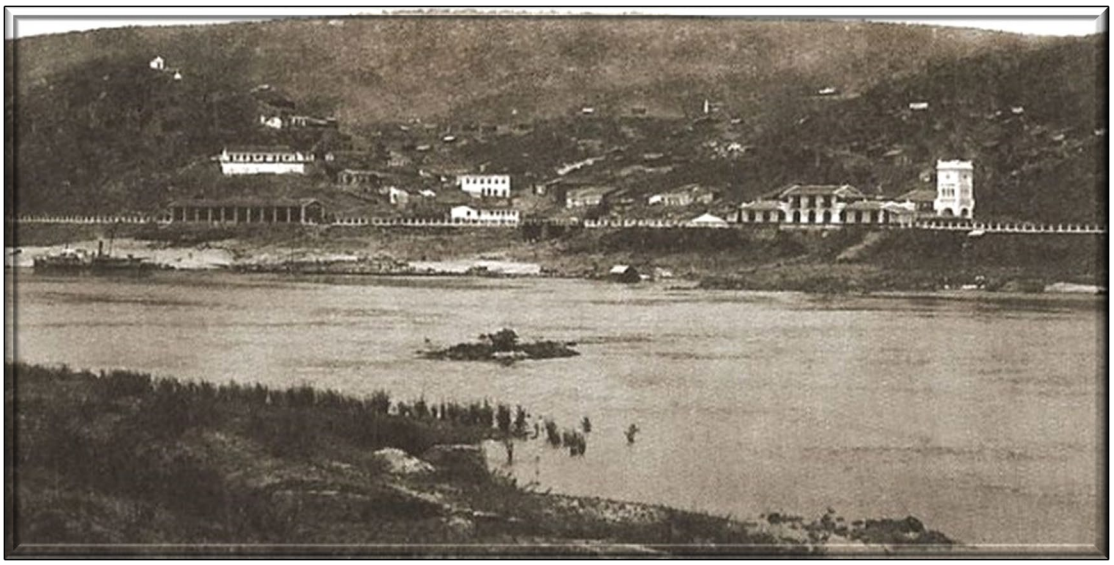
De acordo com Nunes (2000), nessas escolas, os castigos aos quais as crianças eram submetidas iam da "palmatória, com várias modalidades (palmatória furada, bolos com milhos nas mãos), cascudos, puxões de orelhas, beliscões, permanência de joelhos em cima de grãos de milho ou feijão, permanência em pé em cima de um banco, orelha de burro, dentre muitos outros" (NUNES, 2000, p. 379). Na concepção do autor, esses castigos são considerados a maior invenção no que concerne a tortura infantil.

No que concerne à materialidade e à memória, observou-se que o cenário da educação desenvolvida nas comunidades do percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, no recorte estabelecido, apesar de apresentar características semelhantes ao das outras regiões do país (NUNES, 2000), possui aspectos muito peculiares. Dessa forma, as informações apresentadas a seguir devem ser entendidas como a produção histórica de um grupo que viveu no mesmo tempo, todavia, em lugares e situações diferentes.

3.1 Estação Inicial: Piranhas e as escolas de Reinaldo von Krüger

Piranhas, apesar das limitações provocadas pela geografia acidentada, conforme figura 25, sofreu grandes mudanças a partir da chegada da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, como percebe-se no registrado da cidade, feito do outro lado do rio, na margem do Estado de Sergipe, em 1888. Convém salientar que o município entrou para a História da Educação Alagoana como o ponto inicial do processo educativo da região sertaneja do entorno da ferrovia.

Figura 25 - A cidade de Piranhas



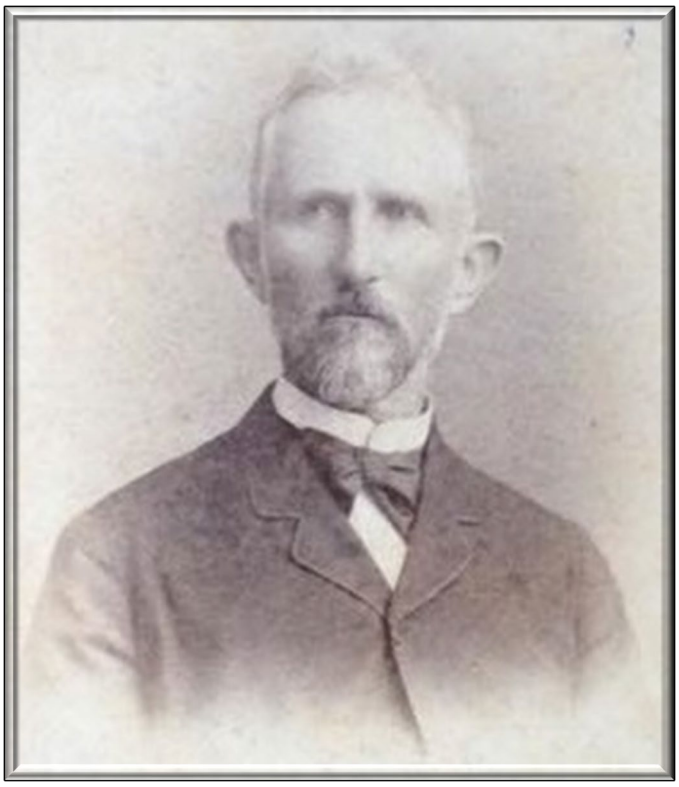
Fonte: Foto de Adolpho Lindemann
Disponível em http://blogdoetevaldo.blogspot.com/2021/08/piranhas-uma-especie-de-paraiso.html

Nesse contexto, o engenheiro Reinaldo von Krüger, consoante figura 26, um dos grandes nomes responsáveis pelo desenvolvimento da educação na região pesquisada, foi contratado para chefiar a construção da Estrada de Ferro Paulo Afonso - Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, em 1878, obtendo atuação destacada na ferrovia. De acordo com Silva (2012), a nomeação do engenheiro em chefe foi feita diretamente pelo Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu – o Visconde de Sinimbu -, que passou a coordenar o grupo dos primeiros engenheiros a se estabelecerem em Piranhas (AL), ponto de partida da via férrea.

O engenheiro morou em Piranhas por vinte e dois meses, como consta nos registros do livro “Estrada de Ferro de Paulo Affonso: o engenheiro Reinaldo von Krüger e o Sr. Conselheiro Manoel Buarque de Macedo”. Destaca-se que a fonte faz parte do acervo do

Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGAL -, tendo sido organizada pelo próprio engenheiro, em 1880.

Figura 26 - Engenheiro Reinaldo von Krüger



Fonte:https://www.geni.com/photo/view/6000000034562338321?album_type=photos_of_me&end=&photo_id=6000000124474055873&project_id=&start=&tagged_profiles=.

No livro, Reinaldo von Krüger apresenta-se como estrangeiro e confessa amar o Brasil, sobretudo por ser o país de sua esposa e filhos. No entanto, durante a pesquisa, houve divergências sobre sua nacionalidade. Em algumas fontes, ele é denominado alemão. Em outra, a que demonstra ser a mais completa, é identificado como polonês. Assim, nota-se que não foi possível, até a conclusão dessa pesquisa, definir sua origem. Na narrativa, embora não tenha declarado, percebe-se ter chegado em terras brasileiras por volta dos 17 anos.

De acordo com Krüger, realmente, o convite para o cargo de engenheiro em chefe da Estrada de Ferro Paulo Afonso foi feito pelo amigo particular, o Ministro Sinimbu, de quem levou todas as provas de confiança para a realização da construção da ferrovia. Vale destacar que, em um trecho do livro, disse sentir-se perseguido pelo Conselheiro Buarque de Macedo, sucessor de Sinimbu. Contudo, revela ter contribuído muito para o progresso do país, até o momento em que esteve à frente da construção da via férrea.

Figura 27 - Casa do Cipó

Fonte: https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/39547

A casa do Cipó, residência do engenheiro em chefe da ferrovia, localizava-se no quilômetro 3 do percurso da ferrovia (SILVA, 2012), nas proximidades do Riacho Cipó (BONFIM, 2007), figura 27. A construção possuía janelas amplas - provavelmente para aumentar a ventilação e amenizar o calor exaustivo da localidade - e vista privilegiada do rio São Francisco. Na foto, segundo Silva (2012), um dos homens é Reinaldo von Krüger. Possivelmente, o segundo da esquerda para a direita, com uma criança no colo. Supõe-se, também, que a mulher na janela é Maria Montes von Krüger[47], esposa do engenheiro, e as crianças, os filhos do casal. No entanto, as fontes não confirmam.

No que concerne a sua função, encarregou-se de fazer o trabalho de campo e pesquisas na área destinada à construção da via férrea, e de contratar as pessoas que construiriam a estrada fixa e as pontes. No cargo, dirigiu a comissão organizada depois que a Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas estabeleceu a Portaria com as instruções para os estudos finais e a execução da obra. Observou-se que tratava-se de um engenheiro atuante para com os problemas da população do canteiro de obras.

[47] Disponível em: https://www.geni.com/people/Maria-Montes-von-Kr%C3%BCger/6000000034562190447?through=6000000034562338321

Em 1879, ao acompanhar as transformações e necessidades da sociedade, a partir da implantação da via férrea, organizou escolas para os funcionários e suas famílias, e para quem desejasse estudar, ressaltando, principalmente, os ideais de progresso.

De acordo com Kropf (1996), no final do século XIX e início do século XX,

> [...] os engenheiros afirmavam que a verdadeira evolução histórica do país na marcha ascendente ao progresso dependia necessariamente da condução de indivíduos que, como eles, tinham na técnica a possibilidade real de instrumentalizar a ciência como um saber operatório eficaz no sentido do desenvolvimento nacional (KROPF, 1996, p. 182).

Pela citação, percebe-se que Reinaldo von Krüger pertencia à categoria de engenheiros que acreditavam na ciência como ponto fundamental para a transformação da sociedade, visto que, como as fontes indicam, o trabalho desenvolvido por ele contribuiu para grandes mudanças no sertão, no período estudado pela pesquisa.

Segundo Silva (2012), o engenheiro desligou-se da ferrovia em 29 de abril de 1880, tendo sido exonerado por portaria de 7 de abril do mesmo ano, assinada pelo novo Ministro da Agricultura, Manoel Buarque de Macedo, após a saída do Ministro Sinimbu.

Em seu livro, relata ter sido caluniado de inconsistências financeiras na compra de dormentes[48], apontado como o motivo de sua exoneração. Todavia, defende-se, discorrendo sobre sua honestidade enquanto esteve à frente das obras de duas seções da via férrea da Companhia Paulista, também como engenheiro em chefe, em Jundiaí, São Paulo. Ocasião em que recebeu o, então, Ministro Manoel Buarque de Macedo em seu escritório. No livro – no exemplar que está disponível no acervo do IHGAL constam das páginas 07 a 107 -, Reinaldo von Krüger apresenta documentos que reuniu ao longo do período em que trabalhou na estrada de ferro, comprovando a improcedência de sua acusação.

Considerado atuante, conquistou amigos e a simpatia dos que residiam em Piranhas e na região do Baixo São Francisco, transformando sua saída em motivo de tristeza para todos. Para substitui-lo, veio o engenheiro interino, Jorge Desmarias e, em seguida, o engenheiro em chefe, Eduardo José de Moraes, que concluiu a obra.

---

[48] "Peça de madeira ou ferro que serve de suporte aos trilhos, assentados sobre a plataforma da estrada" (PICANÇO, 1891, p. 296).

De acordo com o Relatório do Presidente da Província de Alagoas à Assembleia Legislativa Provincial (1880, p. 60)[49], as quatro escolas[50] organizadas por Reinaldo von Krüger eram de ensino primário e funcionavam à noite, em espaços que eram utilizados para os trabalhos da ferrovia. Esta iniciativa provocou transformações no núcleo da construção, a começar pela atuação dos trabalhadores da estrada na função de professores. Segundo Correia (2011), nas últimas décadas do século XIX, as escolas noturnas foram criadas "para que o trabalhador pudesse atuar na indústria, nos serviços públicos, nas diversas atividade existentes. Logo, percebe-se que esta foi uma das primeiras iniciativas do ensino profissional no sertão alagoano.

Os estudos de Correia (2001) também apontam que

> no ponto de vista nacional a educação de jovens e adultos se estabeleceu mais pelas iniciativas particulares do que mesmo pela ação do poder público, uma vez que seus instituidores, em geral, eram membros de elites econômicas e intelectuais com aspirações a postos de poder e de prestígio na vida pública do país ou da província (CORREIA, 2011, p. 75).

Nesse sentido, a iniciativa de Reinaldo von Krüger em abrir essas escolas antecipou-se à ação do poder público. Em virtude disso, é possível deduzir, sobretudo, que o engenheiro intencionava qualificar a mão de obra sertaneja que atuava na construção da via férrea.

Possivelmente, por não serem mantidas pelo Governo, conforme veiculado pelo jornal alagoano, O Orbe, em 26 de novembro de 1879, anexo A, não foram encontradas informações nos arquivos do IHGAL e APA, até a conclusão deste estudo, sobre essas escolas, no que concerne ao número de alunos, frequência, rendimento dos aluno, organização das aulas, e se eram acompanhadas por fiscal de ensino.

No entanto, outro jornal alagoano, o Gutenberg, na edição de 6 de abril de 1906, trazia a seguinte nota, transcrita na íntegra:

> **Precisa-se**
> de uma pessoa do sexo masculino
> para leccionar no interior, margem
> da Estrada de ferro.
> Informações na Livraria Moderna
> rua do Commercio, 74.
> (Gutenberg, 06 de abril de 1906).

[49] Chamado Cincinnato Pinto da Silva. Disponível em: http://ddsnext.crl.edu/titles/163#?m=84&c=4&s=0&cv=28&r=0&xywh=-949%2C-1%2C3624%2C2557. Acesso em: 09 de fev. 2023.

[50] Informação contida no Relatório do Presidente da Província das Alagoas à Assembleia Legislativa Provincial, 1880, p.60. Disponível em: http://ddsnext.crl.edu/titles/163#?m=84&c=4&s=0&cv=28&r=0&xywh=-949%2C-1%2C3624%2C2557. Acesso em: 09 de fev. 2023.

Pela notícia, nota-se que, mesmo após a saída de Reinaldo von Krüger da EFPA, a instrução pública continuou sendo desenvolvida no sertão de Alagoas. Cumpre destacar a impossibilidade de identificar, pela notícia, se esta escola ainda era mantida pela ferrovia. A esse respeito, de acordo com Correia (2011), era uma prática comum o fechamento e a abertura de escolas noturnas no país, supostamente pela constante substituição dos Presidentes das Províncias, ou, ainda, pela falta de recursos.

O Correio da Pedra, em edição de 25 de agosto de 1929, divulgou que, em Piranhas, houve a nomeação da professora extranumerária[51], a jovem Argentina Vieira Ramos, filha do Major Manoel Vieira Ramos[52], almoxarife aposentado da Estrada de Ferro Paulo Afonso. Ainda no município de Piranhas, no Povoado Olho D'água do Casado, na mesma edição, o jornal anunciava a nomeação da professora numerária, dona Alice Soares Bandeira. Cumpre destacar que, de acordo com as fontes, as escolas existiram, embora não foi possível, até a conclusão deste estudo, encontrar informações sobre a materialidade delas.

De acordo com Correia (2011), as primeiras escolas noturnas da Província de Alagoas, criadas pelo Governo Provincial, localizavam-se em Maceió, Pilar, Marechal Deodoro, São Miguel dos Campos, Porto Calvo, São Miguel dos Milagres, São Luiz do Quitunde, Paripueira, Passo de Camaragibe, Atalaia, Gamelleira, Viçosa, Penedo, Pão de Açúcar e Traipu. Destaca-se que estas escolas noturnas, ou cursos noturnos, tinham como objetivo atender às necessidades do progresso e modernização da nação.

Conclui-se, com essas informações, que o município de Piranhas, ponto inicial do percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (P) -, marca o início do processo educativo da região, tendo sido implantado pelo engenheiro em chefe da ferrovia, Reinaldo von Krüger.

3.2 Estação Pedra: Delmiro Gouveia e o modelo de educação para o Brasil

No Vila da Pedra funcionavam seis escolas, sendo elas: Externato Mixto S. João, Escola Ruy Barbosa, Escola 13 de Maio, Escola 15 de Novembro, Escola 7 de Setembro, Escola Rio

[51] "1. Relativo àquela que está além da contagem, que não pertence ao conjunto dos funcionários, que não faz parte da contagem normal. 2. Aquele que atua como funcionário público, mas que não é concursado". Disponível em: https://www.dicionarioinformal.com.br/extranumer%C3%A1ria/. Acesso em: 03 de out. 2022.

[52] Até a conclusão desta pesquisa, nenhuma informação foi encontrada sobre este indivíduo.

Branco e Escola José de Alencar[53], com turmas “diurnas, para crianças e noturnas para adultos” (CORREIA, 1998, p. 247). Ali, “a escola exercia função central no preparo das crianças para o emprego fabril” (CORREIA, 1998, p. 247)[54], e a frequência às aulas era obrigatória, sendo rigorosamente acompanhada por Adolpho Santos, Fiscal de Ensino, “que foi o primeiro gerente da fábrica” (NASCIMENTO, 2018, p. 146), ou pelo próprio Delmiro Gouveia. Como incentivo ao comparecimento dos alunos às aulas, o industrial disponibilizava ingressos para acesso ao carrossel, ao cinema e ao rinque.

Figura 28 - O industrial Delmiro Gouveia

Fonte:http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=248&Itemid=200.

Delmiro Augusto da Cruz Gouveia[55], figura 28, sempre foi associado ao perfil do industrial, do empresário e do empreendedor. Ou como os estudos apontam: de um homem que ascendeu socialmente por seus esforços. No entanto, o que poucos sabem é sobre sua importância para o desenvolvimento da educação no sertão do estado de Alagoas e, consequentemente, do Brasil.

[53] NASCIMENTO, 2018, p 177.
[54] CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
[55] “Descrito como o modernizador que levou a civilização às caatingas” (MAYNARD, 2008, p. 14).

Nascido na Fazenda Boa Vista, em Ipu, Ceará, em 5 de junho de 1863, mudou-se para Pernambuco, quando sua mãe[56] viu-se obrigada a cuidar, sozinha, dele e de sua irmã, Maria Augusta, após a morte do marido[57]. Inicialmente, moraram em Itambé, depois, seguiram para Goiana. De lá, mudaram-se para Recife, onde sua mãe conseguiu emprego em casa do advogado José Vicente de Meira Vasconcellos[58], com quem se casa, anos depois, no leito de morte.

Aos 15 anos[59], com a morte da mãe, Delmiro "passou a realizar pequenos trabalhos" (MAYNARD, 2008, p. 20). Conforme Rocha (2012), "à medida que o rapaz se fazia homem foi descobrindo que a sua verdadeira vocação era o comércio. E lançou-se à vida na ânsia de ganhar dinheiro e fazer sua independência econômica" (ROCHA, 2012, p. 44). Convém asseverar que o fato de ter ficado órfão e precisar trabalhar muito cedo para se manter, despertou-lhe o interesse e a habilidade para os negócios.

De acordo com Maynard (2008),

> sabe-se que o rapaz foi tipógrafo, trabalhou na Brazilian Street Railways Company como funcionário na "maxambomba" (como os recifenses chamavam as *machine pumps*) da linha Recife-Apipucos. Na mesma empresa, tornou-se chefe da estação de Caxangá. Depois virou mascate, chegando a despachante de barcaças no Cais de Ramos. Por fim, adentrou o ramo do negócio de peles bode, carneiro e cabra (MAYNARD, 2008, p. 20).

Percebe-se que Delmiro Gouveia, ao longo de sua juventude, ganhou vasta experiência nos empreendimentos e conheceu os segredos do ofício, ganhando grande sucesso. No ramo das peles[60], obteve enriquecimento rápido em fins do século XIX, proporcionando-lhe fama de negociante próspero[61], o que lhe rendeu algumas viagens ao exterior. Numa delas, visitou a Exposição Universal de Chicago[62], em 1893, de onde, constata-se, obteve inspiração para a construção do mercado do Derby[63], em 1899, empreendimento que trouxe um conceito novo de centro comercial em local fechado, com artigos sofisticados. Conforme Maynard (2008), "é bom lembrar que, para muitos, o Derby foi a primeira versão de um *shopping center* no Brasil"

---

[56] Leonila da Cruz Gouveia, IBDEM, p. 19.
[57] Delmiro Porfírio de Farias, IBDEM.
[58] "Um importante líder socialista em Pernambuco" (NASCIMENTO, 2018, p. 45).
[59] NASCIMENTO, 2018, p. 46.
[60] Os couros de bode e boi tiveram diversas utilidades no Nordeste, numa época que ficou conhecida como "época do couro". IBDEM, p. 116.
[61] "Tornou-se o único exportador de couros do Nordeste para os Estados Unidos" (MAYNARD, 2008, p. 20).
[62] Evento de grande importância para os Estados Unidos, realizado no final do século XIX. Na Exposição, que durou seis meses, foi apresentado ao mundo o êxito industrial e moderno de um país fora da Europa. A Exposição teve duração de seis meses. Disponível em: file:///C:/Users/aless/Downloads/2592-Texto%20do%20artigo-1588-7178-10-20170823%20(1).pdf. Acesso em: 09 de abr. 2023.
[63] Um grande e moderno mercado, no Recife, com 264 boxes, conhecido como o "Derby de Delmiro" (MAYNARD, 2008).

(MAYNARD, 2008, p. 21). Nota-se, com isso, que Gouveia difundiu novas atitudes quanto ao consumo, associando às compras a ideia de prestígio social.

Em meio ao sucesso, Delmiro Gouveia, que era casado com Anunciada Cândida de Melo Falcão[64], passa por uma crise conjugal e se separa.

Consequentemente, o sucesso de seus negócios rendeu-lhe desavenças e inimizades, principalmente com o Governador de Pernambuco, Segismundo Gonçalves. Nas leituras de suas biografias, percebe-se que, por vingança, ele rapta a menor Carmela Eulina do Amaral Gusmão[65], filha ilegítima do político. O fato obrigou-o a fugir para o sertão de Alagoas, onde, depois de estabelecido, construiu a Usina Hidrelétrica de Angiquinho, a Fábrica de Linhas, o núcleo fabril e um modelo de educação próprio.

Na Vila da Pedra, as seis cadeiras eram subvencionadas e funcionavam "em residências do núcleo fabril" (NASCIMENTO, 2018, p. 77), "em diversos postos da vil, não só para os filhos dos operários, mas também para os filhos dos estranhos ali residentes" (MENEZES, 1991, p. 82)[66]. Os respectivos professores foram nomeados mediante concurso, pouco exigente, em que deveriam apresentar as exigências das matérias "perante comissão examinadora, independente de formação profissional específica" (SOUZA, 1998, p. 71). No que concerne às imposições, era requerido conhecer o "A. B. C.", ler as leituras fáceis dos livros escolares, praticar as quatro operações principais da aritmética, escrever de modo a serem entendidos, embora sem os rebuscamentos etimológicos e prosódicos sobre os quais sempre divergiram as opiniões dos outros.

Segundo Menezes (1991), eram escolas

> [...] mantidas pela empresa, se bem que regidas por professoras leigas, sem preparo suficiente para o desempenho da alta missão de que eram incumbidas, mas capazes de ensinar aos meninos os primeiros rudimentos do alfabeto, ou habilitá-los a escrever o próprio nome, a soletrar as palavras mais conhecidas, a resolver as quatro operações fundamentais da Aritmética. Era pouco, mas representava muito para meninos analfabetos e sem possibilidades de aprender, por falta absoluta de escolas (MENEZES, 1991, p. 82)

As professoras lecionavam "tanto às crianças, quanto aos jovens e adultos trabalhadores" (NASCIMENTO, 2018, p. 77), no modelo de "escolarização doméstica, de ensino e aprendizagem da escrita, da leitura e do cálculo" (FARIA FILHO, 2000, p. 144). Não eram sábias, todavia, na vila não havia uma criança que não soubesse ler. As aulas diurnas eram, obrigatoriamente, frequentadas pelas crianças e as noturnas pelos adultos.

---

[64] É dela que parte a iniciativa de se separar, retornando à casa dos pais. Não tiveram filhos (NASCIMENTO, 2018).

[65] "Com quem teria três filhos: Noêmia (1904), Noé (1905) e Maria Augusta (1907)" (MAYNARD, 2008, p. 22).

[66] MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia: vida e morte**. Fac-símile. Recife: Ed. CEPE, 1991.

Cumpre lembrar que, em Alagoas, de acordo com o jornal Correio da Pedra, o Dr. Fernandes Lima[67], Governador da época, espalhou essas cadeiras por todo o Estado, nos lugares mais remotos. Com isso, as sociedades passaram a incorporar e a se apropriar de discursos e representações de progresso, cientificidade e civilização presentes no projeto republicano.

Na Vila da Pedra, nessa época, os lugares onde funcionavam as escolas "foram demonstrando a necessidade da construção de espaços próprios" (FARIA FILHO, 2000, p. 146). Somando-se a isso, na Cia. Agro Fabril Mercantil, despertando o desejo pela modernidade, cogitou-se sobre a fundação de um Grupo Escolar.

Para Nunes (2000),

> [...] é no espaço das cidades, com diferentes ritmos e intensidades, que as escolas deixam de configurar-se como extensão do campo familiar, privado e religioso e, gradativamente vão integrando uma rede escolar desenhada pelos governos municipais. Essa rede substituiu as escolas isoladas e definiu os limites do poder, às vezes abusivos de diretores e inspetores escolares. Essa mudança exigiu a intervenção não só nos aspectos materiais da escola, o que envolveu a produção de um novo espaço com prédios e material didático pertinente aos novos objetivos educacionais, mas também em seus aspectos simbólicos, pois almejava-se da escola primária mais do que novas carteiras, quadros ou salas. Pretendia-se construir nela um espírito moderno (NUNES, 2000, p. 374).

Percebe-se que aos grupos escolares, nesse contexto, além de repassar conhecimentos, caberia a função de ensinar regras de comportamentos e de desenvolvimento do caráter dos alunos, semelhante "ao processo educacional e civilizatório que Delmiro tinha implantado" (NASCIMENTO, 2018, p. 127). Dessa forma, de acordo com Souza (1998), instrução e educação deviam caminhar juntas no processo de formação das crianças, constituindo uma escola renovada nos métodos e nos processos de ensino, alocados em prédios de arquitetura monumental, com espaços divididos para a diretoria, sala para arquivo, biblioteca, pátio para

---

[67] "José Fernandes de Barros Lima, nasceu em 21 de agosto de 1868, em Passo do Camaragibe- AL. Foi governador, vice-governador, senador federal, deputado federal, deputado estadual, jornalista e advogado. Estudou em Maceió, no Ginásio Bom Jesus e no Liceu Alagoano. Aos 16 anos escreveu "Devaneios Escolares", uma coletânea de poesias escritas quando ainda era aluno do Colégio Bom Jesus, possivelmente publicada no ano de 1884. Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife (1893). Fernandes Lima, enquanto estudante de Direito, lutou pela República e escreveu um folheto recomendando a mudança do regime (1888). Colaborou nessa época, na revista "O Norte", órgão republicano, além dos jornais Arrebol, Movimento e Norte de Alagoas. Iniciou sua carreira política ao ser escolhido membro do Primeiro Conselho Municipal de Camaragibe e depois, eleito Intendente (1892/93). Em sua atuação na política de Alagoas, destacou-se pela oposição à oligarquia de Malta. Foi diretor do jornal oposicionista "Correio de Maceió", órgão oficial do Partido Democrata de Alagoas. Em 1912, torna-se Vice-Governador juntamente com o Coronel Clodoaldo da Fonseca. Em 1918, foi eleito Governador, sendo reeleito em 1921. Permaneceu no exercício do governo até 12 de junho de 1924. Foi em seu governo que foram construídas 400Km de rodovias para o interior. Lutou pela abolição dos escravos, tendo pertencido à Sociedade Libertadora Alagoana. Foi membro fundador da Academia Alagoana de Letras e sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, tendo colaborado na Revista dessa instituição". Disponível em: https://cedu.ufal.br/grupopesquisa/gephecl/wp-content/uploads/2019/02/Biografia-de-Fernandes-Lima.pdf. Acesso em: 18 de out. 2022.

recreio, laboratórios, oficinas para trabalhos manuais, entre outros, dando à educação um lugar de destaque, que marcou uma nova realidade no Brasil. De acordo com a organização, cada Grupo Escolar podia comportar de quatro a dez escolas isoladas.

Figura 29 - Grupo Escolar Delmiro Gouveia

Fonte: http://memoriasdosertao.com.br/artigo.php?id=3

Mediante aumento de habitantes e alunos na Vila da Pedra, a fábrica, "na gestão dos herdeiros de Delmiro, realizou entendimento com o Governador Costa Rego e com o diretor da Instrução Pública para a criação de um "grupo escolar" no núcleo" (NASCIMENTO, 2018, p. 183), consoante a figura 29. Segundo Faria Filho (2000), "para o êxito da instrução e para a manutenção da boa ordem escolar era absolutamente necessário a construção de grandes espaços, onde pudessem ser reunidos centenas de alunos e para que, nas paredes construídas pudessem ser pendurados os quadros e os "cartazes" (FARIA FILHO, 2000, p. 146). À vista disso, em 1926, de acordo com Nascimento (2018), deu-se início à reforma de um galpão que era utilizado como depósito de alimentos, tendo o Grupo Escolar passado a funcionar em 1929, com o nome de Delmiro Gouveia, sendo o primeiro a funcionar no Sertão de Alagoas.

De acordo com Souza (1998), "para ser professor de grupo escolar, as condições exigidas para o ingresso não se baseavam em concurso público. Inicialmente, o corpo discente dos grupos escolares foi formado pelos professores efetivos das escolas isoladas absorvidas

pelo grupo por ocasião da reunião das escolas" (SOUZA, 1998, p. 71). Logo, essas nomeações eram feitas pelo Governo, assim, também, com os cargos de diretor e inspetor de ensino. Segundo a autora, o diretor passou a ser "visto como uma *autoridade* do governo" (SOUZA, 1998, p. 78), tornando o cargo um privilégio para a pessoa que o ocupasse.

Na época do surgimento da ideia da criação desse estabelecimento de ensino na Vila da Pedra, atento ao cenário das terras alagoanas, o então governador do Estado, Sr. Costa Rego[68], fez uma visita aos municípios alagoanos a fim de saber o que necessitavam e viu o que careciam as localidades e os edifícios escolares. Pelo contexto, a visita pessoal feita pelo Governado trouxe a oportunidade de conversa com o professor local.

Efetivamente, o processo de transformação social por meio de novos hábitos e de trabalho, assim como a frequência às aulas, promovidas por Delmiro, e a organização do Grupo Escolar no sertão de Alagoas, trouxeram grandes transformações, haja vista que a experiência aconteceu numa região classificada como inóspita.

Assim, por essas informações, observou-se que em Pedra – que na época pertencia ao município de Água Branca (AL) -, localizada no quilômetro 54, encontrou-se o segundo registro do processo educativo da região do percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, tendo sido desenvolvido pelo industrial Delmiro Augusto da Cruz Gouveia. Cumpre cintilar que é o único município, dos que fizeram parte do percurso da ferrovia, em que a estrutura do Grupo Escolar ainda se mantem intacta.

3.3 Estação Final: Jatobá e as escolas idealizadas por Dr. Brandão Cavalcanti

O município de Jatobá (PE), onde estava localizada a Estação Final da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, foi marcado por conflitos políticos que ocasionaram várias mudanças na nomenclatura, resultando em prejuízos severos para o seu desenvolvimento social e econômico.

Seguindo a linha de outros municípios do trajeto da EFPA – Piranhas e Pedra (Água Branca), em Jatobá também existiu um personagem que ganhou destaque pelas ações que promoveu frente ao processo de desenvolvimento educativo municipal.

[68]Pedro da Costa Rego nasceu no Pilar, Alagoas, em 12 de março de 1889. Foi jornalista, escritor e político. Quando exercia o mandato de deputado federal, foi indicado pelo governador Fernandes Lima para sucedê-lo no governo de Alagoas. Costa Rego comandou o poder executivo alagoano no período de 1924 a 1928. Seu vice-governador foi Luiz Vieira de Siqueira Torres. Faleceu no Rio de Janeiro, em 6 de julho de 1954. Disponível em: https://www.historiadealagoas.com.br/costa-rego-o-jornalista-que-governou-alagoas.html. Acesso em: 18 de out. 2022.

De acordo com Silva (2015), José Francisco Brandão Cavalcanti tornou-se figura de renome nacional desde que foi nomeado engenheiro chefe responsável pela construção da Estrada de Automóvel do Seridó, no estado do Rio Grande do Norte, fundada em 1915. Concedida pelo Governador do estado, Joaquim Ferreira Chaves (1914-1919), a estrada interligava Natal, capital do estado, ao Seridó.

Paralelamente a isso, o Dr. Brandão Cavalcanti, como era conhecido, fazia parte da Sociedade Anônima Estrada de Automóveis do Seridó, composta por políticos influentes no Rio Grande do Norte (SILVA, 2015). No que diz respeito a esse fato, o engenheiro representou o Estado por meio de políticas públicas voltadas, sobretudo, ao combate à seca, apresentando soluções hidráulicas e a implantação dos primeiros projetos de irrigação.

Observa-se que Dr. Brandão Cavalcanti fazia parte de uma categoria de engenheiros que exaltavam a ciência e que estavam engajados na construção de um país moderno (KROPF, 1996), e "o progresso, na visão de muitos desses sujeitos, seria o resultado da ação prática e do trabalho empreendido por meio de grandes obras, em específico, as obras de mobilidade responsáveis por integrar o território por vias terrestres" (SILVA, 2015, p. 190). Com base nesses autores, destaca-se a importância que exerceu ao estar à frente desses projetos que viabilizaram o desenvolvimento das sociedades por onde passou, em especial ao município de Jatobá.

Na localidade, em 1923, visando a exploração hidroagrícola do Vale do São Francisco, propôs a construção de uma pequena usina hidrelétrica, como o aproveitamento da Cachoeira de Itaparica, no cânion do rio, próximo da cidade, para a geração de energia elétrica.

À vista disso, seu nome, cujo trabalho já era conhecido em outros estados, passou a ser veiculado nas páginas do Correio da Pedra, sobretudo, por ser um profissional comprometido com questões referentes à educação desenvolvida em Jatobá, sempre atendendo aos apelos da população em relação à organização de escolas.

Marcando o início de uma nova fase em Jatobá, o engenheiro Dr. Brandão Cavalcanti, a quem o governo do Estado cedeu o edifício da antiga oficina sob o compromisso assumido por esse profissional de construir dois prédios, sendo um deles destinado a uma escola, trouxe a expectativa de grandes realizações. A população mostrava-se esperançosa com as iniciativas desse engenheiro, porque devido ao elevado número de alunos, a casa em que funcionavam as escolas era bastante pequena para os respectivos serviços. Daí, a ânsia da população para o engenheiro terminar o quanto antes a construção do grupo escolar, que para acontecer, faltavam apenas o reboco, atijolamento e portas.

A respeito disso, o jornal Correio da Pedra, na edição de 19 de agosto de 1923, trouxe trechos de uma entrevista feita com o Dr. Brandão Cavalcanti, em que o engenheiro apresentou seus projetos para Jatobá. Nesses empreendimentos, como prioridade, forneceria escolas, sendo a instrução obrigatória para os operários e seus filhos. De acordo com o engenheiro, quem não aceitasse, não seria admitido. Nas escolas, haveria o Ensino Religioso, que ninguém seria obrigado a fazer suas práticas, todavia obedeceriam a certos ditames da moral. Sobre isso, Nunes (2000) afirma que "o sentimento religioso, suas práticas e rituais invadiam as instituições escolares de múltiplas formas" (NUNES, 2000, p. 378). Percebe-se que, no pensamento de Dr. Brandão Cavalcante, o operário que aprende e que frequenta cinemas, cria aspirações que deseja realizar e, para isso, precisa gastar. Portanto, se esforçará para ganhar mais. Em resultado, produzirá mais.

Cabe informar que os planos do engenheiro não se concretizaram no município, decerto em decorrência da falência de sua empresa. Entretanto, anos depois, em nota, na edição de 1º de setembro de 1929, o Correio da Pedra divulga a inauguração de uma escola noturna, "para rapazes", em Jatobá, a qual recebeu o nome "ESCOLA BRANDÃO CAVALCANTI", em homenagem ao ilustre engenheiro, o Dr. José Francisco Brandão Cavalcanti, pelo reconhecimento de suas excelentes ações em função do desenvolvimento da instrução pública no município.

Em decorrência das questões territoriais, o município pernambucano ganhou grande destaque no semanário, que passou a divulgar notícias sobre a educação local. Publicou-se sobre o fechamento de uma única escola, do sexo masculino, e sobre a demolição de grande parte dos antigos prédios das ex-oficinas da referida via férrea, ordenada pela administração da EFPA, provavelmente utilizadas para esse fim.

Como se não bastasse, Dr. Manoel Borba[69], que na época era o governador do Estado de Pernambuco, transferiu para Bebedouro o professor dessa cadeira, não mais substituindo-o, por mais de dois anos. A população sentia-se pertencente a um lugar esquecido e abandonado, e reclamava que em nenhum outro município do estado de Pernambuco a instrução era tão negligenciada.

[69]'Manoel Antonio Pereira Borba nasceu no Engenho Paquivira, próximo ao município de Timbaúba, Pernambuco, no dia 19 de março de 1864. Exerceu os cargos de deputado federal, líder da bancada pernambucana, governador do Estado de Pernambuco e senador. Em 1914 foi eleito prefeito de Goiana, PE, acumulando a função com o cargo de deputado. Como governador de Pernambuco (1915-1919) criou a Imprensa Oficial, deu atenção especial à abertura de estradas e à construção de pontes, favoreceu o incremento da pecuária e o aperfeiçoamento das raças bovinas, introduzindo o gado Nelore no Estado.". Disponível em: https://www.geni.com/people/Manoel-Borba/6000000052588170430. Acesso em: 25 de out. 2022.

Nessa época, disputaram a presidência do país o Dr. Nilo Peçanha[70] e Dr. Arthur Bernardes[71] (eleito), fato que despertou a atenção de todos os brasileiros que sabiam ler. No entanto, segundo uma matéria divulgada no semanário, se esse assunto tivesse sido discutido em Jatobá, não encontraria ninguém capaz de entendê-lo. Em virtude disso, havia a preocupação pelo motivo de que a eleição aconteceria e os eleitores não sabiam em quem votar e nem para quê. Por isso, eram clamadas as forças de combate ao analfabetismo, de que degradava grande parte da população.

Em edição do dia 23 de dezembro de 1923, o jornal trouxe uma nota informando que alguns dos trabalhos apresentados às sessões do Congresso Nacional indicavam que todo brasileiro tinha o dever de ler para orientar-se acerca das coisas do país, como exigência da nacionalidade. Observou-se que na matéria trazia, ao menos como prenúncio não longínquo, havia esperança no combate ao analfabetismo, em favor daquela gente que tão despresadamente povoava o Brasil.

Consoante, a guerra à falta de instrução vinha acontecendo por toda parte. Posto isto, no Sítio Juazeiro, que supomos, pelas fontes, localizar-se no município de Jatobá, o professor Manoel Camillo, a quem o editor chamou de "velho ensinador", tinha 38 alunos matriculados em sua escola, que era gratuita para "pobres" (CORREIO DA PEDRA, 1923, p, 182). A esse respeito, Miguel; Martin (2004) revelam que "quando em alguma povoação ou bairro populoso não existisse número de meninos ou meninas que justificasse a criação de uma escola pública, ou se fechasse a existente por falta dele, poderia o Governo subvencionar um mestre particular com a gratificação anual de 120$00 (cento e vinte réis) para ensinar os meninos pobres" (MIGUEL; MARTIN, 2004, p. 34). No tocante, no entendimento de Souza (1998), "o professor passou a ser responsabilizado pela formação do povo, o elemento reformador da sociedade, o portador de uma nobre missão cívica e patriótica" (SOUZA, 1998, p. 61). Isto posto, e para

[70]"Nilo Procópio Peçanha nascido em 1867, na cidade de Campos, no estado do Rio de Janeiro, entrou na Faculdade de Direito de São Paulo, mas se formou na Faculdade de Direito de Recife. Foi deputado da Assembleia Nacional Constituinte, de 1890 a 1891 e, posteriormente, deputado federal até 1903, pelo Partido Republicano Fluminense. Em 1903, foi senador pelo estado do Rio de Janeiro. Renunciou ao mandato para ser presidente do mesmo estado, cargo que ocupou até 1906. No ano de 1921, concorreu à presidência da República, pela legenda Reação Republicana, mas foi derrotado por Artur Bernardes. Faleceu em 1924, no Rio de Janeiro". Disponível em: https://neamp.pucsp.br/liderancas/nilo-procopio-pecanha. Acesso em:18 de out. 2022.

[71] "Artur Bernardes nasceu em Viçosa, Minas Gerais, no dia 8 de agosto de 1875. Exerceu a presidência entre os anos de 1922 e 1926, dentro do tradicional modelo de rodízio entre São Paulo e Minas Gerais, denominado "política de café com leite". Candidato dos paulistas e mineiros, foi também apoiado pelo presidente Epitácio Pessoa, o que o classificava como candidato da situação. Para concorrer com ele, os estados de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul se articularam em torno de um movimento denominado "Reação Republicana" e lançaram a candidatura do ex-presidente Nilo Peçanha".
Disponível em: https://www.ebiografia.com/artur_bernardes/. Acesso em: 18 de out. 2022.

comprovar o esforço do referido professor, foi apresentado uma lista com os nomes dos alunos, a maioria do sexo masculino, que trazemos no quadro 9, a seguir:

Quadro 9 - Lista de nomes de alunos de uma escola no Sítio Juazeiro – Jatobá (PE)

Professor: Manoel Camillo	
Sítio Juazeiro – município de Jatobá (hipótese)	
Nº	Alunos
01	José Emygdio do Nascimento
02	Jeronymo Emygdio do Nascimento
03	Nelson Emygdio do Nascimento
04	Manoel Vicente dos Santos
05	João Vicente dos Santos
06	Affonso José Correia
07	Pedro Antônio Telles
08	João Antônio dos Santos
09	Victorino Henrique dos Santos
10	Innocêncio José dos Santos
11	Manoel Francisco de Oliveira
12	João Alvino dos Santos
13	José Vicente dos Santos
14	João José Correia
15	José Antônio do Nascimento
16	Manoel Baptista da Silva
17	Manoel Ezequiel da Silva
18	José clementino dos Santos
19	Pedro Gomes de Sá
20	Genézio José Vianna
21	José Henrique dos Santos Filho
22	Ulysses Gomes da Cruz
23	José Antônio de Menezes
24	João José de Menezes
25	Henedina Maria do Nascimento
26	Maria José do Nascimento
27	Josepha Maria de Jesus
28	Edilia Maria do Nascimento
29	Severina Maria da Conceição
30	Thereza Maria de Jesus
31	Auta Maria da Conceição
32	Clotildes Cecília de Lima
33	Santina Alves da Conceição
34	Ernestina Alves da Conceição
35	Francelina Alves da Conceição
36	Maria Valentina de Jesus
37	Maria Roza do Nascimento
38	João Barboza de Souza

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora conforme a sequência em que os nomes aparecem na coletânea do jornal Correio da Pedra (CORREIO DA PEDRA, 1923, p. 182).

Em vista disso, Faria Filho (2000) assevera que "à época, para a elite brasileira, a escola para os pobres, mesmo em se tratando de brancos e livres, não deveria ultrapassar o aprendizado das primeiras letras" (FARIA FILHO, 2000, p. 136). Esse pensamento possibilita perceber que se queria generalizar os rudimentos do saber, ler, escrever e contar, não se imaginando, por outro lado, uma relação muito estreita dessas pessoas com outros níveis de instrução: o secundário e o superior.

Nesse interim, a chegada das professoras Sílvia Argemira Brekenfeld e Cacilda Argemira Brekenfeld[72], uma para reger a cadeira do sexo masculino e outra para reger a cadeira do sexo feminino, em Jatobá, causou muita agitação na população, que não demorou a tecer elogios para o excelente trabalho realizado por elas.

De acordo com Souza (1998), "utilização do trabalho feminino no campo da educação vinha ganhando força em toda parte no final do século XIX, tendo em vista a necessidade de conciliar o recrutamento de um grande número de profissionais para atender à difusão de educação popular mantendo-se salários pouco atrativos para os homens" (SOUZA, 1998, p. 62). No que tange, com o passar do tempo as qualidades femininas associaram-se às características do fazer docente, ficando "professores do sexo masculino para diretores de grupos escolares" (SOUZA, 1998, p. 80). Convém salientar que não era mencionado sobre critérios de gênero para a direção de grupo escolar na regulamentação sobre a instrução escolar.

Observou-se que o conhecimento de que os professores subvencionados dispunham era mesmo pouco, e as condições orçamentárias não lhes permitiam obter um magistério titulado, mostrando que esta é uma questão antiga enfrentada pelos professores do país. No entanto, sendo transmitido aos que nada sabiam, prestariam a estes o maior dos benefícios que era o da "inserção, mesmo que de forma muito desigual, dos pobres à vida social" (FARIA FILHO, 2000, p. 137). Nessa perspectiva, à instrução recebida agregavam-se outros conhecimentos e valores.

Percebe-se, no discurso, que os críticos às escolas subvencionadas – a elite brasileira - eram donos de estabilidade financeira e residiam nas capitais, onde os recursos eram fáceis. Porém, no interior da catinga, a coisa era bem outra e nada confortava tanto, nada despertava

[72] Até o momento desta pesquisa, localizamos, apenas, que há uma rua chamada Professora Cacilda Breckfeld, no Jardim São Paulo, em Recife, PE.
Disponível em: https://www.google.com/maps/place/R.+Profa.+Cacilda+Breckenfeld++Jardim+S%C3%A3o+Paulo,+Recife+-+PE,+50910-410/@-8.0796855,-34.9391997,17z/data=!3. Acesso em: 25 de mai. 2023.

mais palpite e emoção, do que num daqueles povoados, numa casinha humilde e sem reboco - “as casas mais pobres, isoladas ou localizadas em vilas” (NUNES, 2000, p. 379) -, assentados sobre caixões e tripeças, de alpercatas ou descalços, ver a criançada a designar as letras, fazer uma conta de multiplicar, tudo ensinado por esses subvencionados.

Em 1988, com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaparica, que passou a ser chamada de Usina Luiz Gonzaga, em homenagem ao “rei do baião nordestino”, “as comportas da barragem foram fechadas e o rio ali preso foi formando um lago enorme. A água, devagarzinho foi cobrindo a antiga cidade” (RUBENS, 2016, p. 34). Por conseguinte, a sede municipal ficou submersa no Lago de Itaparica, guardando, ali, a história de uma comunidade que enfrentou grandes dificuldades.

Dito isso, declaramos ser Jatobá (PE), ponto final do percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, o terceiro município a marcar o início do processo educativo da região sertaneja, tendo como influência as ideias do engenheiro José Francisco Brandão Cavalcanti, idealizador da Usina Hidrelétrica de Itaparica.

4. A PRÁTICA PEDAGÓGICA NOS CAMINHOS DO TREM

Os elementos constitutivos de uma escola podem revelar indícios do cotidiano escolar: as materialidades que a distinguem, os sujeitos que a compõem, as práticas que nela se formalizam, assim como os processos e relações constituintes dessa modalidade social. Segundo Souza (1998), "se é fato que a educação cumpre finalidades determinadas pela sociedade, não é menos verdade que os projetos, os discursos, as teorias pedagógicas materializam-se no cotidiano da escola" (SOUZA, 1998, p. 19). Implica dizer que esses elementos têm levado pesquisadores a vasculharem documentos esquecidos que mostrem vestígios da escola vista para além de um lugar de trabalho: um lugar de história e de memória.

Para Le Goff (2003), "a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder" (LE GOFF, 2003, p. 470). Nesse sentido, entende-se memória coletiva como um registro seletivo, já que memória é fundamental a um grupo porque está ligada à construção de sua identidade. Ou seja, é fruto de um trabalho de separação e organização do que é indispensável para o sentido do pertencimento, continuidade e de unidade. Assim sendo, entende-se como a manifestação das experiências vistas, ouvidas e vivenciadas por um grupo social.

Para entender como as práticas pedagógicas desenvolveram-se no processo educativo na região do entorno da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, no período investigado (1879-1930), tornou-se necessário considerar o contexto histórico do país, no final do século XIX e início do século XX[73]. Vale ressaltar que esse período é considerado importante para a história da escola pública no Brasil[74]devido às relevantes transformações pelas quais ela passou. Entre alguns fatores determinantes, pode-se mencionar o início da República, a crescente industrialização do país, a expansão das cidades e a influência de modelos educacionais de nações civilizadas.

Nesse período, o Brasil anunciava que se concretizaria o projeto de escola pública, obrigatória, gratuita, democrática e laica, cuja função seria a de corrigir as desigualdades sociais. Sobre isso, Souza (1998) assevera que "no final do século XIX, em São Paulo, os republicanos impuseram um projeto de educação popular baseado em algumas concepções

[73] A decadência do regime monárquico, no final do século XIX, criou condições para a implantação da República no Brasil. Disponível em: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/historia-o-nascimento-da-republica-no-brasil-e-os-processos-historicos-ate-a-metade-do-seculo-xx/. Acesso em: 12 de ago. de 2022.
[74]Nesse período, iniciou-se a popularização da escola primária, quando o índice de analfabetismo chegou a 80%. A partir de então, houve a ampliação do ensino primário. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/22/aspectos-histricos-da-educao-e-do-ensino-de-cincias-no-brasil-do-sculo-xvi-ao-sculo-xx. Acesso em: 12 de ago. 2022.

pedagógicas consideradas modernas e racionais" (SOUZA, 1998. p. 18). Todavia, o sistema educacional ainda não estava alicerçado, de modo que provocou, "em várias Províncias, uma imensa discussão acerca da necessidade de escolarização da população, sobretudo das chamadas "camadas inferiores da sociedade" (FARIA FILHO, 2000, p. 135). Percebe-se que essa questão possibilitou importantes discussões educacionais e pedagógicas, no país, em busca de uma forma de ensino que tornasse o tempo escolar mais eficiente, disciplinasse os corpos e espaços escolares, facilitasse e organizasse a aprendizagem dos alunos.

O jornal Correio da Pedra, como apoiador do regime republicano, e como forma de incutir no cidadão o sentimento de identificação com a pátria, fez circular em suas páginas matérias relativas a essa temática pelos sertões dos estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco, como apresentado no fragmento a seguir.

> **Instrucção publica**
>
> Quando a presente legislação do Congresso Nacional iniciou seus trabalhos e em cada uma de suas sessões foram apresentadas as mensagens presidenciaes, que todo brasileiro tem o dever de ler para orientar-se acerca das cousas do paiz, mensagens que, nas referências à instrucção publica, trouxeram palavras, que consubstanciavam a intenção de bem solucionar tão transcendente exigência da nacionalidade, pensamos, nas nossas ingenuidades jornalísticas, que, dessa feita, o *géca* teria quem se condoesse da sua crassa ignorância, da sua carência de luzes, da sua inópia espiritual, e alguma medida repontasse, ao menos como prenúncio de não longínquo benefício em favor dessa gente, que tão despresadamente povoa uma larga faixa do enorme Brasil [...] (CORREIO DA PEDRA, 1923, p. 200).

Percebe-se, pela matéria, o destaque dado pelo periódico à Instrução Pública, que naquele momento já era uma realidade na Vila da Pedra. De acordo com Nascimento (2018) "a instituição escolar no núcleo fabril da Pedra foi, desde os tempos de Delmiro, um importante instrumento de "civilização", seja para realização de processo de moldagem e controle social, seja para propagação de ideias republicanas" (NASCIMENTO, 2018, p. 160). Ainda, segundo este autor, os nomes de algumas escolas e ruas do núcleo fabril revelavam a simpatia de Delmiro Gouveia e daqueles que estiveram à frente de seus negócios, após sua morte, para com a República.

Desse modo, analisar as fontes possibilitou o retorno ao passado da região sertaneja do percurso da via férrea e ao início do processo da história da educação escolar local, com a sensação de revivê-lo, utilizando o jornal impresso como ponto de partida. À vista disso, buscou-se, também, direcionar o olhar atento para as personalidades que se destacaram como propagadores das transformações ocorridas nos espaços social e econômico daquelas comunidades. Dado que, segundo Monarcha (2019), na tempestividade da época, homens

públicos apressaram-se por tornar-se “portadores de futuros possíveis” (MONARCHA, 2019, p. 09). Assim, pode-se dizer que alguns indivíduos atuantes, na época e na região pesquisadas, promoveram e colocaram em prática estratégias que viabilizaram o desenvolvimento das sociedades.

Esse autor ainda assinala que

> [...] nas vozes e nas atitudes de sujeitos encarnados porta-vozes dos interesses gerais, escritores, políticos, jornalistas, professores, bacharéis, funcionários, médicos, militares, politécnicos, juristas, administradores, em suma frações da inteligência brasileira, irmanam-se numa comunidade de propósitos: instruir a massa bruta de analfabetos, cuja linguagem, dizia-se, recordava à infância das primeiras sociedades e os costumes de uma humanidade vivente no subsolo da história (MONARCHA, 2019, p. 09).

Conforme revela Costa (1999), “na análise dos acontecimentos históricos, entretanto, é preciso ir além dos fenômenos aparentes, que são observados e registrados pelos contemporâneos” (COSTA, 1999, p. 452). Cumpre cintilar que a literatura que sustenta esta investigação nos orienta para os limites e possibilidades do uso desse tipo de fonte.

De acordo com Capelato (1988), a imprensa passou a ser concebida como espaço de representação de momentos particulares da realidade a serem desvendados e reproduzidos em outras épocas. Decerto, os periódicos transformaram-se num dos mais significativos veículos de divulgação de ideias, valores e representações sociais do país. Compreende-se que, no tocante aos jornais, mesmo aqueles que não são especificamente pedagógicos, deveriam ser analisados pelos historiadores da educação.

Na época em destaque, a expansão da Instrução Pública ao maior número de pessoas e a alfabetização da população, consideradas como a chave do progresso intelectual, moral e físico do país, trouxe a necessidade de investir na escola primária e na formação de professores. A essa conjuntura, Faria Filho (2000) acrescenta o desenvolvimento de “práticas civilizatórias” (FARIA FILHO, 2000, p. 140). A respeito disso, aos Estados, coube a responsabilidade na implementação da oferta, criando ou subsidiando escolas primárias e escolas normais em todos os espaços possíveis do território nacional. Entretanto, a realidade mostrava-se contrária ao ideário.

Segundo este autor,

> [...] ao que tudo indica, muitos foram os limites enfrentados por aqueles que defendiam que a educação deveria ser estendida à maioria da população. Aos limites políticos e culturais relacionados a uma sociedade escravista, autoritária e profundamente desigual, já amplamente discutidos pela historiografia, é sempre necessário considerar a baixíssima capacidade de investimento das províncias, que

> algumas vezes chegavam a empregar mais de ¼ de seus recursos na instrução e obtinham pífios resultados (FARIA FILHO, 2000, p. 135).

Observa-se, dessa maneira, que o papel e a presença do Estado nos investimentos para o desenvolvimento da instrução eram muito pequenos, resultando em espaços educacionais precários. À vista disso, Costa (1999) acentua que "as grandes transformações que subvertem a estrutura econômica e a ordem social são as vezes silenciosas e passam despercebidas aos olhos dos contemporâneos ou são vistas de maneira parcial e deformada" (COSTA, 1999, p. 452). Isso quer dizer que ao historiador compete analisar os acontecimentos numa perspectiva mais ampla e imparcial. Percebeu-se, com isso, que analisar o jornal Correio da Pedra como fonte documental possibilitaria a identificação e compreensão de alguns processos e acontecimentos do passado da sociedade da região da EFPA e adjacências, que dificilmente seriam encontrados, de maneira tão detalhada, em outros tipos de fontes.

Nessa proposta, pretendendo-se apresentar o modo como a educação atravessou essa época, principalmente nos sertões alagoano e pernambucano, e como as práticas pedagógicas foram se constituindo nas escolas localizadas no percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, região de extrema insuficiência educacional, buscou-se construir as condições necessárias que indicassem o caminho a ser seguido.

Conforme entendimento de Chartier (2002, p. 63), a pesquisa adentrou "os novos territórios dos historiador". Neste aspecto, Costa (1999) defende que "o que parece relevante para os que vivem o momento histórico é, em geral, o que pode ser facilmente observado: as ações dos indivíduos, os conchavos denunciados, os episódios mais flagrantes, as intrigas mais conhecidas" (COSTA, 1999, p. 452).

Assim, intencionando encontrar elementos que fornecessem informações sobre o modelo educacional vivenciado por aquelas comunidades, realizamos o levantamento das matérias do jornal Correio da Pedra que rememorassem essa história, como apresentado no quadro 10, a seguir.

Quadro 10 - Levantamento das matérias sobre prática pedagógica, livro e alfabetização

EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	SÍNTESE
VOLUME I Anno IV, nº 215, 12 de novembro de 1922, p.91. Domingo	Não informado	Bello Monte – 2ª página	A realização de um belíssimo drama infantil nas férias escolares.
VOLUME I Anno VI, nº 268, 18 de novembro de 1923, p. 185. (não informa o dia da semana)	Não informado	Exames Primários – 2ª página	Cronograma de datas para a realização de exames e provas finais do ano de 1923.
Anno VII, nº 304, 27 de julho de 1924, p. 310. (Não informa mais o dia da semana)	J. Roberto	A Grandeza das Nações -1ª página	Sobre os serviços de higiene pública em Pernambuco.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora a partir de consultas à coletânea do jornal Correio da Pedra (2017).

Em posse dessas informações, direcionamos a investigação com foco nas matérias que apresentassem as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores, ao mesmo tempo em que se procurava analisar como aconteceu o funcionamento do fazer escolar: práticas, condutas, modos de vida, ideias compartilhadas, hábitos e ritos (SOUZA, 1998). Importa salientar que na construção do modelo pedagógico sertanejo tratado nessa pesquisa foram consideradas ações individuais e coletivas.

4.1 A prática escolar

Os processos educacionais desenvolvidos na Vila da Pedra faziam parte do projeto de Delmiro Gouveia, que tinha o propósito de fomentar "os ideais republicanos e em seguida a instituição de novos valores ditos "civilizados" (NASCIMENTO, 2018, p. 169). Nessa perspectiva, o industrial estabeleceu um conjunto de normas que deveriam ser, rigorosamente, seguidas em todas as escolas do núcleo fabril.

Nas escolas do núcleo fabril, a matrícula era obrigatória para todas as crianças e a divulgação das datas de início e encerramento das aulas, assim como o cronograma de exames de aproveitamento e de provas finais, eram divulgados pelo Correio da Pedra. De acordo com Nascimento (2018), "havia escolas para o ensino de disciplinas superiores ao curso primário, bem como o ensino de habilidades domésticas e trabalhos manuais para as moças"

(NASCIMENTO, 2018, p. 171). Cumpre informar que a atenção dada por Delmiro à instrução e, depois, por seus sócios e auxiliares, era uma estratégia para qualificar mão de obra sertaneja para a indústria.

Segundo Correia (1998), "os conteúdos do ensino das escolas da Pedra enfatizavam preceitos de obediência e moral e regras de boas maneiras" (CORREIA, 1998, p. 248). Em vista disso, de acordo com a autora, quando o aluno não sabia a lição, era castigado, sendo obrigado a copiar uma mesma frase, escolhida pela professora, por trinta vezes. De fato, de acordo com o pensamento de Nunes (2000), até "a escola risonha e franca, tinha também versões menos luminosas, nas quais ainda se praticavam os castigos físicos e morais" (NUNES, 2000, p. 371). Nas entrelinhas, percebe-se que os modos de educar eram condizentes com o autoritarismo exercido pelo industrial, visto que desejava conseguir bons resultados em curto prazo.

Desse modo, intencionando promover o avanço da educação escolar dos alunos da Vila da Pedra, àqueles que entregassem os cadernos com as tarefas feitas, no final de cada semana, era dado um bilhete para entrar no cinema da vila operária. A respeito disso, segundo Louro (2000), no início do século XX, em várias sociedades, incluindo a brasileira, o cinema passou a ser uma das formas culturais mais significativas, surgindo como uma modalidade moderna de lazer, que rapidamente conquistou adeptos, provocando novas práticas e novos ritmos urbanos, configurando-se em uma importante instância formativa.

Para acompanhar o atendimento escolar às crianças, Adolpho Santos, gerente da fábrica, foi nomeado Fiscal de Ensino por Delmiro Gouveia, com a tarefa de garantir o cumprimento de suas determinações nas escolas do núcleo fabril. Nesse contexto, segundo Nascimento (2018), este profissional tinha a missão de

> [...] acompanhar a frequência dos estudantes, de repreender os pais dos faltosos, de punir os que descumprissem as determinações de Delmiro, de contratar professores e professoras, de comprar o material escolar (cadernos, lápis, borracha, cartilha etc.), e de acompanhar os exames finais realizados pelas professoras, ao final de cada ano letivo (NASCIMENTO, 2018, p. 173).

De acordo com o semanário, o referido Fiscal de Ensino encarnou o sonho de Delmiro Gouveia que era ver crianças e adultos alfabetizados, promovendo o adiantamento do progresso. Cumpre cintilar que o industrial, intencionando "incentivar a prática e o gosto pela leitura e pelas artes literárias, patrocinou também a criação de um "Grêmio Literário", cujo patrono foi o gerente da fábrica e fiscal de ensino, Adolpho Santos (NASCIMENTO, 2018, p. 180). Com o mesmo propósito, segundo este autor, Delmiro

> [...]cuidou de providenciar os instrumentos musicais como saxofone, flautim e clarinete e organizou uma banda de música, cuja participação dos operários adicionava uma gratificação de 10% sobre os salários, bem como eram dispensadas duas horas antes do trabalho para participarem, todos os dias úteis, às 19 horas, dos ensaios que eram acompanhados por Delmiro (NASCIMENTO, 2018, p. 196).

Notadamente, em pouco tempo a filarmônica estava animando tardes e noites de domingos, feriados, carnavais e ocasiões especiais.

Observou-se que outra prática bastante difundida pelas escolas da vila operária, que já fazia parte do calendário de eventos, era a comemoração do dia das crianças. Nessa atividade, cada escola festejava em sua própria sede. De acordo com o Correio da Pedra, essas ações causavam a admiração de outros municípios e, provavelmente, imitação, visto que, de acordo com Nascimento (2018), o modelo educacional desenvolvido nas escolas da Vila da Pedra "era uma realidade ainda distante para o povo sertanejo" (NASCIMENTO, 2018, p. 167). Percebe-se que o fenômeno empreendido pelo industrial Delmiro Gouveia na vila operária, sertão alagoano, tornou-se um instrumento indispensável na divulgação da proposta de modernização da sociedade brasileira.

Anos mais tarde, na edição de 5 de junho de 1927, o Correio da Pedra divulgou uma matéria dizendo que as condições do ensino primário das escolas da Pedra eram precárias e que este precisava ser completamente remodelado. Segundo Nascimento (2018), a decadência da educação escolar na vila operária deu-se pelo fato de que em 1926, os descendentes de Delmiro se afastaram da Pedra e "ali se instalou um grupo que alterou o projeto iniciado por Gouveia" (NASCIMENTO, 2018, p. 133). Ainda assim, a instrução escolar em Pedra foi uma ferramenta fundamental no processo de civilizar com vistas ao progresso do país.

Convém salientar que as fontes não revelaram informações a respeito de quais práticas escolares eram desenvolvidas nas escolas da via férrea, em Piranhas (AL), nem tampouco nas escolas do município de Jatobá (PE).

Ademais, o semanário mostrou-se categórico ao divulgar que um dos maiores defeitos da educação ministrada ao sertanejo, de que se tinha registro, era a de roubar-lhe o amor ao meio em que nasceu, dando-lhe mesmo a impressão de ser o sertão uma região inabitável. Prudente, asseverou que faltavam práticas de agricultura às escolas e que "educar" era a parte mais difícil do ensino, sendo preciso uma forte dose de energia para vencer os obstáculos.

4.2 Os Métodos Pedagógicos

Este estudo revelou valiosas informações sobre a via metodológica que era desenvolvida nas escolas do percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE), no recorte temporal tratado nesta pesquisa. Contudo, para entendimento do contexto, considera-se oportuno fazer um breve tratamento histórico sobre a implantação dos métodos de estudo no país, no início do século XIX. Outrossim, cabe ressaltar que cada comunidade escolar apresentava peculiaridades.

Nessa época, no Brasil, as escolas "seguiam o método individual de ensino" (FARIA FILHO, 2000, p. 140). Segundo esse autor, no Método Individual, mesmo que o professor tivesse muitos alunos, ensinava a cada um deles, individualmente. Portanto, tratava-se de um método semelhante à educação doméstica, "onde a mãe ensinava aos filhos e às filhas, ou os irmãos que sabiam alguma coisa ensinavam àqueles que nada sabiam" (FARIA FILHO, 2000, p. 140). Desse modo, no decorrer das aulas, os alunos ficavam muito tempo sem receber orientação direta do professor, ocasionando deficiência na aprendizagem. Consequentemente, a monotonia e ineficácia da metodologia renderam-lhe muitas críticas.

Essas críticas deram abertura à experimentação de um método novo, chamado Lancasteriano ou Mútuo, sendo a autoria atribuída ao inglês Joseph Lancaster. Nesse, os alunos mais adiantados auxiliavam o professor, podendo, o docente, "atender a até mil alunos em uma única escola. Nesse novo processo metodológico, os estudantes estariam o tempo todo ocupados e vigiados pelos colegas" (FARIA FILHO, 2000, p. 141), e a competição entre eles resultaria em economia de tempo de aprendizagem, comparando-se com o Método Individual.

Partindo dessa premissa, o Método Mútuo, para seus defensores, tornou-se "uma poderosa arma na luta para fazer com que a escola atingisse um número maior de pessoas" (FARIA FILHO, 2000, p. 141). Visto que, de acordo com Monarcha (2019) à "medida em que o ativismo apossa-se das variadas cabeças, expande-se a crença nos poderes superlativos da instrução como elemento formativo do cidadão completo" (MONARCHA, 2019, p. 141). Logo, aos poucos, as escolas do país passaram a ser de ensino mútuo.

No entanto, a experiência com o Método Mútuo inviabilizou-se, pois tratava-se de uma metodologia que demandava materiais fundamentais para que as escolas funcionassem e os críticos alegavam que "[...]os professores não eram formados para a realização segundo preconizava o método" (FARIA FILHO, 2000, p. 142). Assim, em várias Províncias, substituiu-se esse método pelo Método Misto ou Simultâneo, que associava as vantagens do Método Individual e do Mútuo. Dessa forma, a nova prática permitia a organização de classes mais

homogêneas, promovia o desenvolvimento dos conteúdos em diversos níveis e otimizava o tempo escolar. Todavia, também exigia a produção de materiais didático-pedagógicos e evidenciava a necessidade de espaços próprios, o que ainda não era possível em todos os cantos do Brasil.

Em 1870, de acordo com Faria Filho (2000), começaram a ser divulgadas as ideias e experiências do educador suíço Jean-Henri Pestalozzi, com o chamado Método Intuitivo, que mudou "o curso da discussão sobre os métodos" (FARIA LIMA, 2000, p. 143). Esse novo método permitiu uma transformação nas relações entre alunos e professores. Entre elas "a importância de prestar atenção aos processos de aprendizagem dos alunos" (FARIA FILHO, 2000, p. 143). Com efeito, o método ganhou expressão dentro do movimento de difusão da escolarização das classes menos favorecidas, a partir de um grande trabalho de produção e divulgação de variados impressos pedagógicos e o crescente refinamento teórico entre a Psicologia e a Pedagogia.

O Método Intuitivo destacava a importância da observação das coisas, dos objetos, da natureza, dos fenômenos, necessárias ao conhecimento e aprendizagem dos alunos. Essa prática chamava-se "lição das coisas", em que o professor criava condições para que os alunos vissem, sentissem e observassem os objetos escolares ou os levados à escola. Podia-se, também, realizar visitas e excursões pelas imediações da escola. De acordo com Nunes (2000), "os novos métodos porém nem sempre convenciam boa parte dos docentes que burlavam os métodos considerados oficiais" (NUNES, 2000, p. 389). Importa destacar que a entrada de um método não eliminava o outro, ficando a cargo da instituição a escolha de qual deles utilizar para promover a educação no país.

Observou-se que o método utilizado pelas quatro escolas organizadas pelo engenheiro em chefe, Reinaldo von Kruger, em Piranhas, durante o início da construção da Estrada de Ferro Paulo Afonso Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, era o Methodo Hudson. Na ocasião, o engenheiro responsável pela ferrovia adquiriu 200 exemplares desse método para os alunos (BONFIM, 2007). A respeito disso, em 1879, o jornal alagoano, O Orbe, publica uma nota, conforme transcrita na íntegra:

> Do expediente do governo da província em 17 do corrente, consta que Sª. Exc. o Sr. Presidente remeteu ao engenheiro em chefe da estrada de ferro Paulo Affonso 200 exemplares do methodo Hudson, oferecidos por um distincto alagoano, para serem distribuídos pelos alunos pobres que frequentam as escolas de instrucção primaria, que devidas à iniciativa particular existem hoje nessa povoação.
> Extranhou o Diário de Alagoas a singularidade da remessa: achamos justo a extranheza porque não sabemos que caracter pode ser encarregado o referido

> engenheiro de uma incubencia que só diz respeito a instrucção publica (Jornal O Orbe, 26 de novembro de 1879).

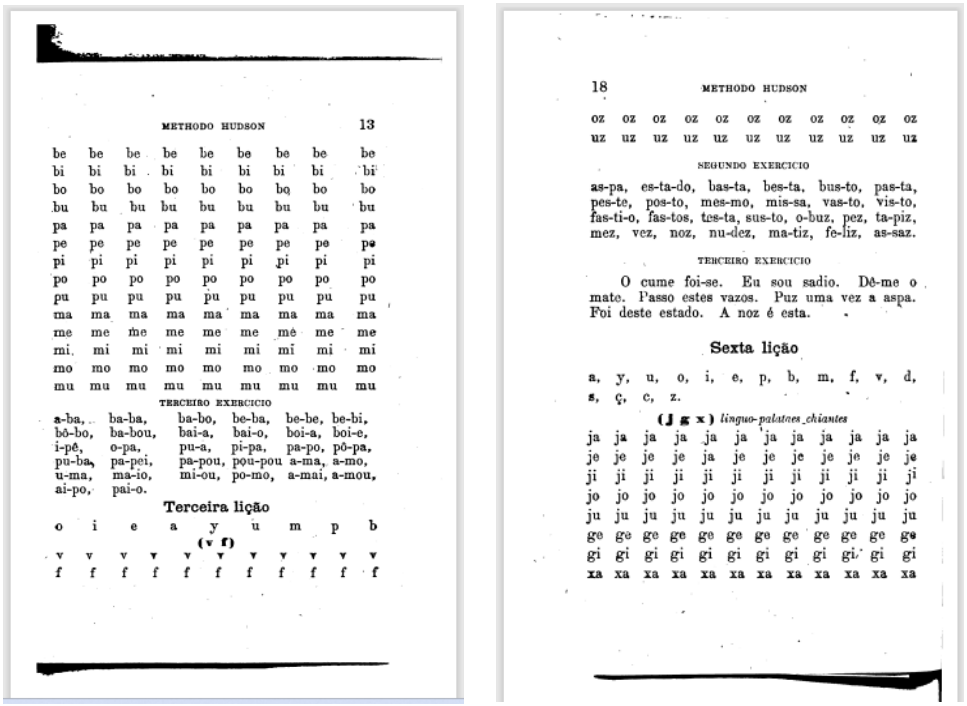
Pela matéria, percebe-se que os referidos exemplares não causaram dispêndio ao governo, visto que foram doados por um particular. Vale ressaltar o espanto causado pelo pedido, justamente por ter partido de um engenheiro de estrada de ferro. De acordo com Le Goff (1990), "só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente" (LE GOFF, 1990, p. 545). Desse modo, a análise histórica dos jornais consiste em considerar que a escrita da imprensa periódica apresenta, muitas vezes, discurso implícito e sua narrativa é construída, acima de tudo, pelos acontecimentos diários.

No tocante, Burke (1992), destaca que o historiador enfrenta dois desafios: primeiro, mostrar que a vida cotidiana faz parte da História e segundo, relacioná-la aos grandes acontecimentos. Corroborando com o pensamento de Barros (2006), ao afirmar que "do macro-espaço que abriga civilizações, a historiografia moderna apresentava agora a possibilidade de examinar os micro-espaços que abrigavam populações localizadas" (BARROS, 2006, p. 470). Logo, a análise de elementos da história local torna-se fundamental para o desenvolvimento das pesquisas com impressos, partindo da realidade local para um universo mais amplo. Observou-se, pela escolha do método, que o engenheiro também desejava resultados favoráveis em curto prazo, devido à escassez de mão de obra qualificada para a construção da EFPA.

Octaviano Hudson[75], poeta, jornalista e professor, foi o autor do "Methodo Hudson: oferecido à infância e ao povo (1876)", desenvolvido para as escolas primárias. Tratava-se de um método de ensino próprio, adaptado aos modelos da época. Cabe destacar que o autor da metodologia lecionava para os bisnetos de José Bonifácio de Andrada e Silva quando desenvolveu o método (HUDSON, 1876).

[75] Nasceu e faleceu no Rio de Janeiro. (1837-1886). Disponível em: https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=2810. Acesso em: 15 de set. 2022.

Figura 30 - Methodo Hudson



METHODO HUDSON 13

be be be be be be be be be
bi bi bi bi bi bi bi bi bi
bo bo bo bo bo bo bo bo bo
bu bu bu bu bu bu bu bu bu
pa pa pa pa pa pa pa pa pa
pe pe pe pe pe pe pe pe pe
pi pi pi pi pi pi pi pi pi
po po po po po po po po po
pu pu pu pu pu pu pu pu pu
ma ma ma ma ma ma ma ma ma
me me me me me me me me me
mi mi mi mi mi mi mi mi mi
mo mo mo mo mo mo mo mo mo
mu mu mu mu mu mu mu mu mu

TERCEIRO EXERCICIO

a-ba, ba-ba, ba-bo, be-ba, be-be, be-bi,
bô-bo, ba-bou, bai-a, bai-o, boi-a, boi-e,
i-pê, o-pa, pu-a, pi-pa, pa-po, pô-pa,
pu-ba, pa-pei, pa-pou, pou-pou a-ma, a-mo,
u-ma, ma-io, mi-ou, po-mo, a-mai, a-mou,
ai-po, pai-o.

Terceira lição

o i e a y u m p b
(v f)
v v v v v v v v v v
f f f f f f f f f f

18 METHODO HUDSON

oz oz oz oz oz oz oz oz oz oz oz
uz uz uz uz uz uz uz uz uz uz uz

SEGUNDO EXERCICIO

as-pa, es-ta-do, bas-ta, bes-ta, bus-to, pas-ta,
pes-te, pos-to, mes-mo, mis-sa, vas-to, vis-to,
fas-ti-o, fas-tos, tes-ta, sus-to, o-buz, pez, ta-piz,
mez, vez, noz, nu-dez, ma-tiz, fé-liz, as-saz.

TERCEIRO EXERCICIO

O cume foi-se. Eu sou sadio. Dê-me o mate. Passo estes vazos. Puz uma vez a aspa. Foi deste estado. A noz é esta.

Sexta lição

a, y, u, o, i, e, p, b, m, f, v, d, s, ç, c, z.

(j g x) *linguo-palatines chiantes*

ja ja ja ja ja ja ja ja ja ja ja
je je je je ja je je je je je je
ji ji ji ji ji ji ji ji ji ji ji
jo jo jo jo jo jo jo jo jo jo jo
ju ju ju ju ju ju ju ju ju ju ju
ge ge ge ge ge ge ge ge ge ge ge
gi gi gi gi gi gi gi gi gi gi gi
xa xa xa xa xa xa xa xa xa xa xa

Fonte: Recorte feito pela pesquisadora a partir de consultas à cartilha.

A cartilha de alfabetização do Methodo Hudson consistia em ensinar crianças a conhecer e distinguir as letras, juntá-las e combiná-las em sílabas, baseando-se no ritmo, no canto e nas palmas. Dessa forma, a metodologia acelerava a aprendizagem, tornando-se muito popular entre os educadores da época. Assim que eram alfabetizados, os alunos aprendiam a caligrafia e a escrita mais complexa.

Na introdução da cartilha, o autor do método discorre sobre alguns dos cuidados que teve na elaboração do trabalho, dando destaque às sugestões que recebeu de professores para a modificação de alguns pontos na metodologia, que julgou necessário. No impresso, Hudson também incluiu os ofícios enviados para autoridades da Instrução Pública, da época, composta de Conselheiros do Governo e professores, que afirmavam sua utilidade. Importante destacar que, como declarou o próprio Octaviano Hudson, não aspirava nada além da contribuição com a Instrução Pública do país.

Em dada ocasião, o referido método ganhou o olhar atento do escritor Machado de Assis, rendendo-lhe destaque em uma de suas crônicas, intitulada “História de quinze dias”, como apresentada no fragmento, a seguir:

> História de quinze dias[76]
> 15 de abril de 1877
> III
>
> Depois do chumbo e das letras, o secesso maior da quinzena foi a descoberta que um sujeito fez de que o método Hudson é um método conhecido nos Açores.
>
> Será?
>
> Conhecendo apenas um deles, não posso decidir. Mas o autor brasileiro, intimado a largar o método, veio à imprensa declarar que lhe não pegou, que nem mesmo o conhece de vista. Foi ao Gabinete Português de Leitura, a ver se alguém lhe dava novas do método, e nada.
>
> De maneira que o Sr. Hudson teve esse filho, criou-o, e pô-lo no colégio, e um filho contra o qual reclama agora outro pai. E por desgraça não pode ele provar que não há pai anterior e que só ele o é.
>
> E se forem ambos? Se o engenho de um e outro se houverem encontrado? Talvez seja essa a explicação.
>
> Em todo o caso, se eu alguma vez inventar qualquer método, não o publico sem viajar o globo terráqueo, de escola em escola, de livreiro em livreiro, a ver se descubro algum método igual ao meu. Não excetuarei a China, onde havia imprensa ante de Gutenberg: irei de pólo a pólo (ASSIS, 1877).

De acordo com Machado de Assis, na época, as autoridades literárias acreditavam ser o método um suposto plágio. Embora o escritor não tenha citado a obra plagiada, discorreu sobre as dificuldades encontradas por Octaviano Hudson para ter reconhecida a autoria do método.

Dito isto, cabe destacar que as fontes não apontam sobre quais métodos eram utilizados pelos professores das escolas da Vila da Pedra e do município de Jatobá. No entanto, como o objetivo era civilizar o país, em especial as classes menos favorecidas, inferiu-se que o processo metodológico desenvolvido nessas escolas seguia aquele que era aplicado nas Províncias de Alagoas e Pernambuco, compatíveis com o ensino que deveria ser dado às crianças e aos adultos do país.

4.3 Livros didáticos

Nas primeiras décadas do século XX, de acordo com Nunes (2000), "o livro *Histórias de nossa terra*, compêndio didático lido por várias gerações de alunos" (NUNES, 2000, p. 372), era o livro utilizado pelas escolas primárias. Segundo o autor, a obra passava a mensagem de que "[...] a fonte da virtude é uma só: a República, o único regime que conferindo igualdade política permitia a qualquer homem, mesmo os de origens obscuras e humildes, chegar à presidência da República ou à propriedade de uma fábrica" (NUNES, 2000, p. 373). Por

[76] Disponível em: https://machadodeassis.ufsc.br/obras/cronicas/CRONICA,%20Historia%20de%20quinze%20dias,%201876.htm. Acesso em: 10 de mai. 2023.

conseguinte, revelou-se que a intensão da autora deste livro era provocar, profundamente, as emoções do leitor, levando-o às lágrimas.

Ainda, segundo Nunes (2000), “com os livros didáticos criados para atender aos novos programas e aos ideais de reformas educacionais, novas metodologias de ensino passaram a ser experimentadas, sobretudo no campo da leitura” (NUNES, 2000, p. 388). Diante do exposto, inferiu-se ser este o motivo que levou Reinaldo von Krüger a adquirir a cartilha do Methodo Hudson para as escolas da EFPA, dado a urgência do engenheiro em qualificar os funcionários para as demandas da construção da ferrovia.

Notadamente, na edição de 26 de fevereiro de 1922, o Correio da Pedra fez circular uma notícia bastante relevante sobre o alto preço dos livros didáticos. De acordo com as fontes, o encarecimento geral da vida e os preços sempre crescente de todos os gêneros e artigos, despertaram a atenção da população. Todavia, como se não fosse bastante os embaraços de alimentação, vestuário e cuidados médicos, surgiu o problema do livro, que era, naquela ocasião, muito sério. De acordo com Correia (2015), a Fábrica da Pedra fornecia o material, gratuitamente, a todos os alunos do núcleo fabril, diferentemente dos demais municípios. Infelizmente, a pesquisa não sabe informar quais livros eram utilizados nas escolas da Vila da Pedra, nem tampouco pelas do município de Jatobá.

Conforme o periódico, se o preço dos livros continuasse a subir, seria impossível às crianças frequentarem às aulas, pois a maioria não dispunha de recursos para adquiri-los. Percebe-se, aqui, dois aspectos interessantes desse fenômeno econômico: um diz respeito à frequência às aulas, cada vez maior, denotando que, possivelmente, já estava incutido na população a necessidade de fazer seus filhos aprenderem; o outro é a averiguação de, naquela época, ainda não havia um programa de distribuição gratuita de livros para o ensino público. A respeito disso, de acordo com Albuquerque e Ferreira (2019), a construção de políticas sobre o livro didático, “que passou para o âmbito governamental a responsabilidade de sua avaliação, compra e distribuição” (ALBUQUERQUE; FERREIRA, 2019, p. 251) só começou a ser discutida, no Brasil, a partir de 1938.

Concomitante, o semanário teceu crítica à escolha dos livros didáticos, como sendo uma das coisas que mais contribuíram para tornar a escola muito enfadonha às crianças. Na concepção desse jornal, os livros eram maçudos, desenxabidos e de uma sisudez que lhes causava tédio. Decerto, ainda não “[...] eram submetidos a um trabalho de análise e avaliação pedagógica (ALBUQUERQUE; FERREIRA, 2019, p. 252). Nesse sentido, por muito tempo os livros didáticos não contemplaram as necessidades dos professores e pouco ajudaram na organização do trabalho pedagógico.

4.4 As comemorações

Durante a pesquisa, observou-se que existia uma prática muito comum entre as escolas dos municípios de Pedra (Água Branca) e Jatobá: a organização de festejos para o dia da Independência do Brasil. Sobre essa atividade, Kuhlmann Júnior (2001), afirma que houve "uma crescente escolarização do conjunto de atividades sociais, entre elas as festas" (KUHLMANN JÚNIOR, 2001, p. 198). De acordo com o autor, a pretensão era a de mostrar o Brasil como uma nação próspera e ordeira, transformando as escolas em escolas de civismo, inspiradas numa pedagogia do progresso, a ser cultuado e apresentado.

Nesse contexto, Nascimento (2018) assevera que

> [...] o processo de incorporação do sertanejo aos processos educacionais e civilizatórios praticados em Pedra, como não podia deixar de ser e, como, aliás, já assinalamos, envolvia atividades cívicas e comemorativas. Assim, datas como a Independência do Brasil e a Proclamação da República eram comemoradas pela Cia. Agro Fabril, tendo uma efetiva participação dos professores e alunos das escolas do núcleo fabril. Tematizavam os professores e exaltavam à República, à independência do Brasil, cantavam os hinos nacional e à bandeira, e desfilava-se pelas ruas do núcleo nos dias cívicos (NACIMENTO, 2018, p. 177).

Percebe-se que o intuito era transformar o espectador em aprendiz, utilizando uma didática "quase catequética" (KUHLMANN JÚNIOR, 2001, p. 197). Desse modo, essas comemorações assumiam as representações de seus idealizadores. Ou seja: "a bandeira em que o corpo do menino se transforma é o símbolo máximo do Brasil republicano" (NUNES, 2000, p. 272). No tocante, Nunes (2000) revelou que agindo dessa maneira as escolas projetavam a expressão de um povo virtuoso.

Nessas ocasiões, na Vila da Pedra havia uma programação com diversas atividades, sempre divulgada pelo Correio da Pedra. Em Jatobá, semelhantemente, as professoras Sílvia Argemira Brekenfeld e Cacilda Argemira Brekenfeld preparavam os seus alunos para as atividades e estes trajavam farda azul e branco, com laço azul marinho que, de acordo com o periódico, lhes dava formoso aspecto. Em Tacaratu, que fora distrito de Jatobá, houve um desfile de um grupo de alunos pelas ruas, entoando marchas patrióticas e hinos à bandeira e à nação.

Na época em questão, ainda em Jatobá, as professoras Sílvia Argemira Brekenfeld e Cacilda Argemira Brekenfeld receberam as professoras Zuleide Leite e Dolôres Rocha, de Tacaratu (PE), para passarem a Semana Santa. Decerto, tecendo assim uma rede de sociabilidade entre as docentes. De igual maneira, Argentina Fortes, professora em Paulo

Afonso – que teve o nome mudado para Mata Grande -, visitou a Vila da Pedra para participar de uma festa, entre amigos, oferecida pela Fábrica da Pedra.

4.5 A higiene escolar

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, uma vida nova agitava os sertões nordestinos com a chegada da ferrovia, das estradas de rodagem, das pontes, dos postos de profilaxia e, sobretudo, com a notícia de haver escolas em muitos povoados da região, constituindo a Instrução Pública e a higiene pontos capitais para o desenvolvimento do país.

Para Cunha (2000), modernizar o país significava colocá-lo "em sintonia com os países mais desenvolvidos econômica e culturalmente, como se dizia na época" (CUNHA, 2000, p. 455). Nesse cenário, inspirado na nova ordem social, a campanha educacional movida pelos educadores, fundamentados em prescrições das novas ciências, rezava que medidas de política sanitária não seriam eficientes para modernizar a sociedade, caso não fossem acompanhadas de medidas educacionais correspondentes.

Nesse contexto, na edição do dia 19 de agosto de 1923, o jornal Correio da Pedra publicou uma nota informando que a Diretoria Geral de Saúde do Rio de Janeiro distribuiu postais nas escolas, com algumas regras de higiene, como transcrito a seguir, na íntegra:

> **Nas escolas –** Defendendo os
> interesses das crianças, a Directoria
> Geral de Saúde, do Rio de Janeiro,
> está distribuindo postaes assim:
> Para as crianças da escola.
> O que não se deve fazer.
> 1º - cuspir no chão,
> 2º - molhar os dedos no cuspo para
> voltar as páginas dos livros e
> dos cadernos;
> 3º - introduzir no ouvido as pontas
> dos lápis e das canetas;
> 4º - limpar a lousa com cuspo
> ou com a própria língua;
> 5º - ter na boca as canetas, os
> lápis, as moedas etc.
> Perguntai aos vossos mestres
> porque motivo se fazem taes
> Recomendações.
> (CORREIO DA PEDRA, 1923, p .137).

Percebe-se a intenção do periódico na divulgação de ações que promoviam a transformação social por meio de novos hábitos, condizentes com os ideais republicanos e com

as práticas civilizatórias adotadas por Delmiro Gouveia na vila operária. A respeito disso, de acordo com Nunes (2000), alguns centros urbanos estiveram empenhados em "modificar a escola primária e, ao mesmo tempo, em servir de *vitrine* e *modelo* para os demais" (NUNES, 2000, p. 375), e entre eles estava a cidade do Rio de Janeiro. Portanto, totalmente em consonância com o pensamento de Gondra (2000), de que para se obter uma sociedade higienizada seria necessário o auxílio da organização escolar.

Segundo Elias (1994), "essas razões higiênicas passam, então, a desempenhar um papel importante nas ideias dos adultos sobre o que é civilizado" (ELIAS, 1994, p. 140). Melhor dizendo: tornar coerente os interesses da medicina, ligados principalmente à necessidade de higiene, por meio da educação escolar, seria considerado o ideal para alcançar os objetivos desejados.

Observou-se que, em Pedra, "a vila e a fábrica apresentavam um aspecto de limpeza que impressionava bem os visitantes, causando-lhes mesmo admiração" (MENEZES, 1991, p. 82). Decerto, condizente com o modelo civilizatório e educacional que Delmiro Gouveia tinha implantado. De acordo com Correia (1998), nas escolas da Vila da Pedra a intensão era fazer "as crianças assimilarem hábitos julgados civilizados, de modo a tornarem-se adultos pacíficos, moralizados e asseados – cientes e respeitadores das regras de civilidade e de higiene corporal" (CORREIA, 1998, p. 249). Cumpre destacar que no núcleo fabril o banho diário era obrigatório, assim como o uso de roupas limpas e o cuidado com os cabelos e com as unhas.

Para Correia (1998), os modos rudes com que Delmiro dava lições de boas maneiras aos moradores da Vila da Pedra contrastava "com sua elegância na forma de vestir" (CORREIA, 1998, p. 253). Importa destacar que Delmiro "ditou moda, a ponto de ter batizado com seu nome o famoso "colarinho Delmiro Gouveia", pois, frequentando a alta sociedade recifense, sempre bem vestido, utilizava um tipo de colarinho alto, engomado e branco" (MENEZES, 2018, p. 44). Assim, o Coronel Delmiro garantia o fortalecimento de seu projeto civilizatório no sertão, tendo a higiene como aliada.

De acordo com o jornal Correio da Pedra, em Pernambuco, o Governador Sergio Loreto (1922-1926)[77], conhecendo de perto as possibilidades e as carências da sua terra, deu o impulso

[77]"Sérgio Teixeira Lins de Barros Loreto Natural do município de Águas Belas, Pernambuco, nasceu no dia 09 de setembro de 1870. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios de Recife, onde também foi professor de Aritmética. De família modesta, trabalhou como funcionário dos Correios, emprego que conseguiu por meio de concurso público. Trabalhando e estudando, terminou o curso de bacharelado em Direito, pela Faculdade de Direito do Recife. Com a Proclamação da República, Sérgio Loreto foi convidado pelo irmão Galdino Loreto para assumir o cargo de promotor público no Espírito Santo. Renunciando ao emprego dos Correios, transferiu-se para Santa Leopoldina, no Espírito Santo, onde foi promotor público a partir de julho de 1892. Em 1893, foi nomeado para o cargo de delegado-geral da Instrução Pública na Comarca de Santa Leopoldina. Cinco anos depois, ocupou efetivamente o

que o Leão do Norte[78]reclamava de seus filhos. Logo, o serviço de higiene no Estado, que na ocasião era uma realidade, tinha à frente a competência e a eficácia incansável do médico, Dr. Amaury Medeiros [79]. Desse modo, pretendia eliminar fatores adversos com a finalidade de produzir um futuro nos moldes civilizados para os pernambucanos.

Gondra (2000), destaca que, "modelada pela Higiene, a educação é representada como um elixir responsável pela instalação de uma nova era" (GONDRA, 2000, p. 530). Assim, no que concerne, naquele período, o médico tornou-se a voz autorizada a dizer a melhor forma de conduzir a vida, que permitiria um efetivo programa civilizador ditando as regras para o funcionamento das escolas.

Entretanto, para Nunes (2000), "a vida higiênica infantil não seria completa se, além da vigilância constante, não houvesse atividades de educação física, desenho e trabalhos manuais" (NUNES, 2000, p. 386). Dessa maneira, incompatível com a realidade sertaneja, visto que a maioria das escolas funcionavam de maneira precária, tanto nas condições de infraestrutura quanto nas condições pedagógicas.

Conforme assevera Gondra (2000), pensar numa escola e numa sociedade higienizada é uma "utopia que esbarrou nas teimosias e rebeldias de uma sociedade que permanecia desigual, escravocrata, monarquista e patriarcal, apesar do romântico sonho partilhado e difundido pelos homens da razão médica ou, talvez mesmo, em certa medida, por causa dele"

---

cargo de chefe de Polícia do Estado do Espírito Santo, até 1900. De 29 de janeiro de 1900 a 18 de janeiro de 1901, Sergio Teixeira Lins de Barros Loreto assumiu o cargo de procurador-geral do Ministério Público. Transferiu-se do Espírito Santo para o Rio de Janeiro, onde advogou de 1901 a 1904, quando venceu um concurso para juiz federal. Tomou posse nesse cargo em Pernambuco, no dia 07 de maio de 1904. Foi governador de Pernambuco (1922–1926) e sua administração foi considerada uma das mais produtivas no período da Primeira República, realizando relevantes obras em Recife e no interior do Estado. A construção do Palácio de Justiça, na Praça da República, para sede do Tribunal de Justiça de Pernambuco, iniciada em 1924, foi uma delas. Quando deixou o governo, em outubro de 1926, foi eleito deputado federal por Pernambuco e, em 1930, abandonou a política. Morreu no dia 6 de março de 1937". Disponível em: https://www.mpes.mp.br/Arquivos/Modelos/Paginas/NoticiaSemFoto.aspx?pagina=5323&rasc=true. Acesso em: 18 de out. 2022.

[78] "Pernambuco possui dentre outras alcunhas a de Leão do Norte, expressão que se origina na figura de armas do antigo capitão-donatário Duarte Coelho, em alusão à coragem e ao espírito combativo do povo pernambucano. O apelido de Leão do Norte foi dado devido ao Leão neerlandês desenhado no escudo de armas de João Mauricio de Nassau, como referência à história de lutas do povo do Estado". Disponível em: https://afontedeinformacao.com/biblioteca/artigo/read/12480-por-que-pernambuco-e-o-leao-do-norte. Acesso em 18 de out. de 2022.

[79]"Amaury de Medeiros (1893-1928) foi um médico nascido no Recife e formado em 1916, no Rio de Janeiro, onde atuou como clínico especialista em doenças pulmonares. Dirigiu os serviços médicos da Cruz Vermelha Brasileira e coordenou uma Cruzada Nacional Contra a Tuberculose. Em fevereiro de 1923, assumiu a chefia do Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco, nomeado por seu sogro, o governador Sergio Loreto. Nesse cargo, coordenou uma ampla reforma dos serviços e uma intensa atividade de propaganda sanitária, inspeção de moradias, escolas e fábricas, fundação de postos de saúde, criação e reforma de hospitais e intervenções urbanas, por meio de obras de drenagem de áreas alagadas. Essa ação resultou, entre muitas outras coisas, na criação da fundação A Casa Operária, na criação da Praça Oswaldo Cruz e na urbanização do Derby e de Boa Viagem, no Recife". Disponível em: https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/162624/162998. Acesso em: 18 de out. 2022.

(GONDRA, 2000, p. 544). Percebe-se, com isso, que era exigida uma educação preventiva, corretiva e curativa, responsável pela constituição de um homem novo, sem serem oferecidas as mínimas condições de funcionamento.

No processo educacional desenvolvido nas comunidades do entorno da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, as fontes apontam que o núcleo da Pedra foi o único local que ofereceu ao sertanejo o acesso à educação escolar e à higiene que, naquela época, ainda distanciava-se da maioria dos demais vivente dos sertões alagoano e pernambucano. Cumpre cintilar que as transformações ocorridas no quilômetro 54 da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, aconteceram pelas ações do industrial Delmiro Gouveia, que prevalecendo-se da ausência do Estado, tomou a iniciativa de criar e desenvolver, a seu modo, um projeto educacional e civilizatório, ainda que tenha sido para atender a seus interesses empresariais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi analisar práticas pedagógicas e culturais das escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, tendo o jornal Correio da Pedra como fonte primordial de pesquisa. Contudo, o estudo teve como pressuposto o entendimento de que os impressos são documentos e um olhar cuidadoso nos possibilitou conhecer a gênese do periódico, alargando-se pelo transcurso de sua trajetória de 12 anos de circulação, como também a sua contribuição para a História da Educação de Alagoas, da Bahia, de Pernambuco e do Brasil. A análise da materialidade do periódico constituiu-se em utilizar tudo aquilo que ele oferecia: o seu formato nos diversos anos, número de páginas, seções e figuras.

Contar a história através da imprensa, sem dúvida, é um desafio, se não atendidos alguns critérios. Saber como se estruturava o jornal, de que forma a notícia estava posta, e quem eram "os donos da notícia", são essenciais para uma pesquisa bem executada e que revele informações confiáveis.

O estudo desenvolvido enquadra-se no âmbito da análise qualitativa, tendo seus pressupostos teóricos embasados na Nova História Cultural. Contudo, no decorrer do trabalho, encontram-se presentes, também, os elementos quantitativos, no tocante à quantificação das matérias e das categorias em que foram enquadradas.

Convém sublinhar que na transição do século XIX para o século XX, nos sertões do Nordeste, as secas funcionaram como ponto fundamental para o desenvolvimento do progresso nos espaços ainda pouco conhecidos ou explorados no país. Desse modo, observou-se que o projeto desenvolvimentista ancorava-se em duas instâncias basilares: a industrialização e a instrução.

Pode-se dizer que a formação histórica do percurso da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) – está atrelada à história das secas, consolidadas na política de socorrer os retirantes através de emprego em obras públicas em cada estiagem. Nessas ocasiões, o Governo mobilizava seu exército de engenheiros e técnicos para promover serviços de socorro no sertão nordestino. Posto que na época havia dificuldades, todavia o sucesso obtido na missão benéfica, tida como modernizadora, foi significativo entre a massa de necessitados.

Nesse mesmo período, com as transformações ocorridas no Brasil, surgiram dinâmicas de civilização nas áreas mais distantes dos centros urbanos. Percebe-se que as ferrovias constituíram os principais condutores dos processos de industrialização e modernização desses lugares, pois reconfiguraram o território, trazendo-lhes intenso fluxo de transporte.

Consequentemente, proporcionaram diversidade nos serviços de comunicação, promovendo interações entre os espaços rurais e urbanos.

Ao longo desta pesquisa, buscamos mostrar que a história do desenvolvimento da instrução pública no sertão de Alagoas e de Pernambuco tomou novas proporções com a chegada da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) - à região. E, posteriormente, com a chegada de Delmiro Gouveia, que construiu a primeira usina hidrelétrica do Nordeste, uma fábrica de linhas e, por resultado desta, uma vila operária, descrita como modelo de civilização e modernidade, inclusive no processo educacional e no lazer, como apontado em diversos estudos.

Nesta vila, circulava o Correio da Pedra, uma folha semanal. A identificação dos assuntos destacados pela equipe editorial desse jornal nos permitiu inferir o grau de importância que as notícias sobre educação receberam desse grupo que, possivelmente, desejava preparar mão de obra sertaneja instruída para a indústria.

O estudo centrou-se no processo educacional por entendermos, sobretudo, na possibilidade de mapeamento dos lugares onde estavam localizadas as escolas no percurso da referida via férrea, e na releitura pormenorizada de uma importante fonte histórica.

As imagens apresentadas neste trabalho, seja no corpo do texto ou nos anexos, não foram usadas apenas como recursos ilustrativos, mas evidenciam o contexto de cada época ou a situação que retratam. Cada figura traduz um momento histórico específico, ou inserido no contexto da pesquisa.

O trabalho consistiu em conhecer aspectos da vida das comunidades escolares que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso - Piranhas (AL) a Jatobá (PE) -, e a singularidade apresentada por cada município nos processos de organização das primeiras ações para a efetiva implantação da instrução pública. Da mesma forma, os saberes pedagógicos, as práticas escolares e os métodos de ensino, ofereceram subsídios para a análise e compreensão da forma como os professores trabalhavam em sala de aula e da formação destes.

Da análise efetuada nos quatro volumes da coletânea do Correio da Pedra, pode-se afirmar que o acesso à fonte pesquisada foi possível, sobretudo, por conta da republicação dos jornais encontrados. Entretanto, jornais mais antigos, ou centenários, como no caso específico da pesquisa que desenvolvemos, a situação pode ser um pouco mais complicada. Primeiro, por ainda haver cultura limitada de preservação das fontes históricas. Segundo, quando essas fontes são preservadas, na maioria das vezes, faltam condições adequadas para que seu estado de conservação permaneça de boa qualidade. No jornal pesquisado, felizmente, o material disponível encontra-se em excelentes condições de preservação por fazer parte de um trabalho

de preservação de fontes históricas que já vem sendo realizado pelo Professor Dr. Edvaldo Francisco do Nascimento. Cumpre destacar que a variedade de assuntos tratados pelo periódico exige do pesquisador muita sensibilidade e boa definição de seu objeto de pesquisa. Do contrário, ficará perdido na vasta produção encontrada.

Observou-se que os sertões que compreendiam o entorno da EFPA, naquela época, não apresentavam dinâmica urbana. No entanto, a construção da via férrea abriu caminhos para a chegada da indústria e do desenvolvimento do primeiro empreendimento hidrelétrico, conferindo ao trajeto um relativo destaque no conjunto dos demais municípios existentes na região.

Nesta pesquisa, três nomes ganharam destaque nos registros da história vivenciada pelas comunidades no percurso da referida via férrea: Reinaldo von Krüger, Delmiro Gouveia e Dr. Brandão Cavalcanti, definidos a partir da chegada da estrada de ferro aos municípios de Piranhas (AL), Vila da Pedra (Água Branca/AL) e Jatobá (PE). Seus trabalhos foram importantes, sobretudo, na configuração do processo educativo destes municípios que, inicialmente, não passavam de pequenas povoações.

As ações desses homens promoveram o impulso que favoreceu o surgimento das primeiras escolas e da expansão econômica e populacional da região das caatingas. Nesse contexto, este estudo rememora a história daqueles municípios entre o início da construção da ferrovia e a última publicação do jornal Correio da Pedra, fonte principal de registros documentais desta pesquisa. Cabe ressaltar que as ações desses homens foram fundamentais para a mudança de vida da sociedade sertaneja, região marcada pela implementação de grandes projetos desenvolvimentistas.

Constatou-se, a partir desse estudo, que os impressos quando tratados como fonte histórica apresentam variadas possibilidades de pesquisa. No Brasil, guardadas as deficiências de preservação, existem acervos espalhados pelas Universidades, Institutos Históricos, centros de documentação, instituições de pesquisa e nas próprias empresas responsáveis pelos impressos. Muitos deles, inclusive, disponibilizam seus acervos culturais na versão digital.

Como pesquisadores, temos um papel a desempenhar na História. À vista disso, devemos nos preocupar com a leitura que fazemos da realidade e com a história que escrevemos, bem como, com a contribuição que estamos dando à sociedade, e ao campo científico. É importante trazer novos enfoques, possibilitando tornar conhecidas realidades novas, que contribuam para que se possa escrever mais um capítulo da História da Educação do Brasil.

Por fim, cabe cintilar que a Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE) – foi o elemento propulsor do desenvolvimento social e econômico dos sertões dos Estados de Alagoas, Pernambuco e Bahia, contribuindo de maneira significativa para a implementação da instrução pública nas comunidades que margeavam seu percurso.

Logo, reitero a importância e as contribuições dessa pesquisa para a historiografia e para o Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGED, somando-se a muitos outros estudos.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida**. São Paulo: Estud. Av. v. 13, n. 36, 1999.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; FERREIRA, Andrea Tereza Brito. **Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula**. Rio de Janeiro: Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 27, n. 103, 2019.
Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/SdxBGsvHHtjMzJJ3cHHcY9c/. Acesso em: 03 de jun. 2023.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem do Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

BONFIM, Luiz Ruben Ferreira de Alcântara. **Estrada de Ferro Paulo Afonso – sua origem**. Paulo Afonso: GrafTech, 2007.
_____ **Estrada de Ferro Paulo Afonso (1882-1964).** Paulo Afonso: GrafTech, 2001.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
_____ **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil**. In: PAULA, Eurípedes Simões de. SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 5, 1971, Anais... São Paulo: FFLCH, 1971.

CAVALCANTI, Eduardo Bezerra. **Correio e Vila Operária da Pedra: o patronato e a ideologia do trabalho com uma experiência comunitária**; ensaio; Cad. Est. Soc. Recife, v. 14, n1, p. 39-80, jan/jun.,1998.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CORREIA, José Cícero. **Trabalho, seca e capital: da construção da Ferrovia Paulo Afonso à Fábrica de Linhas da Pedra (1878-1914)**. Dissertação (Mestrado em História). Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2015.

CORREIA, Marilza da Silva. **A educação popular no Brasil império: as primeiras iniciativas de escolas noturnas em Alagoas (1870-1889)**. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2011.

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 6. Ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CUNHA, Marcus Vinicius. **A escola contra a família**. In: LOPES, Eliana Marte Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2ª edição. 608p. (Coleção Historial, 6).

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1994, v.1.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Instrução elementar no século XIX**. In: LOPES, Eliana Marte Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2ª edição. 608p. (Coleção Historial, 6).

GONDRA, José Gonçalves. **Medicina, higiene e educação escolar**. In: LOPES, Eliana Marte Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2ª edição. 608p. (Coleção Historial, 6).

HUDSON, Octaviano. **Methodo Hudson**: offerecido à infância e ao povo. Rio de Janeiro. Typ. Central de Brown & Evaristo. 1876. Volume 1.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)**. São Paulo: USF/CDAPH, 2001.

LACOMBE, Lourenço Luiz. **Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe e Alagoas – 1859 / D. Pedro II**. Prefácio e notas Lourenço Luiz Lacombe. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Bom Texto; Letras & Expressões, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Editora da UNIICAMP, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **O cinema como pedagogia**. In: LOPES, Eliana Marte Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2ª edição. 608p. (Coleção Historial, 6).

MAGALHÃES, Justino. **Da cadeira ao banco: escola e modernização (séculos XVII – XX)**. Lisboa: Educa; Unidade de I&D de Ciências da Educação, 2010.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Senhor da Pedra: os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940-1980)**. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia: vida e morte**. Fac-símile. Recife: Ed. CEPE, 1991.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; MARTIN, Sonia Dorotea. **Coletânea da Documentação Educacional Paranaense no período 1854-1889**. Brasília: INEP/SBHE, 2004.

MONARCHA, Carlos. **A instrução pública nas vozes dos portadores do futuro (Brasil – séculos XIX e XX)**. [recurso eletrônico] Uberlândia: EDUFU, 2019.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. **Delmiro Gouveia e a educação na Pedra**. 4. Ed. – Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do; BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Orgs.). **Correio da Pedra**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.

NUNES, Clarice. **(Des)encantos da modernidade pedagógica**. In: LOPES, Eliana Marte Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2ª edição. 608p. (Coleção Historial, 6).

OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. **Nos trilhos da história do baixo São Francisco: um ensaio sobre a Estrada de Ferro Paulo Afonso. Mneme - Revista de Humanidades**, *[S. l.]*, v. 4, n. 08, 2003. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/175. Acesso em: 16 maio. 2023.

PICANÇO, Francisco. **Diccionario de Estradas de Ferro**. Rio de Janeiro: Imprensa a Vapor H. Lombaerts & Companhia, 1891.

ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia: o pioneiro de Paulo Afonso** / Tadeu Rocha. – [Edição fac-símile]. - Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

RUBENS, Paula. **O jatobá que virou mar**. Recife: Ed. Do Autor, 2016.

SANTOS, Clélio Cristiano dos. **Transformações das relações rural-urbano desencadeadas por grandes empreendimentos hidrelétricos: reflexões a partir de Petrolândia**. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

SILVA, Davi Roberto Bandeira da. **A Construção da Estrada de Ferro Paulo Afonso: Fotografia e História** – Maceió: IHGAL, 2012. 110p. Ilustrado.

SILVA, Fagner David da. **A estrada de automóveis do Seridó e a constituição de uma nova mobilidade no território norte-rio-grandense (1914 – 1934)**. v. 4, n. 2. Anápolis: Rev. Hist. UEG, 2015.

SILVA, Karla Karine de Jesus. **O patrão, o contador e o empregado: Delmiro Gouveia nas biografias de Adolpho Santos e Lauro Góes (1940 – 1970).** Dissertação (Mestrado em História) São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: UNESP, 1998. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=XnVXfDUTJKkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 09 de mai. 2023.

DECRETOS

BRASIL. Decreto nº 641, de 26 de junho de 1852. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1853, p 6. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-641-26-junho-1852-558790-publicacaooriginal-80365-pl.html#:~:text=Autorisa%20o%20Governo%20para%20conceder,Paulo%2C%20que%20mais%20convenientes%20forem. Acesso em 15 de mai.2023.

JORNAIS

Correio da Pedra, 05 de fevereiro de 1922.

Correio da Pedra, 26 de fevereiro de 1922.

Correio da Pedra, 21 de maio de 1922.

Correio da Pedra, 18 de julho de 1922.

Correio da Pedra, 7 de setembro de 1922.

Correio da Pedra, 11 de novembro de 1923.

Correio da Pedra, 5 de junho de 1927.

Correio da Pedra, 25 de maio de 1930.

O Orbe, 26 de novembro de 1879. Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/ Acesso em: 26 de abr. 2023.

Gutenberg, 06 de abril de 1906. Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/ Acesso em: 26 de abr. 2023.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Quadro de levantamento das matérias sobre a Estrada de Ferro Paulo Afonso

FONTE: JORNAL CORREIO DA PEDRA ÓRGÃO DE PUBLICAÇÃO SEMANAL PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO Pedra - Alagoas			
1922 - 1930			
EDIÇÃO	**AUTOR**	**TÍTULO**	**SÍNTESE**
Anno IV, nº 177, 26 de fevereiro de 1922, p.18. Domingo	H. de Menezes	✓ Commentando (sic) – 1ª p.	• Informa sobre a demolição de grande parte dos antigos prédios das ex-oficinas da via férrea.
Anno IV, nº 193, 18 de junho de 1922, p.51. Domingo		✓ JATOBÁ – 2ª p.	• Sobre Jatobá ser o ponto terminal da Estrada de Ferro Paulo Afonso, situada à margem do S. Francisco;
Anno IV, nº 205, 7 de setembro de 1922, p 71. Quinta-feira		✓ REGISTRO SOCIAL – 2ª p.	• Informa sobre o Cel. José Pedro C. Cunha, administrador da Estrada de Ferro Paulo Afonso.
Anno IV, nº 200, 6 de agosto de 1922, p.63. Domingo		✓ O centenário das estradas de ferro - 2ª p.	• Que a Inglaterra se prepara para a comemoração do 3º centenário das estradas de ferro; • Conta um pouco de como tudo começou.
VOLUME I Anno IV, nº 208, 24 de setembro de 1922, p. 79. Domingo	Não consta.	✓ Estrada de Ferro Paulo Affonso -	• Devido a um desarranjo da locomotiva, o trem que se destinava a Jatobá ficou demorado perto da estação do Talhado.
Anno IX, nº 452, 12 de junho de 1927, p. 103. Domingo		✓ NOTÍCIAS LOCAES - JATOBÁ - 2ª p.	• O Cel. José Vieira, administrador da vi Férrea Paulo Afonso, fotografa os funcionários para fins de férias.

Anno IX, nº 458, 24 de julho de 1927, p. 131. Domingo		✓ A GREAT WESTERN – EDITORIAL - 1ª p.	• Crise enorme na Linha Férrea.
Ano XI, nº 532, 6 de janeiro de 1929, p. 14.		✓ INICIATIVA PATRIÓTICA – NOTA - 1ª p.	• Fala um pouquinho sobre a Linha Férrea.
Ano XI, nº 565, 1º de setembro de 1929, p. 149.		✓ DOS NOSSOS CORRESPONDENTES – PIRANHAS – 4ª p.	• Major Manoel Vieira Ramos, almoxarife aposentado da Estrada de Ferro Paulo Afonso e criador do município de Piranhas (AL);
Ano XI, nº 569, 12 de outubro de 1929, p. 174.		✓ NOTÍCIAS LOCAIS – PIRANHAS - 5ª p.	• Esteve em Piranhas o Cel. José Vieira, esforçado administrador da via Férrea Paulo Afonso.

APÊNDICE B – Quadro de levantamento das matérias relacionadas às escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso

FONTE: JORNAL CORREIO DA PEDRA ÓRGÃO DE PUBLICAÇÃO SEMANAL PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO Pedra - Alagoas			
1922 - 1930			
EDIÇÃO	**AUTOR**	**TÍTULO**	**SÍNTESE**
VOLUME I Anno IV, nº 177, 26 de fevereiro de 1922, p.18. Domingo	H. de Menezes	✓ Commentando (sic)-1ª p.	• Sobre o fechamento de uma única escola do sexo masculino, em Jatobá, Pernambuco. • Fala da extinção de outras escolas.
VOLUME I Anno VI, nº 267, 11 de novembro de 1923, p. 182.		✓ GUERRA AO ANALFABETISMO NOTA – 3ª p.	• Sobre a turma com 38 alunos formada pelo professor Manoel Camillo, matriculados em sua escola, no sítio Juazeiro (Jatobá);
VOLUME I Anno VI, nº 270, 2 de dezembro de 1923, p. 193. (Não informa o dia da semana)		✓ Jatobá – 2ª página	• Sobre a chegada do engenheiro Brandão Cavalcante a Jatobá (PE), destacando o compromisso assumido por ele de construir dois prédios destinados um à escola.
Anno VII, nº 304, 27 de julho de 1924, p. 310. (Não informa mais o dia da semana)	J. Roberto	✓ A GRANDEZA DAS NAÇÕES -1ª p. Sobre Pernambuco.	• Destaca que há escolas em todos os povoados.
Anno VIII, nº 327, 4 de janeiro		✓ ESCOLAS PÚBLICAS – NOTA – 2ª p.	• Anuncia o início das aulas nas seis escolas da Vila da Pedra e fala sobre a

de 1925, p. 15. (Não informa o dia da semana)			obrigatoriedade da matrícula de todas as crianças.
Anno VIII, nº 330, 25 de janeiro de 1925, p. 27. (Não informa o dia da semana)		✓ PELO MUNICÍPIO – NOTA - 2ª p.	• Divulgação de uma cadeira de instituição primária no Tanque, município de Água Branca (AL).
Anno IX, nº 445 (este número foi repetido: 17 e 24/04), 24 de abril de 1927, p. 77. (Não informa o dia da semana)		✓ JATOBÁ (PE) – 4ª p.	• As escolas estaduais estão sendo frequentadíssimas nesta localidade;
Anno IX, nº 450, 29 de maio de 1927, p. 97. (Não informa o dia da semana)		✓ JATOBÁ (PE) – 2ª p.	• Apelo da população para o Dr. Brandão Cavalcanti terminar a construção do grupo escolar;
Anno IX, nº 451, 5 de junho de 1927, p. 99. (Não informa o dia da semana)		✓ PELA INSTRUCÇÃO – 2ª p.	• Sobre a necessidade de criação de um grupo escolar.
Anno IX, nº 457, 17 de julho de 1927, p. 127. (Não informa o dia da semana)		✓ UM GRUPO ESCOLAR NA PEDRA – 2ª p.	• Cogita-se, seriamente, da fundação de um grupo Escolar na Vila.
Ano XI, nº 565, 1º de setembro		✓ DOS NOSSOS CORRESPONDENTES	• Sobre a inauguração de uma escola noturna

de 1929, p. 149.			para rapazes em Jatobá.
Ano XI, nº 567, 29 de setembro de 1929, p. 163.		✓ NOTÍCIAS LOCAIS – VILA DA PEDRA	• Fala sobre a visita do Sr. Manoel Firmo, presidente da Junta Escolar do município;
Ano XII, nº 584, 6 de abril de 1930, p. 275.		✓ DOS NOSSOS CORRESPONDENTES – JATOBÁ	• Continua vaga à cadeira escolar do sexo feminino naquela localidade.

APÊNDICE C – Quadro de levantamento das matérias sobre professores das escolas que margeavam a Estrada de Ferro Paulo Afonso

FONTE: JORNAL CORREIO DA PEDRA ÓRGÃO DE PUBLICAÇÃO SEMANAL PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO Pedra - Alagoas			
1922 - 1930			
EDIÇÃO	**AUTOR**	**TÍTULO**	**SÍNTESE**
Anno IV, nº 177, 26 de fevereiro de 1922, p.20. Domingo		✓ Chama-se Maria da Purificação Medeiros – NOTA - 3ª p.	• Professora nomeada pelo Dr. Fernandes Lima, governador do Estado, para a cadeira mista de Água Branca, Alagoas.
Anno IV, nº 179, 12 de março de 1922, p.26. Domingo		✓ Ligeiro cavaco - 1ª p.	• Fala da transferência do professor da cadeira do sexo masculino de Jatobá (PE) para Bebedouro (PE), não mais o substituindo.
Anno IV, nº 196, 9 de julho de 1922, p.59. Domingo		✓ Aqui, Alli, Acolá... Jatobá – 2ª p.	• Informa sobre o batizado da filha da professora Othilia Sandes.
Anno IV, nº 204, 3 de setembro de 1922, p.67. Domingo		✓ Registro Social – 2ª p.	• Informe sobre a visita de Argentina Fortes, professora em Paulo Afonso, à vila Da Pedra.
Anno VI, nº 267, 11 de novembro de 1923, p. 182.		✓ GUERRA AO ANALFABETISMO NOTA – 3ª p.	• Sobre o Professor Manoel Camillo e sua turma de 38 alunos, no sítio Juazeiro (Jatobá).
Anno VII, nº 296, 1º de junho de 1924, p. 282. (Não informa	J. Roberto	✓ NOTÍCIAS DE PEDRA, ALAGOAS - 1ª p.	• Fala sobre escolas subvencionadas;

mais o dia da semana)			
Anno VIII, nº 330, 25 de janeiro de 1925, p. 27. (Não informa o dia da semana)		✓ PELO MUNICÍPIO – NOTA - 2ª p.	• Nomeação do professor José Francisco, no Tanque, Água Branca (AL).
Anno XI, nº 442, 27 de março de 1927, p. 61. (Não informa o dia da semana)		✓ JATOBÁ (PE) – 4ª p.	• Chegada das professoras Sílvia Argemira Brekenfeld e Cacilda Argemira Brekenfeld; uma para reger a cadeira do sexo masculino e outra para reger a cadeira do sexo masculino.
Anno XI, nº 445, 17 de abril de 1927, p. 73. (Não informa o dia da semana)		✓ JATOBÁ (PE) – 4ª p.	• Destaque para o excelente trabalho realizado pelas professoras Sílvia Argemira Brekenfeld e Cacilda Argemira Brekenfeld; • Receberam visita de Zuleide Leite e de Dolôres Rocha, de Tacaratu, professoras de Tacaratu (PE), para passarem a Semana Santa.
Ano XI, nº 564, 25 de agosto de 1929, p. 142.			• Nomeação da professora Argentina Vieira Ramos,– Piranhas; • Foi também nomeada professora-numerária Alice Soares Bandeira, do Povoado Olho D´água, deste município – Piranhas -
Ano XI, nº 566,		✓ NOTÍCIAS LOCAIS – JATOBÁ	• Fala sobre a comemoração do 7 de

15 de setembro de 1929, p. 157.			setembro pelas escolas estadual e municipal, regidas pelos professores José Theodorico e d. Affonsina Cavalcanti.
Ano XI, nº 569, 12 de outubro de 1929, p. 178.		✓ COLABORAÇÃO DO PROFESSORADO DA PEDRA	• Contribuição das professoras: Nathércia Serpa, Adélia Carvalho e Francisca Rosa da Costa.
Ano XI, nº 564, 24 de novembro de 1929, p. 201.		✓ NOTÍCIAS LOCAIS – VILA DA PEDRA	• Divulgação do resultado dos exames da Escola Delmiro Gouveia, regida pela professora extra-numerária, d. Antônia Malta, sob a presidência do Sr. Hildebrando Menezes, inspetor rural de ensino da Vila.
Ano XI, nº 565, 24 de novembro de 1929, p. 203.		✓ NOTÍCIAS LOCAIS – JATOBÁ	• Professor José Theodorico Cavalcante, sob a presidência do Sr. Cel. Aureliano Menezes, em substituição ao Sr. Januário Almeida, delegado de ensino, que se acha enfermo.
Ano XII, nº 589, 11 de maio de 1930, p. 295.		✓ DOS NOSSOS CORRESPONDENTES – JATOBÁ	• **N**omeação da professora interina da cadeira do sexo feminino, a senhorita Maria Dulce Delgado.

APÊNDICE D – Quadro de levantamento de matérias sobre alunos das escolas que margearam a Estrada de Ferro Paulo Afonso

FONTE: JORNAL CORREIO DA PEDRA ÓRGÃO DE PUBLICAÇÃO SEMANAL PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO Pedra - Alagoas			
1922 - 1930			
EDIÇÃO	**AUTOR**	**TÍTULO**	**SÍNTESE**
Anno VI, nº 267, 11 de novembro de 1923, p. 182.		✓ GUERRA AO ANALFABETISMO NOTA – 3ª p.	• Nomes dos 38 alunos da turma do professor Manoel Camillo, no sítio Juazeiro (Jatobá);
Ano XI, nº 567, 8 de dezembro de 1929, p. 209.		✓ NOTÍCIAS LOCAIS – VILA DA PEDRA	• Nomes dos 47 alunos que compareceram à atividade desenvolvida no Cassino, sendo 17 de sexo masculino e 30 de sexo feminino.

APÊNDICE E – Quadro de levantamento sobre práticas pedagógicas, livro e alfabetização das escolas que margeavam a Estrada de ferro Paulo Afonso

FONTE: JORNAL CORREIO DA PEDRA ÓRGÃO DE PUBLICAÇÃO SEMANAL PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO Pedra - Alagoas			
1922 - 1930			
EDIÇÃO	**AUTOR**	**TÍTULO**	**SÍNTESE**
Anno IV, nº 177, 26 de fevereiro de 1922, p.18. Domingo	H. de M.enezes	✓ Commentando (sic) – 1ª p.	• Fala sobre o combate ao analfabetismo.
VOLUME I Anno IV, nº 177, 26 de fevereiro de 1922, p.18. Domingo		✓ O encarecimento dos livros – 1ª p.	• Sobre o preço dos livros escolares;
Volume I Anno IV, nº 193, 18 de junho de 1922, p.50. Domingo		• Do artigo editorial do "Índio" de 04/05/1922, sobre a epígrafe A instrução pública – 1ª p. ✓ Sobre Pedra	• Sobre o trabalho do inspetor Adolpho Santos;
VOLUME I Anno IV, nº 204, 3 de setembro de 1922, p.66. Domingo	J. ROBERTO	✓ EDITORIAL: A LEI OPORTUNA –	• Sobre a decisão do Governo de Pernambuco de decretar a obrigatoriedade do ensino primário;
VOLUME I Anno VI, nº 268, 18		✓ EXAMES PRIMÁRIOS - 2ª p.	• Cronograma de datas para a realização de exames e provas finais do ano de 1923.

de novembro de 1923, p. 185. (não informa o dia da semana)			
Anno VII, nº 304, 27 de julho de 1924, p. 310. (Não informa mais o dia da semana)	J. Roberto	✓ A GRANDEZA DAS NAÇÕES -1ª p.	• Fala sobre os serviços de higiene pública em Pernambuco.
Anno VII, nº 323, 07 de dezembro de 1924, p. 374.		✓ EDITORIAL – INSTRUÇÃO NA PEDRA – 1ª p.	• Sobre o sonho de Delmiro Gouveia pela instrução de crianças e adultos; • Do cuidado do gerente e Fiscal de Ensino Público, Adolpho Santos Filho, para a realidade do ensino público;
Ano XI, nº 564, 17 de novembro de 1929, p. 197.		✓ NOTÍCIAS LOCAIS – VILA DA PEDRA – ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS ESCOLARES	• No cassino, realizou-se o encerramento dos trabalhos letivos da Vila, com o comparecimento das quatro escolas; Houve solenidade.
Ano XII, nº 572, 12 de janeiro de 1930, p. 226.		✓ O ENSINO NO SERTÃO	• Fala sobre a importância da "desanalphabetização" do nosso povo;

APÊNDICE F – Quadro de levantamento de produções sobre o processo educativo na região da Estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) a Jatobá (PE)

TESE DE DOUTORADO		
Ano	**Autor**	**Título do trabalho**
2008	Dilton Cândido Santos Maynard	O Senhor da Pedra: os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940-1980)
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO		
Ano	**Autor**	**Título do trabalho**
2012	Edvaldo Francisco do Nascimento	Delmiro Gouveia e o processo educacional desenvolvido no núcleo fabril da Pedra, sertão de Alagoas (1902 – 1926)
2014	Karla Karine de Jesus Silva	O Patrão, o contador e o empregado: Delmiro Gouveia nas biografias de Adolpho Santos e Lauro Góes (1940-1970)
ENSAIO		
Ano	**Autor**	**Título do trabalho**
1998	Eduardo Bezerra Cavalcante	Correio e Vila Operária da Pedra: o patronato e a ideologia do trabalho com uma experiência comunitária

ANEXO

ANEXO A – Página do jornal alagoano O Orbe, de 26 de novembro de 1879, contendo a solicitação do 200 exemplares do Methodo Hudson, feita por Reinaldo von Krüger

2 O ORBE

forços que tende a desenvolver o amavel collega para o proseguimento da missão de que se incumbio, e crendo que elle dispõe de todos os elementos precisos para esse desideratum, desejamos-lhe de coração todas as prosperidades no arduo labor, e agradecidos á fineza, asseguramos-lhe que seremos pontuaes na retribuição com a remessa de nosso humilde periodico.

Consta da parte do doutor chefe de policia, em 24 do corrente, que na enfermaria da cadeia desta cidade falleceu o sentenciado José Joaquim Bastos de Couto.

Recebemos da Estancia em Sergipe o 3º numero do *Tributo*, orgão da imprensa conservadora, que, bem redigido, demonstra a naturesa dos elementos que possue para desempenhar o' lugar que por direito lhe compete no jornalismo brazileiro.

Folgamos com isso, e enviando d'aqui os nossos sinceros votos de prosperidade, agradecemos a delicadesa que para com nosco teve a illustrada redacção da importante folha, asseverando-lhe que corresponderemos com a remessa de nosso modesto periodico.

Do expediente do governo da provincia em 17 do corrente, consta que Sº. Exc. o Sr. Presidente remetteu ao engenheiro em chefe da estrada de ferro de Paulo Affonso 200 exemplares do methodo Hudson, offerecidos pea um distincto alagoano, para serem distribuidos pelos alumnos pobres que frequentam as escolas de instrucção primaria, que devidas á iniciativa particular existem hoje nessa povoação.

Extranhou o *Diario das Alagoas* a singularidade da remessa: achamos justa a extranheza, porque não sabemosem que caracter pode ser encarregado o referido engenheiro de uma incumbencia que só diz respeito á instrucção publica.

Diz o *Jornal de Noticias* da Bahia, que o Sr. cons.º Ribas acaba de verificar no original do codigo criminal, depositado no archivo publico, que o art. 454 do mesmo codigo que corre impresso, ha uma sensivel differença do original que diz: « Art. 454. A citação ou intimação de protesto feito a devedor *ou* herdeiro commum etc. » e na collecção impressa lê-se: « A citação ou intimação de protesto feita a devedor *do* herdeiro commum; etc. »

Quantos transtornos não terão resultado d'esse engano!!

Telegrapham de Vienna em 17 do corrente, que acaba de realizar-se, perante toda a côrte austriaca, com o devido ceremonial, a renuncia da archiduqueza Christina, noiva do rei de Hespanha, D. Affonso XII, dos seus direitos eventuaes á corôa d'Austria.

Espera-se dos portos do sul em o dia 28 do corrente o vapor inglez *Guadiana*, commandante Kemp, o qual depois da demora do costume seguirá para Pernambuco, Lisboa Southamton e Antuerpia.

Consta de New York que rebentou uma insurreição de certa gravidade nas cinco seguintes cidades dos Estados Unidos: Carlin-ville, Jersey-ville, Belle-ville, Harrison ville e Pinckney ville, todas na Vandalia.

As forças de que dispunham as autoridades locaes, foram insufficientes para lutar contra os sediciosos e abafar a insurreição.

Em 11 do corrente commemorava o *Jornal de Noticias* da Bahia o seguinte luctuoso anniversario:

Faz hoje 19 annos que naufragou nas costas de Marrocos, Sete leguas ao sul do cabo Spartel, a corveta brazileira *Izabel*, que andava em viagem de instrucção com a turma de guardas-marinha do anno de 1859.

Segundo o *Jornal do Recife*, refere o *Diario de Santos* o seguinte:

« Importantissimas teem sido as entradas de café na estação desta cidade, achando-se não só o respectivo armazem de cargas completamente cheio, como a plata-fórma da estação de passageiros tambem quasi tomada.

« A continuarem as entradas pela mesma fórma, acreditámos que a companhia terá muito breve de procurar armazem fóra para o armazenar. »

Diz uma folha de S. Paulo:

« Em Bragança apresentou-se um individuo com caracter sacerdotal, recommendado por vigarios do sul de Minas e assignase padre José Antonio da Silva; havendo, porém, indicios vehementes de que não é padre esse individuo, o subdelegado de policia, tendo denuncia, mandou comparecer á sua presença para averiguações.

O *Guaripocaba* donde extrahimos esta noticia diz, que o tal *padre* não apresentou documentos e do interrogatorio e perguntas que lhe foram feitas sobre theologia e liturgia, ficou evidenciado que não passa de um embusteiro.

Posta assim em duvida a sua identidade sacerdotal, tendo celebrado missa e outros actos religiosos; á vista de informações do vigario de Paraizo e do que diz a *Gazeta de Lorena*; attentas as consequentes suspeitas do interrogatorio, o mesmo subdelegado ordenou que fosse recolhido á cadeia para ulteriores averiguações e ser enviado ao Exmº Chefe de policia para providenciar como o caso requer.

Refere uma folha de Montevidéu que na colonia do Apa, occulta entre os grandes bosques do Paraguay, reside um joven engenheiro italiano de nome Deamici com o proposito de estudar, em beneficio da sciencia e da industria, aquellas ricas e solitarias paragens, já tendo descoberto em uma gruta varios restos de animaes, não existentes actualmente e uma hacha de silex que denuncia a presença do homem em epocha remotissima.

Lê-se no *Jornal do Comercio*:

« Os vapores francezes que largam de Bordéos no dia 5 de

FOLHETIM 46

O MYSTERIO DA ESTRADA DE CINTRA

CARTAS AO *Diario de Noticias*

As revelações de A. M. C.

II

Que importa porém que o não entendam, que o não apreciem os outros?.. Toda esta gente é má, corrupta, perversa! Agradeço-t'o eu, minha senhora, minha desvelada e velha amiga.

Nos arabescos desta renda, que eu estou apalpando na mão, e que tu me consagraste, figura-se-me sentir o correr caprichoso e ondeado das lagrymas que choraste emquanto o vento ramalhava nas arvores, a saraiva estrepitava nas janellas, e tu desvelavas as tuas noites de inverno, resignadamente ajoelhada junto do berço em que rabujava o teu pequeno.

Quando sinto no rosto o aspero contacto dos teus crispados folhos bordados, beijo-os piedosamente, beijo-os eu, como si fosse o meu anjo bom que me visitasse e me roçasse na face com a ponta das suas asas, purificadoras e brancas!

Mas além do cheiro do meu bragal, que me envolvia como um afago mandado de longe pela familia, havia na minha cama outro perfume que contrastava singularmente com este. Era o que aromatisava a pelle da senhora desconhecida, e que me ficara fatalmente na mão que ella apertou. Respirei-o com uma sensualidade acre, irritante, que interiormente me pungia e me dilacerava.

Ai de mim! collei os' labios na mão aberta sobre o meu rosto, e principiei a sorver com uma ancia delirante esse mysterioso e profundo respiro de um paraiso desconhecido, cuja serpente se me enroscava nas carnes interceptando-me o curso do sangue nas arterias.

E' monstruoso, infernal, satanico, o turbilhão das idéas que esse aroma extranho, penetrante e callido me revolveu tempestuosamente, no cerebro.

Sentia em mim os fogachos, as palpitações e a allucinação da febre.

Quando pela manhã me levantei, sem haver dormido em toda a noite, tinha o meu travesseiro inundado em lagrymas.

Perdoa-me Therezinha! minha Thereziuha, perdoa-me... Não foi pensando em ti, meu innocente anjo, que eu chorei tanto n'essa noite!

III

Soube d'ahi ha dias que a senhora com quem me encontrára era a condessa de W. A figura d'ella tinha-me ficado estampada na memoria como o rosto de um cadaver em uma mascara de gesso. Estava no Rocio, quando me disséram o seu nome, ao vel-a passar em carruagem descoberta.

Ia reclinada para o canto de uma victoria, quasi deitada, morbida, abstrahida, serena, indifferente como si uma aureola invisivel a segregasse dos aspectos e dos ruidos de rua, grosseiros de mais para lhe tocarem. Vestia de verão com uma simplicidade cheia de mimo e de frescura, uma graça que se adivinhava mais do que se via e que menos apetecia ver do que respirar.

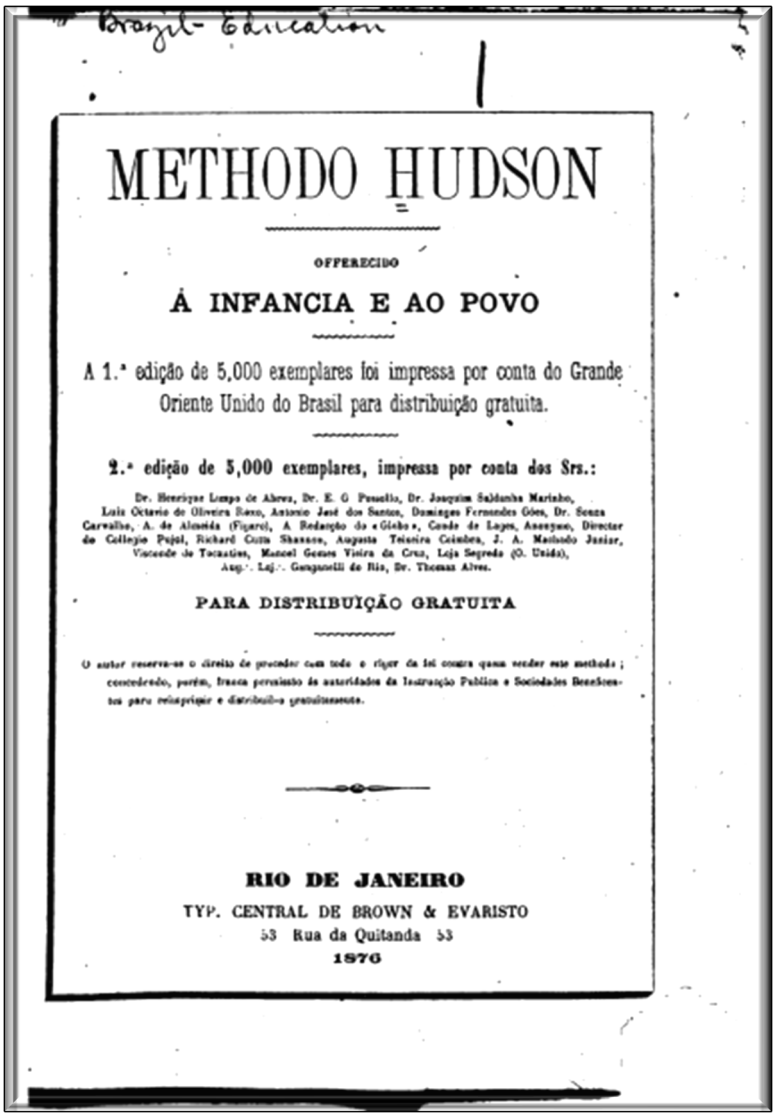
Tinha no seio uma rosa cor de palha, e uma pequena madeixa de cabellos finos, dourados, transparentes, soltos do penteado, cahia-lhe na testa com uma seducção haluciuante.

Cravei os olhos nella e tirei o meu chapeu; ella viu o meu cumprimento, olhou-me, como si eu lhe apparecesse pela primeira vez com a mesma indifferença com que olharia para uma vidraça vasia ou para uma tabolela sem distico, e proseguiu inalteravel e immovel como a imagem preguiçosa da formosura arrebatada do seu pedestal por um cocheiro agalnado e por uma parelha de urços.

Continuei a passear com um amigo com quem estava, e cobri tanto quanto

ANEXO B – Página do jornal alagoano Gutenberg, contendo a convocação apara a vaga de professor na Estrada de Ferro

ANEXO C – Capa do Método Hudson



Brazil- Education

METHODO HUDSON

OFFERECIDO

Á INFANCIA E AO POVO

A 1.ª edição de 5,000 exemplares foi impressa por conta do Grande Oriente Unido do Brasil para distribuição gratuita.

2.ª edição de 5,000 exemplares, impressa por conta dos Srs.:

Dr. Henrique Lempo de Abreu, Dr. E. G. Possolio, Dr. Joaquim Saldanha Marinho, Luiz Octavio de Oliveira Roxo, Antonio José dos Santos, Domingos Fernandes Góes, Dr. Souza Carvalho, A. de Almeida (Figaro), A Redacção do «Globo», Conde de Lages, Anonymo, Director do Collegio Pujol, Richard Cutts Shannon, Augusto Teixeira Coimbra, J. A. Machado Junior, Visconde de Tocantins, Manoel Gomes Vieira da Cruz, Loja Segredo (O. Unido), Aug.·. Loj.·. Gunganelli do Rio, Dr. Thomaz Alves.

PARA DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

O autor reserva-se o direito de proceder com todo o rigor da lei contra quem vender este methodo; concedendo, porém, franca permissão ás autoridades da Instrucção Publica e Sociedades Beneficentes para reimprimir e distribuil-o gratuitamente.

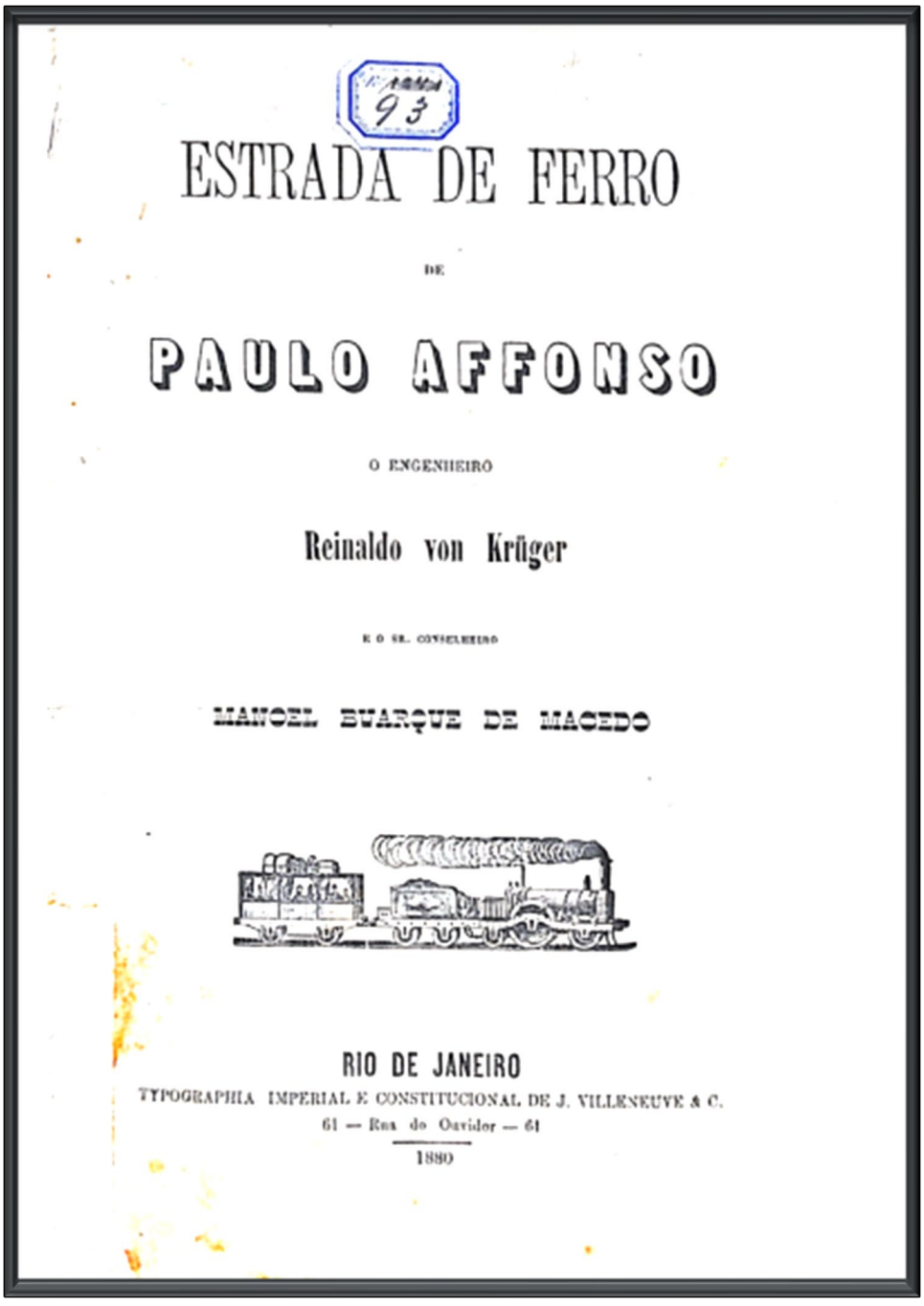
RIO DE JANEIRO

TYP. CENTRAL DE BROWN & EVARISTO

53 Rua da Quitanda 53

1876

ANEXO D – Capa do livro – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGAL – Biblioteca Deraldo Campos.



93

ESTRADA DE FERRO

DE

PAULO AFFONSO

O ENGENHEIRO

Reinaldo von Krüger

E O SR. CONSELHEIRO

MANOEL BUARQUE DE MACEDO

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA IMPERIAL E CONSTITUCIONAL DE J. VILLENEUVE & C.

61 — Rua do Ouvidor — 61

1880

ANEXO E – Capa do Atlas e Relatório sobre o Rio São Francisco

ATLAS E RELATORIO
CONCERNENTE Á EXPLORAÇÃO
DO
RIO DE S. FRANCISCO
DESDE A CACHOEIRA DA PIRAPÓRA
ATÉ AO OCEANO ATLANTICO.
LEVANTADO POR ORDEM DO GOVERNO DE S.M.I.O SENHOR
DOM PEDRO II.
pelo Engenheiro Civil
HENRIQUE GUILHERME FERNANDO HALFELD
nos 1852, 1853 e 1854,
E MANDADO LITHOGRAPHAR NA LITHOGRAPHIA IMPERIAL
DE
Eduardo Rensburg
RIO DE JANEIRO.
1860.

ANEXO F – Estação Inicial – Piranhas (AL) Foto de autoria da pesquisadora, em 2022.